

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROBERTA GUIMARÃES

EM NOME DA “NOSSA LIBERDADE”:
REACIONARISMO, YOUTUBE E IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS PARA A
DEMOCRACIA

CHAPECÓ, SC

2024

ROBERTA GUIMARÃES

**EM NOME DA “NOSSA LIBERDADE”:
REACIONARISMO, YOUTUBE E IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS PARA A
DEMOCRACIA**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Antonio Picoli

CHAPECÓ, SC

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Guimarães, Roberta
Em nome da "nossa liberdade": Reacionarismo, YouTube
e implicações educacionais para a democracia / Roberta
Guimarães. -- 2025.
132 f.:il.

Orientador: Doutor Bruno Antonio Picoli

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Chapecó, SC, 2025.

1. Reacionarismo. 2. Educação Informal. 3. YouTube.
4. Jovem Pan. 5. Conhecimentos e práticas educacionais.
I. Picoli, Bruno Antonio, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ROBERTA GUIMARÃES

**EM NOME DA “NOSSA LIBERDADE”:
REACIONARISMO, YOUTUBE E IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS PARA A
DEMOCRACIA**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 15/01/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **BRUNO ANTONIO PICOLI**
Data: 27/02/2025 12:23:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Antonio Picoli – UFFS
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **RENILDA VICENZI**
Data: 27/02/2025 12:19:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a Renilda Vicenzi - UFFS
Avaliador

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDO DE ARAÚJO PENNA**
Data: 27/02/2025 12:11:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fernando de Araújo Penna – UFF
Avaliador

Dedico este trabalho aos que fizeram de tudo para que eu chegasse até aqui, mesmo a vida tendo lhes arrancado a chance de aqui poder chegar. Dedico para os que, depois de mim, aqui chegarão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Eloi Guimarães e Ivete Guimarães, por todo amor, confiança, força e resiliência que tiveram ao longo de suas vidas para que eu chegasse até aqui, para me proporcionar o privilégio de escolher o meu caminho sabendo que, graças a eles, eu sempre terei colo, amor e um lar à minha espera.

Agradeço à minha irmã Fabiane por ser *a minha pessoa*, meu lugar de compreensão, amor e força. Seja nos dias floridos ou então nos dias que nem mesmo as flores são capazes de nos acalantar, tua presença na minha vida é essencial, é basilar para que eu jamais esqueça que sou capaz de chegar aonde eu quiser.

Agradeço ao meu cunhado Flávio por todo amparo e dedicação. Obrigada por ser um amigo, um segundo irmão, e por sempre nos lembrar que para tudo há uma solução, que tudo sempre se resolve e, é claro, que boas risadas são sempre o melhor acalento.

Agradeço às minhas sobrinhas Flávia e Filipa por serem a luz e cor dos meus dias. Agradeço a elas, especialmente pela compreensão que sempre tiveram quando os momentos de necessária ausência aconteceram e, principalmente, por elas serem um dos motivos que me fazem esperar e buscar fazer deste mundo um lugar melhor.

Agradeço ao meu irmão Fábio e minha cunhada Francine que, mesmo à longa distância, sempre estiveram presentes nesse processo.

Agradeço ao Cauã, que chegou na minha vida em um dos momentos mais desordenados e, mesmo assim, foi meu lugar de tranquilidade e afeto em uma profissão, em uma vida e num mundo nem sempre tranquilo e afetuoso.

Agradeço à Milena, minha amiga e companheira de graduação e pós-graduação, minha cara-metade dos estudos, por fazer desse processo mais leve e feliz, seja pelas risadas compartilhadas ou então pelas constantes conversas sobre nossa situação de trabalho e de pesquisa. Saiba, Teodoro, que você é uma pessoa singular nesse mundo tão careta e caótico e que sou grata e feliz por compartilhar desta trajetória que você.

Agradeço às minhas amigas Dara e Deiser e ao meu amigo Luiz pelo carinho, conversas, desabafos e memórias cultivadas ao longo dos nossos anos de amizade. Vocês também são uma peça essencial na minha vida.

Agradeço ao meu orientador, professor Bruno, por toda ajuda e confiança depositada em mim e em minha pesquisa. Novamente reforço o fato de eu ser uma pessoa privilegiada por ter a orientação de um professor e um pesquisador como você que, para além de defender academicamente a alteridade, o cuidado e uma educação democrática, aberta para o novo e a

singularidade de cada *ser* no mundo, é exemplo vívido do que isso significa na prática, no cotidiano, no processo formativo de quem tem a sorte de tê-lo como professor.

Por fim, não posso deixar de agradecer ao professor Jorge Marchiori, meu Professor de História do ensino médio, o responsável por eu ter escolhido o caminho da docência em História, da educação, e a primeira pessoa a me fazer experienciar, efetivamente, como a escola e a educação pode mudar não só o curso da vida de um estudante, mas a forma como esse mesmo estudante compreende a si mesmo e ao mundo ao seu redor.

“A História demanda coragem. Exige de nós uma postura estética que é a manifestação de uma ética, de uma retidão, do dever de estabelecer o não-mais, o intolerável, aquilo que não temos o direito de assistir indiferentes. É um ato corajoso porque não podemos esquecer que há quem se beneficia com a violência e com a injustiça. Estes mercadores da morte dizem que não são coveiros, mas estão dispostos a tudo para enterrar o futuro. Coragem também para enfrentar os desafios de um tempo em que a ignomínia é desmesurada, em que a verdade perdeu seu estatuto e cumpre a função de adequar-se aos apetites, em que a ignorância ganhou ares de erudição [...] A indiferença é um sintoma da incapacidade de sentir, e, portanto, de um déficit de humanidade. Mas a indiferença desumaniza o indiferente, nunca a vítima. O absurdo, e a indiferença que lhe oferece segurança, nos arremessam em um campo perigoso: contentamo-nos, desde que a vítima seja o outro. Eis o perigo da indiferença denunciado por Brecht há muito tempo. É preciso coragem para não ser indiferente. Por fim, é preciso coragem também para o novo. Quando dizemos 'nunca mais' com firmeza, instauramos no tempo uma fenda preciosa: a possibilidade do ainda-não, da superação da violência sem sentido, do encontro alvissareiro com outro, do cuidado, da justiça, do futuro. Como nos ensinou Belchior, "presentemente, meus caros, podemos nos considerar sujeitos de sorte" porque temos uma chance de instaurar essa fenda, e a temos hoje. A temos hoje porque ainda estamos vivos, ainda podemos inaugurar outro tempo, criar outro mundo, mais acolhedor, mais justo, mais diverso, mais humano. Estamos vivos, apesar de tudo, e estamos vivos hoje, no presente, e isso não é pouca coisa. Mas é preciso coragem. E é isso que desejo a vocês” (Bruno Antonio Picoli, 2024).

RESUMO

Frente a onda reacionária que assola, especialmente desde a última década, diversas democracias pelo mundo, a presente pesquisa tem como objetivo central vislumbrar possibilidades para superação desta realidade ao passo que compreendemos o papel das redes sociais nesse processo. Por isso, pergunto: quais são os caminhos possíveis para a estruturação de um discurso democrático e antagônico ao reacionarismo emergente e potencializado pelas redes sociais? Analisando estas como espaços de potencialização de discursos reacionários a partir da educação informal, ou seja, da ação não sistematizada para educar mas que, de uma forma ou outra, intervém na subjetividade dos sujeitos, tenho como foco de análise a plataforma *YouTube* e, sobretudo, as concepções do canal do programa *Os Pingos nos Ís* da Jovem Pan acerca do conceito de “liberdade” e “liberdade de expressão”. O recorte temporal da análise compreende o período entre 24 de junho e 12 de novembro de 2021, delimitado pela prisão e subsequente entrevista de Daniel Silveira no programa analisado. O critério de seleção dos vídeos está delimitado aos que contenham, no título ou *thumb*, “Daniel Silveira”, “liberdade”, “censura” e “democracia”. Sobre a organização do texto, ele estará dividido em cinco momentos. No primeiro, o reacionarismo será analisado não como um fenômeno exclusivo do Brasil contemporâneo, mas como um fenômeno de escala global. No segundo momento, o foco será na análise das redes sociais enquanto espaços que privilegiam a difusão de discursos reacionários, exemplificando essa perspectiva a partir de movimentos reacionários na Itália, Estados Unidos e Brasil. No terceiro, apresentarei brevemente a história da Jovem Pan com foco especial ao momento em que a empresa abraça a direita brasileira (2013) e no momento que a empresa e seu programa *Os Pingos nos Ís* tornam-se porta-vozes do reacionarismo bolsonarista (2020). No quarto momento, a partir da análise das fontes, os esforços estarão centrados para compreender a forma como o programa *Os Pingos nos Ís* intervém na subjetividade de seus ouvintes e espectadores, ou seja, como o discurso ideológico emergente do programa educa os sujeitos a partir da mobilização de determinada concepção sobre “liberdade” e “liberdade de expressão”. É nesse momento que poderemos constatar a forma como o discurso emergente das redes sociais constrói a realidade política e social brasileira. No quinto e último momento, tenho como propósito pensar os elementos fundamentais para a estruturação de um discurso voltado para uma vida democrática no mundo como forma de superar a atual hegemonia política e ideológica reacionária e sua ação potencializada pelas redes sociais. Os resultados apontam para o fato de *Os Pingos nos Ís* desempenhar um papel central na construção de uma subjetividade reacionária, promovendo uma concepção distorcida de liberdade, frequentemente vinculada à negação de direitos e ao ataque às instituições democráticas. Conclui-se que as redes sociais não apenas amplificam discursos reacionários, mas também atuam como espaços de formação ideológica e de formação de subjetividades radicalizadas, demandando estratégias educacionais que fortaleçam a compreensão crítica e o pensamento democrático. A metodologia de pesquisa está pautada na obra “Investigar la educación desde la educación”, de Sebastián Plá (2020) e a teoria de análise política do discurso é embasada em “Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical” de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015).

Palavras-chave: Reacionarismo; Educação Informal; YouTube; Jovem Pan; Conhecimentos e práticas educacionais.

ABSTRACT

In the face of the reactionary wave that has been impacting various democracies worldwide, particularly over the past decade, this research aims to explore possibilities for overcoming this reality while understanding the role of social media in this process. Therefore, I ask: what are the possible paths for structuring a democratic discourse that is antagonistic to the emerging reactionism enhanced by social networks? By analyzing social media as platforms that amplify reactionary discourses through informal education—i.e., non-systematized actions that educate in one way or another and influence the subjectivity of individuals—I focus my analysis on the YouTube platform, specifically the conceptions presented by the "Os Pingos nos Ís" program on Jovem Pan regarding the concepts of "freedom" and "freedom of expression." The temporal scope of the analysis spans from June 24 to November 12, 2021, marked by the arrest and subsequent interview of Daniel Silveira on the analyzed program. The selection criterion for videos is limited to those containing "Daniel Silveira," "freedom," "censorship," and "democracy" in their titles or thumbnails. The text is organized into five sections. The first section examines reactionism not as a phenomenon exclusive to contemporary Brazil but as a global phenomenon. The second section focuses on social media as platforms that facilitate the dissemination of reactionary discourses, exemplifying this perspective through reactionary movements in Italy, the United States, and Brazil. In the third section, I provide a brief history of Jovem Pan, with a special focus on the moment when the company aligned itself with the Brazilian right (2013) and when the company and its program "Os Pingos nos Ís" became prominent voices for Bolsonarist reactionism (2020). In the fourth section, based on the analysis of sources, efforts are centered on understanding how the "Os Pingos nos Ís" program influences the subjectivity of its listeners and viewers, i.e., how the emerging ideological discourse of the program educates subjects through the mobilization of a particular conception of "freedom" and "freedom of expression." It is at this moment that we can observe how the emerging discourse from social media shapes Brazilian political and social reality. In the fifth and final section, my purpose is to consider the fundamental elements for structuring a discourse aimed at promoting democratic life in the world as a way to overcome the current reactionary political and ideological hegemony and its amplification by social media. The results indicate that "Os Pingos nos Ís" plays a central role in constructing a reactionary subjectivity, promoting a distorted conception of freedom often linked to the denial of rights and attacks on democratic institutions. It is concluded that social media not only amplify reactionary discourses but also serve as spaces for ideological formation and the formation of radicalized subjectivities, necessitating educational strategies that strengthen critical understanding and democratic thinking. The research methodology is informed by Sebastián Plá's work "Investigar la educación desde la educación" (2020), and the political discourse analysis theory is grounded in "Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics" by Ernesto Laclau and Chantal Mouffe (2015).

Keywords: Reactionarism; Informal education; YouTube; Jovem Pan; Educational knowledge and practices;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Movimento Provincial do Espírito Santo da Ação Integralista Brasileira	14
Figura 2 – Em São Paulo, manifestantes fizeram carreata e marcha intitulada "Deus, Família e Liberdade"	16
Figura 3 – Movimento Provincial do Espírito Santo da Ação Integralista Brasileira	17
Figura 4 - Apoiadores do presidente Bolsonaro protestam em meio às comemorações do Dia da Independência	76
Figura 5 - Apoiadora do presidente Bolsonaro protestam em meio às comemorações do Dia da Independência.....	76
Figura 6 - Apoiadores do presidente Bolsonaro se concentram na avenida Paulista na tarde do feriado da independência	77
Figura 7 - Apoiadores do presidente Bolsonaro fazem ato em seu apoio na Avenida Paulista	77
Figura 8 - Apoiadores do presidente Bolsonaro se concentram na avenida Paulista, região central de São Paulo, durante as comemorações da Independência do Brasil	77
Figura 9 - Acampamento bolsonarista em frente ao Quartel-General do Exército de Brasília	87
Figura 10 - Faixa de manifestantes na Praça dos Cristais em frente ao Quartel-General do Exército em Brasília	87
Figura 11 - Bolsonaristas em frente ao quartel-general do Exército em Brasília.....	88
Figura 12 - Apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) pedem intervenção militar em ato em Brasília (DF)	88
Figura 13 – Ato na capital federal estava repleto de cartazes contra a democracia	102
Figura 14 – Apoiadores de Bolsonaro pedem a volta do regime militar	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela de dados gerais dos canais no YouTube ligados a Jovem Pan	59
---	----

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
2. REACIONARISMO EM PERSPECTIVA: “UMA LUTA DO BEM CONTRA O MAL” INFLAMADA PELAS REDES SOCIAIS	30
3. CRISES DEMOCRÁTICAS E O PAPEL EXERCIDO PELAS REDES SOCIAIS NA PROJEÇÃO DE DISCURSOS REACIONÁRIOS	48
4. A JOVEM PAN E OS PINGOS NOS ÍS COMO EXPRESSÕES REACIONÁRIAS	62
5. EM NOME DA “NOSSA LIBERDADE”: UMA ANÁLISE SOBRE OS CONCEITOS DE “LIBERDADE” E “LIBERDADE DE EXPRESSÃO” NO PROGRAMA OS PINGOS NOS ÍS	70
6. “CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS LIBERTARÁ”	99
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	120

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Deus, pátria e família. Aos que leem ou ouvem desatentamente essa frase, sem o reconhecimento da dimensão simbólica dessas palavras dispostas em tal sequência, pode supor concordância prévia com seus significados separadamente. “Deus”, neste caso, poderia tratar da defesa pela liberdade religiosa. “Pátria” simbolizaria a ânsia pela soberania nacional e, além, a luta pela garantia de dignidade de vida para todo o povo brasileiro. “Família”, poderia significar um espaço de acolhimento e segurança frente a um mundo dinâmico e a garantia de proteção e de condições mínimas de sobrevivência para cada núcleo familiar independente de sua constituição. Entretanto, “Deus, pátria e família” têm história. No Brasil, este é o lema da Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento fascista criado por Plínio Salgado no ano de 1932 após sua estadia na Itália e encanto pela organização do Estado fascista de Mussolini.

Figura 1 – Movimento Provincial do Espírito Santo da Ação Integralista Brasileira



Fonte: Biblioteca Nacional.

Almeida (2020) argumenta que o fascismo brasileiro vem se reinventando ao longo das últimas décadas e, sobretudo, apresentando-se como uma das mais sólidas ameaças contra a hodierna democracia brasileira. Esse fenômeno se repete quando os discursos e os sentidos ideológicos do movimento integralista/fascista são reativados em momentos decisivos, como

em 1937, 1964 e 2018. Nesses períodos, a religiosidade e a moral cristã conservadora foram mobilizadas para combater o “comunismo” e a alegada ameaça de destruição da “família tradicional”. O lema integralista voltou a ocupar um importante espaço no campo discursivo e na construção ideológica da extrema-direita e a partir dela podemos identificar as ferramentas utilizadas para fortalecer o discurso reacionário, ou seja, o discurso que sustenta concepções ideológicas e morais sistematizadas em prol de um passado idealizado pela nostalgia política e em contrariedade com o intenso processo de transformações políticas, culturais, econômicas, artísticas e etc. do mundo contemporâneo (Lilla, 2018; Radaelli, 2022). A facilidade de reinvenção desse discurso acontece pois o fascismo não exige nada de novo dos sujeitos (Eco, 2022). Ao contrário, ele é reforçado, justamente, pelo processo de adesão e fanatismo fundado na apetência, no viés de reafirmação de valores morais, políticos, religiosos e ideológicos intrínsecos a esses indivíduos. Refletindo sobre o histórico fascista do nosso país a partir da AIB, dos movimentos que implodiram na Ditadura Civil-Militar na década de 1960 e voltando o olhar para o presente, por que esta frase, “Deus, pátria, família”, soa tão contemporânea aos nossos ouvidos?

O fascismo brasileiro e a barbárie que ele representa isolado no cenário político, sem espaço nos campos públicos de luta política, mas ganhou forças com o crescimento da extrema direita no Brasil e no mundo. Ela, a barbárie, nunca deixou de existir, apenas vestiu novas vestes, por vezes mais sutis (ou ainda coloridas de verde e amarelo), mas continua, em seu âmago, sendo o que de pior há em nossa civilização, uma vez que menospreza o *vir a ser* do mundo em nome da tradição, do *passado mítico*. Assim sendo, “Deus, pátria e família” passa a ser, no dicionário reacionário, “o slogan daqueles que acreditam que uma causa é grande porque é vaga, capaz de engrandecer quem o espírito tornou frágil” (Radaelli, 2022, p. 44). Isso implica, portanto, em um “Deus” punitivista, uma “pátria” que exige lealdade cega e uma “família” dentro do molde tradicional/patriarcal.

O discurso que marcou o século passado ressurgiu com intensidade, moldando nosso passado, presente e futuro, especialmente com a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018. Para alguns, essa afirmação pode parecer exagerada. Entretanto, se tem algo que não nos falta nesta quadra da história é motivos e constatações para reafirmar este argumento quantas vezes for preciso. Podemos começar com as incontáveis vezes em que o agora ex-presidente inelegível Bolsonaro proferiu o lema fascista em pronunciamentos no Brasil e no exterior¹, em

¹ Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-e-orban-usam-deus-patria-familia-e-liberdade-em-discurso>. Acesso em: 02 fev. 2024

suas redes sociais², debates eleitorais³, entrevistas e etc. Esse fato é reforçado pelo uso do *slogan* no Aliança pelo Brasil, tentativa fracassada de Bolsonaro e seus aliados de fundar um partido político em 2021 e também pelo fato deste lema estar até hoje, 2024, presente na capa de perfil de suas redes sociais (*YouTube*⁴, *Facebook*⁵ e *Twitter*⁶). Como pode-se constatar, não é preciso ir longe para ver que a ligação existe e é sólida o suficiente para colocar o Estado democrático de direito como refém do discurso reacionário.

Em meio a esse processo de transformações políticas e sociais ocasionadas pela radicalização das relações, existe, concomitantemente, o estabelecimento de novas disputas discursivas relacionadas a conceitos já existentes, na qual quero enfatizar nesta análise as disputas referenciadas ao conceito de *liberdade*, haja vista que *liberdade* é a palavra escolhida e “anexada” à expressão “Deus, pátria e família”. Agora, com uma nova disputa discursiva ideológica e hegemônica em curso, diz-se “Deus, pátria, família *e liberdade*”.

Figura 2 – Em São Paulo, manifestantes fizeram carreata e marcha intitulada "Deus, Família e Liberdade"



Foto: Eduardo Matysiak/FolhaPress, 2021.

² Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1761054074785481060>. Acesso em: 25 fev. 2024.

³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11072315/>. Acesso em: 02 fev. 2024

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC8hGUtEgvpnp6IaHSAg1OQ>. Acesso em: 01 fev. 2024

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

⁶ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 01 fev. 2024.

Figura 3 – Movimento Provincial do Espírito Santo da Ação Integralista Brasileira



Fonte: FEPESIL/ESTADÃO, 2021.

O fascismo, como dito, tem o poder de se reinventar e continua em exponencial pela capacidade de apropriar-se das novas tecnologias em seu benefício. Do tempo histórico das redes sociais emergem conflituosas questões concebidas intrinsecamente de acordo com fatos e elementos singulares deste tempo-espaço e, especialmente nas últimas décadas, experimentamos um intenso processo de transformação causado por essas novas tecnologias, meios de comunicação e pelos novos modos de relação com o Eu, com o Outro e com o mundo. Assim sendo, visando as disputas discursivas em torno do conceito de *liberdade* e o impacto imensurável das redes sociais em todos os âmbitos de nossas vidas, esta pesquisa é dedicada para compreender como o discurso referente à *liberdade* dentro do *YouTube*, no canal *Os Pingos nos Ís*, partindo do recorte entre 24 de junho e 12 de novembro de 2021 e proferido de forma direta ou indireta, apreendido de forma consciente ou inconsciente, pode educar, ou seja, pode formar e transformar a subjetividade dos sujeitos.

A escolha dessa plataforma para ser o espaço que as fontes serão selecionadas, justifica-se pela dimensão que essa rede tomou nos últimos anos (com ênfase nos anos de pandemia). Segundo dados do ranking Alexa (2022), o *YouTube* é o segundo site mais visto do mundo, ficando atrás apenas de seu proprietário, o *Google*. O site está disponível em mais de 100 países e em 2020 bateu o recorde de 2 bilhões de contas ativas. Desta soma, cerca de 142 milhões de usuários são brasileiros, o que faz do Brasil o segundo país no ranking mundial de horas

assistidas (Alexa, 2022)⁷. Sobre algumas especificidades dos usuários, o *blog Think with Google* (2017) informa que:

O YouTube atinge mais pessoas de 18 a 49 anos que a TV a cabo. É uma audiência engajada, com poder de compra e que não consome conteúdo passivamente [...] E para quem pensa que são só os jovens, além do público de 18-24 anos, vem crescendo uma grande afinidade entre os targets de 25-44 anos: hoje a quantidade de pessoas com idade entre 35-44 anos já corresponde a quase ¼ dos usuários do Youtube e é nessa faixa etária onde há o maior crescimento de novos usuários.

A partir dos dados citados e da imensa quantidade de canais da plataforma, optei por analisar os materiais de um canal em específico: *Os Pingos nos Is*. Lançado em maio de 2015 e ligado à empresa Jovem Pan, o canal possui atualmente mais de 5,3 milhões de inscritos e acumula mais de 3,2 bilhões de visualizações. O programa é transmitido simultaneamente no rádio, no *YouTube* e em um canal de televisão a cabo, de segunda a sexta-feira, das 18h às 20hs. A bancada é formada pelo âncora e três ou quatro comentaristas, que participam tanto presencialmente nos estúdios quanto por transmissão remota. Em seu canal no *YouTube*, na aba “vídeos” da página inicial, podemos classificar os vídeos publicados em três categorias centrais: 1) programa diário completo; 2) recortes das pautas do programa; 3) recorte da fala individual dos comentaristas sobre cada pauta. Um fator decisivo para a escolha deste canal foi a percepção inicial de que, entre os comentaristas e suas declarações, não há um desvio evidente de um consenso ideológico e discursivo predominante (Silva; Mendes, 2022; Costa, 2022).

O recorte analítico e a seleção das fontes consideraram o período de 24 de junho a 12 de novembro de 2021. Dentre os diversos temas da política nacional e internacional debatidos diariamente no programa, esta pesquisa priorizou vídeos cuja pauta abordasse as prisões de Daniel Lúcio da Silveira ou que incluíssem nos títulos ou *thumbnails* os termos “liberdade”, “censura” e “democracia”. Esses termos e esse recorte são justificados pela análise de Costa (2022), que aponta Daniel Silveira como um importante símbolo da luta pela “liberdade” no discurso da extrema-direita, ocupando o espaço deixado por Sérgio Moro e sua controversa campanha contra a corrupção. Com a saída de Sérgio Moro do Ministério da Justiça e Segurança Pública (2019-2020) sob acusações de interferência do então presidente Jair Bolsonaro na Polícia Federal, a luta pela liberdade toma o espaço ocupado pela pauta anticorrupção e têm em Daniel Silveira sua personificação. Por consequência da escolha deste repertório de fontes, meus esforços estão direcionados, primordialmente, à concepção de “liberdade” e “liberdade de expressão” que emerge dos partícipes deste programa e a forma como essa concepção

⁷ Segundo o IBGE, até 1º de julho de 2024 era de 212,6 milhões de habitantes.

relaciona-se diretamente com fatos que extrapolam as pautas específicas discutidas no programa.

Ao mesmo tempo, justifica-se esta delimitação temporal pois temos no dia 07 de setembro de 2021 uma das maiores mobilizações reacionárias e antidemocráticas de nossa história. Milhões de pessoas tomaram de assalto a data de celebração da Independência do Brasil para transformá-la em um ato político bolsonarista. Dentro do escopo discursivo dos atos antidemocráticos da data, pode-se identificar a mesma narrativa entoada no dia 08 de janeiro de 2023, dentre as quais se destacam o pedido de intervenção militar, de voto impresso e auditável, os cantos de “Deus, Pátria, Família e Liberdade”, e etc. Esse período, ainda, é ponto de intersecção da narrativa acerca da elaboração e consolidação de um novo sentido discursivo para *liberdade e liberdade de expressão*. O 07 de setembro de 2021 é parte importante da escalada reacionária que desaguou no fatídico 08 de janeiro de 2023. É notável fato histórico e de intersecção para esta proposta de pesquisa, posto que as disputas discursivas se exacerbam e desnudam-se nos momentos de massiva mobilização social. Nesse sentido, cabe aqui um oportuno momento para contextualizar especialmente o histórico de Daniel Silveira como meio de evidenciar por que o agora ex-deputado é peça chave para a pesquisa alvitrada.

Daniel Silveira ganhou ampla notoriedade durante a campanha eleitoral de 2018, quando foi eleito Deputado Federal, sobretudo após posar para uma foto ao lado de Rodrigo Amorim, Deputado Estadual pelo Rio de Janeiro desde 2019, com a placa que nomeava uma rua de *Marielle Franco* partida em pedaços. Silveira sempre foi um sujeito que fazia questão de ensejar discursos contra o Supremo Tribunal Federal (STF) e, é claro, divulgar notícias falsas. Já no início de seu mandato, Silveira estava sendo investigado em dois inquéritos no STF. Um deles fazia referência a organização e financiamento de atos antidemocráticos e outro versava sobre ataques aos ministros do STF e a disseminação de *fake news* (FALCÃO; VIVAS; RODRIGUES, 2021).

A primeira prisão de Daniel Silveira, então Deputado Federal pelo estado do Rio de Janeiro, foi decretada pelo ministro do STF, Alexandre de Moraes, em 16 de fevereiro de 2021. A decisão ocorreu após Silveira divulgar um vídeo⁸ em que defendia o fechamento do STF e fazia apologia ao Ato Institucional nº 5 (AI-5), conhecido como o instrumento mais repressivo e violento da Ditadura Civil-Militar (Jornal Nacional, 2021). Em março do mesmo ano Silveira passou a cumprir prisão domiciliar com medidas cautelares, dentre as quais estava incluída a

⁸ A saber, como consta na decisão de Moraes, a corte do STF tomou conhecimento do assunto a partir do vídeo que fora publicado no canal do *YouTube* “Política Play”.

proibição de acesso às redes sociais pelo então deputado ou sua assessoria e também a obrigatoriedade de usar um equipamento de monitoramento (Bomfim; Gomes, 2021). Entretanto, Silveira voltou a ser detido em 24 de junho de 2021 (data inicial do recorte temporal), após iniciativa da Procuradoria Geral da União (PGR), por ter identificado mais de 30 violações no uso da tornozeleira eletrônica para além de, por consecutivas vezes e sem justificativa, não realizar a manutenção do dispositivo eletrônico (Loureiro; Martins, 2021). Nesta segunda prisão, Silveira ficou detido até 09 de novembro de 2021 (três dias antes da primeira fala pública para *Os Pingos nos Ís* após ser liberado e, então, delimitar o fim do recorte de análise). Na ocasião, o ministro Alexandre de Moraes determinou sua soltura aplicando apenas medidas cautelares como a proibição do uso de redes sociais pessoais ou por via de terceiros, bem como de ter algum tipo de contato com os demais investigados nos inquéritos que apuram os atos antidemocráticos e o que chamamos de “Gabinete do ódio”, organização que articula a criação e divulgação massiva e sistemática de *fake news* nos diversos meios de comunicação virtual.

Em março de 2022, Silveira infringiu tais restrições ao participar de um evento político ao lado de Eduardo Bolsonaro (PL-SP) no estado do Paraná. Todavia, neste ocorrido foi-lhe atribuído multa de quinze mil reais por dia de descumprimento da ordem de uso da tornozeleira eletrônica, multa imposta após Silveira, como forma de esquivar-se da decisão do ministro Alexandre de Moraes, resguardar-se entre seu gabinete e o plenário da Câmara dos Deputados e pronunciar na tribuna da casa que não iria cumprir a decisão do STF (NEIVA, 2022).

O episódio seguinte aos ataques às instituições democráticas e ministros do STF foi em um momento no mínimo delicado para o então deputado. Em abril de 2021, cerca de dois meses após sua primeira prisão enquanto parlamentar, o Ministério Público Federal (MPF) ajuizou a Ação Penal (AP) 1.044 denunciando Silveira por coação no curso do processo e por tentar interferir no livre exercício do Poder Judiciário (PGR, 2022). Conforme reportagem publicada no site do MPF,

Segundo a denúncia, o parlamentar cometeu os delitos ao divulgar em suas redes sociais três vídeos nos quais aparece fazendo ameaças ao Supremo e desferindo agressões verbais aos ministros que, à época, iriam apreciar o Inquérito 4.828, procedimento no qual Silveira era investigado e que culminou na apresentação da denúncia pelo MPF. Os conteúdos foram publicados em 17 de novembro e em 6 de dezembro de 2020, intitulados “Na ditadura você é livre, na democracia é preso!” e “Convoquei as Forças Armadas para intervir no STF”. Um terceiro vídeo foi ao ar no dia 15 de fevereiro de 2021, intitulado pelo acusado de “Fachin chora a respeito da fala do General Villas Boas. Toma vergonha nessa maldita cara, Fachin!”. (PGR, 2022)

A perceber pelo título dos vídeos publicados, o tom adotado por Silveira não era nada amistoso, muito pelo contrário. A agressividade era o impulso que norteava toda sua fala. O julgamento da AP movida contra o então Deputado Federal teve votação realizada no STF em 20 de abril de 2022 e, por dez votos a um, Silveira foi condenado a oito anos e nove meses de prisão, além de perder seu mandato (PGR, 2022). Entretanto, um dia após a condenação do agora ex-deputado, no dia 21 de abril de 2022, Bolsonaro assinou um decreto concedendo indulto individual à Silveira e em vídeo publicado nas suas redes sociais, ao ler o decreto, afirmou que “a liberdade de expressão é pilar essencial da sociedade em todas as suas manifestações” (CNN Brasil, 2022). Com esta ação, Bolsonaro possibilitou que Daniel Silveira pudesse se candidatar novamente nas eleições de 2022, e assim ele o fez, concorrendo como candidato ao Senado pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB-RJ) e somando cerca de 1,5 milhão de votos que mesmo não o elegendo, demonstram que sua base eleitoral ainda se mantinha com certa solidez.

Com a perda do foro privilegiado⁹ e com novos descumprimentos de medidas cautelares, Silveira foi preso preventivamente, mais uma vez, no dia 02 de fevereiro de 2023. Nesta ocasião, além da prisão, o ministro Alexandre de Moraes ordenou a “suspensão pelo Exército de certificados em nome de Silveira de registro de autorização para atividades de colecionamento de armas de fogo, tiro desportivo e caça e cancelamento de todos os passaportes emitidos em nome do ex-parlamentar” (Bomfim; Camargo, 2023). Após a prisão, o STF, em votação, formou maioria no seguinte 10 de maio para suspender o indulto concedido por Bolsonaro e, por consequência, no dia 23 de maio, o ministro Alexandre de Moraes determinou a execução imediata da pena de 8 anos e 9 meses (Vivaz; Falcão, 2023).

Em 20 de dezembro de 2024, Silveira já havia cumprido mais de um terço da pena, o que possibilitou a concessão da liberdade condicional, concedido pelo ministro Alexandre de Moraes atendendo a um pedido da Procuradoria-Geral da República (PGR) (Metrópoles, 2024). Contudo, o descumprimento das condições fundamentadas na concessão da liberdade condicional resultou em sua nova prisão, que ocorreu no dia 24 de dezembro de 2024, quatro dias após ser liberado para prisão domiciliar (Metrópoles, 2024).

Feita a contextualização elementar do histórico de Daniel Silveira, um aspecto crucial para esse texto nos salta aos olhos, e é para ele que estarei voltada neste exato momento: o

⁹ O “foro por prerrogativa de função” dá o direito ao presidente da República, governadores, ministros, parlamentares e outras autoridades de serem julgados em tribunais específicos em caso de processo. Mais informações em: <https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/entenda-foro-privilegiado-e-veja-o-que-pode-mudar/index.html>. Acesso em: 01 fev 2024.

conceito de *liberdade de expressão*. Indo além da ânsia por uma intervenção militar, de ultrajantes ataques a magistrados do STF e as instituições democráticas, do questionamento da seguridade do processo eleitoral brasileiro e etc., as discussões no tocante ao conceito de *liberdade de expressão* é algo que está notoriamente no centro dos acontecimentos acima mencionados. Enquanto, de um lado, a generalidade das decisões judiciais desfavoráveis a Silveira versavam sobre os limites da liberdade de expressão, de outro tem quem defenda a tese de que as prisões e medidas cautelares foram impostas a partir de um “crime de opinião”, alegando ainda que as decisões eram um meio de censura, de cerceamento da liberdade de expressão (Os Pingos nos Ís, 2021d). A emissora Jovem Pan, por parte de alguns de seus jornalistas e comentaristas, partiu em defesa de Silveira e é neste momento que se justifica novamente a escolha do canal *Os Pingos nos Ís* para ser a origem da problematização proposta. Em diversas oportunidades, os comentaristas consideram Silveira um preso político, haja vista que, para eles, não teria cometido crime algum e nem oferecia perigo à sociedade, logo, Silveira estaria sendo perseguido por “crime de pensamento” dentro do regime da suposta “ditadura do Supremo” (Os Pingos nos Ís, 2023a).

Nesta lógica, é fundamental para a proposta de pesquisa este novo elemento incorporado ao atual discurso proferido pelos agentes da extrema-direita bolsonarista: a liberdade. Mais especificamente, a *liberdade de expressão* é, agora, o conceito que toma o centro do debate. É para ela que se voltam os olhares do ensaio fascista que subiu a rampa do planalto no ato terrorista de 08 de janeiro de 2023, entrando para a História do Brasil como um dos atos mais bárbaros contra nossa democracia. “Deus, pátria, família e liberdade” eram as palavras de ordem manifestadas pelo grupo golpista que se dirigia na tarde do dia oito de janeiro até a praça dos três poderes em Brasília¹⁰. Essa mesma frase foi pronunciada inúmeras outras vezes também por Bolsonaro e seus apoiadores mais ferrenhos. Não há dúvidas que a invasão ao Congresso Nacional, ao Palácio do Planalto e ao Supremo Tribunal Federal foi o ápice de um discurso político e ideológico que ao longo dos últimos anos lutou pela descredibilização do sistema eleitoral e criou sua própria narrativa da realidade. Se isso aconteceu da forma como aconteceu, é porque sempre houve legitimidade por parte do sujeito de poder e de referência para com seus seguidores. Até mesmo o silêncio perante os acampamentos e bloqueios de rodovias após o segundo turno das eleições é um sinal de legitimação de Bolsonaro perante tais atos. A não ação é, também, uma ação. É, inclusive, a brecha interpretativa que muitos

¹⁰ PRATES, V. Vídeo: PM do DF escoltou bolsonaristas até a Praça dos Três Poderes. **Correio Braziliense**, 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/01/5064625-video-pm-do-df-escoltou-bolsonaristas-ate-a-praca-dos-tres-poderes.html>. Acesso em: 25 jan. 2023.

precisavam para continuar alimentando a chama golpista desses grupos, para continuar esperando mais setenta e duas horas.

Ainda sobre as fontes selecionadas, é preciso indicar que elas irão permear conteúdos do que hoje conceitua-se como *pós-verdade*. A definição de pós-verdade parte de uma relativização do que entendemos por verdade, que não leva em conta primordialmente uma perspectiva científica e factual, mas, sim, as convicções de cada indivíduo (Dunker *et al.*, 2017). É um fenômeno que pode ser observado com maior relevância a partir da década de 2010, momento em que o debate em relação a esta temática ganha maior notoriedade podendo ser visto como consequência do vitorioso discurso conservador e reacionário que ostensivamente toma conta de campanhas eleitorais em todo o globo (Dunker *et al.*, 2017). Mais que isso, é um fenômeno impulsionado pelo funcionamento das redes sociais e das operações algorítmicas, lógica esta que, como indica Gur-Ze'ev (2000), serve como máquina do prazer, ou seja, é pensada para munir discursiva e ideologicamente os sujeitos com visões de mundo pré-existentes em seu interior. Em meio ao cenário de ascensão dos discursos reacionários, o Brasil é um exemplo claro da existência de tal escalada conservadora e dos males que ela traz consigo e, infelizmente, não é único a experimentar tal avanço da extrema-direita conservadora, uma vez que Estados Unidos, Venezuela, Espanha, Índia, Bolívia e Paraguai são alguns exemplos de países que experienciam tal crise democrática (Moreira, 2020) (a partir de 2023, podemos acrescentar também a esta lista nossos vizinhos argentinos e a França, em 2024).

À vista disso, na era da pós-verdade, do revisionismo ideológico, do negacionismo e repúdio ao debate centrado em uma análise sensata da realidade, de espaços virtuais como o *YouTube* surgem movimentos e figuras públicas com o poder de atingir milhões de pessoas com um único e simples vídeo. Esse é um claro e contemporâneo exemplo da corrosão interna da democracia que Adorno (2020) nos explica: é a degradação da democracia dentro das “quatro linhas” do próprio jogo democrático. É o mais perigoso feitio da barbárie que nos assola pois não nos salta aos olhos (como o ato terrorista do dia 08 de janeiro). Pelo contrário, ele se camufla em forma de opinião, de direito de se expressar livre e independentemente de qualquer coisa. Compondo-se dessa perspectiva, o objeto de pesquisa é, então, a educação informal que ocorre no *YouTube*, especificamente no canal *Os Pingos nos Ís*, ou seja, as ações que não são sistematicamente pensadas para educar mas que, consciente ou inconscientemente, acabam por ter inferências educativas nos sujeitos (PLÁ, 2022).

A vista do objeto de pesquisa e do contexto histórico que ele está inserido, compreender a dimensão anti-intelectual da pós-verdade como um efeito do reacionarismo, ao passo que este é, na contemporaneidade, um efeito radical do pensamento neoconservador e neoliberal, é

crucial para que o problema alvitrado seja apreendido em sua complexidade. À luz da teoria utilizada, é impossível falar de um desses aspectos isoladamente. Ao fazê-lo, cairia na tentação de simplificar nossa existência enquanto sujeitos históricos que vivem em determinada conjuntura por mera causalidade e não em razão de incontáveis ações humanas que foram tomadas de forma individual e coletiva (Laclau; Mouffe, 2015). Ter o entendimento desses conceitos e analisá-los de forma interseccional é essencial para ter a dimensão do arcabouço de barbárie em que estamos emaranhados.

Logo, visto que o foco é voltado ao campo educacional, a metodologia está pautada na obra *Investigar la educación desde la Educación* de Sebastián Plá (2022). O autor estabelece parâmetros para que o pesquisador ou pesquisadora desenvolva uma investigação sobre educação como meio de compreender os referenciais empíricos, problematizar, escrever e produzir conhecimento a partir de sua própria experiência dentro da educação. Essa experiência educativa envolve quatro aspectos: 1) saberes; 2) lugares; 3) sujeitos; e 4) intencionalidade educativa ou, nas palavras do autor, *o educativo*. A pesquisa em educação pode ter como ponto de partida um desses quatro elementos, o que não significa que no desenvolvimento da análise demais aspectos sejam colocados à parte, pois é a interação entre esses quatro elementos que constitui o acontecimento educativo analisado. A centralidade do método investigativo proposto por Plá (2022) está no *educativo*, que é, então,

el *paraqué* se educa. En términos coloquiales, es la amalgama de las relaciones entre lugares, saberes y sujetos de la acción educativa. Sin ella no hay acción, pero la conjunción está determinada también por lo que une. La fusión contiene dimensiones políticas, económicas, culturales, disciplinares, didácticas y éticas. Es causa y consecuencia al mismo tiempo. Esta intención, esta fuerza que produce la acción educativa, es el núcleo irreductible de la investigación de la educación desde la educación. [...] Para que sea educación, el análisis debe llegar a la intención de capacitar, socializar o en su caso producir determinadas subjetividades a través de la interacción entre sujetos, lugares y saberes. (PLÁ, 2022, p. 14)

Seguindo tal premissa, a educação é a ação de interferência na subjetividade de outrem, seja ela efetivada de modo consciente ou inconsciente por parte do sujeito a ser educado e por parte de quem o está educando. A pesquisa em educação, por sua vez, precisa ter como ponto de partida um fenômeno que parte de si mesma, da ação educativa e da interação entre lugar, sujeito e saber, para que possa fazer sentido e não se afastar do “educativo” ao longo do percurso.

O fenômeno educativo acontece em diferentes lugares, sejam eles físicos ou epistemológicos, ou seja, um lugar específico do qual emerge determinado tipo de educação (PLÁ, 2022), e aqui optei por principiar a análise de um lugar epistemológico. Nosso problema

é, ainda conforme conceitua Plá (2022), um problema que se propõe a auxiliar na análise e problematização das implicações educacionais das redes sociais (*YouTube*), de que maneira as fontes (vídeos do canal *Os Pingos nos Ís*) educam os sujeitos, quais são os resultados dessa experiência e também das circunstâncias que possibilitam a ocorrência deste fenômeno. Logo, a presente análise compreende parte de um esforço amplo de compreensão de um discurso, em que sujeitos mobilizam valores/saberes a partir de lugares determinados e com intenção de interferir na subjetividade do público, que se projeta primeiramente sobre os sujeitos e, por consequência, sobre a democracia.

Com o objeto delimitado e pautando-se no conceito de *ação educativa* de Plá (2022), se esses ambientes virtuais são capazes de educar e exercer tamanha influência sobre os sujeitos, objetivo, em cada capítulo adiante, refletir e problematizar: 1) o processo de formação da subjetividade do sujeito reacionário ao passo que busco compreender o reacionarismo como um fenômeno que extrapola a realidade brasileira; 2) qual o papel exercido pelas redes sociais nas crises democráticas e construção dos debates públicos; 3) como a Jovem Pan enquanto conglomerado comunicacional e seu programa *Os Pingos nos Ís* chegaram à tamanha notoriedade e influência dentro no espectro político da extrema-direita; 4) qual a concepção de *liberdade* e *liberdade de expressão* mobilizada pelo programa *Os Pingos nos Ís* e de que maneira esses conteúdos têm o potencial de formar a subjetividade dos ouvintes e espectadores, ou seja, de educá-los para a barbárie; 5) pensar os elementos fundamentais para a estruturação de um discurso voltado para uma vida democrática como forma de superar a atual realidade política e ideológica reacionária e sua ação potencializada pelas redes sociais. Tendo em vista que a educação informal nas redes sociais é um poderoso instrumento produtor de subjetividades reacionárias, cada questionamento conduzirá a análise e escrita de um capítulo específico deste trabalho e, juntos, compõem a questão central da pesquisa: quais são os caminhos possíveis para a estruturação de um discurso democrático e antagônico ao reacionarismo emergente e potencializado pelas redes sociais?

Para tanto, como mencionado, a reflexão será pautada no conceito de reacionarismo e a partir da análise referente aos saberes e valores mobilizados pela construção discursiva do programa *Os Pingos nos Ís* sobre *liberdade* e *liberdade de expressão*. Se há um discurso, não obstante é necessário analisá-lo a partir de certa fundamentação teórica e para isso irei pautar a análise à partir da obra *Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical* de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015). Para os autores, discurso não é nomear *algo* mas, sim, colocar *algo* no mundo, ação que só é possível se há a existência de um *antagônico*, figura que só encontra-se no contexto de relações sociais e é, ao mesmo tempo, a

condição de existência e condição de impossibilidade de uma existência plena do *eu* (Laclau; Mouffe, 2015). Só existo, pois, há outro que não sou eu e que, por sua vez, só existe porque eu existo. Ao mesmo tempo, a condição de impossibilidade acontece pois, já que há o antagonico, minha existência plena é impossível, assim como a existência plena do outro que não sou eu também é uma impossibilidade. O conceito de antagonismo enfatiza, então, que todo discurso é proferido diretamente de um ponto para o outro e *contra* algo ou alguém que se localiza dentro de um espectro discursivo distinto.

A teoria de Laclau e Mouffe (2015) é parte de um esforço de superação estruturalista, pensando no conceito de discurso que supera o entendimento da linguística que acaba em si mesma e no ato da fala, para uma *linguística do discurso*, para uma forma de linguagem que não cessa em si mesma e implica fundamentalmente a totalidade significativa não só das palavras, mas das palavras e ações ao mesmo tempo. Ação e palavra estruturam-se conjuntamente e essa relação é essencial no processo de compreensão das ações sociais. Nesse sentido, o discurso não se submete a linguagem, mas sim ao sujeito enunciante, haja vista que a totalidade de expressões e conceitos, a partir do ponto de vista ideológico de cada sujeito, pode possuir diferentes definições. O enunciado, partindo de tal perspectiva, possibilita uma análise mais ampla, não findando-se ao fim do ato de escrita ou fala, mas possibilitando o extravasamento de interpretações. Intrinsecamente à teoria proposta, a análise de discurso

[...] é uma prática desconstrutiva, que envolve simultaneamente uma descrição dos processos de constituição e transformação de discursos/hegemonias e uma abordagem normativa da forma política democrático-radical, fundada na pluralidade do social e na policentricidade das lutas e esferas de politização do social (Laclau; Mouffe, p. 16).

Logo, dentro das profusas possibilidades das relações sociais, enquanto alguns discursos são agregados a formação hegemônica de poder, outros são deixados à margem e mesmo são combatidos. Na relação hegemônica, quando “a particularidade assume representação de uma universalidade que lhe é inteiramente incomensurável” (Laclau; Mouffe, 2015, p. 40), a teoria do discurso proposta é uma teoria de contestação dessa preponderante e sua narrativa vislumbra a possibilidade de superação da realidade experienciada através de alternativas emancipatórias (Laclau; Mouffe, 2015). À vista disso, ideologia e discurso são categorias que, em Laclau e Mouffe (2015), são formas de elaboração teórica da realidade não excludentes entre si.

A categoria de antagonismo em Laclau e Mouffe (2015) emerge, então, como centralidade das relações políticas pois, sem o antagonico e o conflito, seria impossível pensar uma democracia pluralista e radical. Democracia implica necessariamente o viver com o Outro que não sou eu, e a educação democrática engloba o risco e a responsabilidade de responder a

esse Outro (Biesta, 2021). Como destacam os autores, entretanto, “é preciso estabelecer uma fronteira e definir um adversário, mas isso não basta. Também é preciso saber por que se está lutando, que tipo de sociedade se quer estabelecer” (Laclau; Mouffe, 2015, p. 48). Definir nosso lugar no mundo e colocá-lo sob questionamento constante é essencial para não cair na falácia de considerar nossa realidade e experiência como a melhor e única possibilidade. Deste modo, considero a impossibilidade de haver neutralidade em nossas ações no mundo. Toda ação ou não ação é, necessariamente, um posicionamento que se coloca no espectro antagônico de outra ação. Este é, então, o aspecto *positivo* da ideologia, não positivo de positividade, mas no sentido de *objetividade*, *visibilidade*, são ações captadas tanto pelo empirismo do senso comum quanto para fins de uma formação discursiva do meio social (Laclau; Mouffe, 2015).

Paralelamente à indicação de Laclau e Mouffe (2015) sobre a necessidade de encontrar seu lugar no mundo e ter clareza do porquê se está lutando, Plá (2022) destaca que seu texto tem o intuito de indicar caminhos possíveis para direcionar a investigação em educação sem que o principal, o *educativo*, perca-se de vista e que principalmente o pesquisador ou pesquisadora pondere sua perscrutação, seu lugar no mundo, a partir de sua própria prática e experiência educativa. Deste modo, do início ao fim, não posso negar que minhas percepções e posicionamentos enquanto professora e pesquisadora estarão presentes neste texto, seja pelos referenciais que serão usados, seja pelas fontes selecionadas, pelo modo como essa pesquisa foi estruturada e etc. Isso começa muito antes das palavras que agora podem ser lidas. Esse processo começou ainda no final de 2021 e mesmo com determinadas mudanças desde a proposta inicial de pesquisa, o meu *eu* aparece em cada momento. Tanto que a ideia explicitada ao longo destas páginas são consequência dos infindáveis questionamentos sobre a influência das redes sociais que não cessaram juntamente com minha pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso de História¹¹. A escolha de problematizar a educação informal a partir do *YouTube*, especificamente a partir de um dos canais da Jovem Pan, surgiu como possibilidade após assistir um episódio do Greg News no próprio *YouTube*, de livros e artigos lidos e, é claro, de muitas perguntas que inquietam a professora e pesquisadora que *consume* há muitos anos diversos tipos de conteúdo informativo sobre política e educação nas redes sociais e têm certa dimensão das mudanças, riscos e possibilidades educacionais dessas ferramentas.

Ao longo do texto será possível, então, identificar diversas fontes e referências que podem ser localizadas dentro de espaços virtuais, tais como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* e

¹¹ Pesquisa intitulada “O Movimento Escola Sem Partido e ascensão de pautas neoliberais e neoconservadoras na educação: duas faces reacionárias da mesma moeda”, está disponível no link: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/5589>.

TikTok e, especialmente, o *YouTube*. pois o objetivo aqui não é depreciar por completo esses espaços, muito pelo contrário. Minha intenção é analisar criticamente a influência que esses ambientes podem exercer nos sujeitos e, por consequência, suas inferências democráticas. Levo em conta, entretanto, que nesses mesmos espaços onde podemos encontrar as mais inescrupulosas expressões de ódio e barbárie, podemos também encontrar diversos perfis que produzem conteúdos urgentes, interessantes, pautados no compromisso ético e político com a ciência e a democracia, mas que, fundamentalmente, não ocupam ou não deveriam ocupar o espaço basilar e majoritário na formação da subjetividade, da visão de mundo e valores desses sujeitos.

Em suma, proponho uma investigação de abordagem qualitativa de tipo descritivo, cujo gênero perpassa a prática empírica e bibliográfica e a base teórica parte da intersecção entre a teoria de análise política do discurso e a teoria crítica. Com o auxílio da base teórica e metodológica enunciada, o objetivo será compreender como, diante da onda reacionária que nos assola, podemos construir um discurso que se propõe antagônico e democrático. Para tanto, a organização do presente texto está dividida em cinco capítulos que seguem esse momento inicial. No primeiro, farei uma análise do contexto da contemporaneidade e dos fatores políticos, históricos e sociais que nos trouxeram à complexa e latente realidade reacionária impulsionada pelas redes sociais, pensando, nessa parte, no reacionarismo enquanto uma perspectiva política de “luta do bem contra o mal”. No segundo, o objetivo é compreender o espaço ocupado pelas redes sociais, com foco especial para o *YouTube*, na potencialização de discursos reacionários. Aqui, vamos nos voltar para as experiências reacionárias na Itália e nos Estados Unidos para pensar os espaços virtuais como ferramenta política de mobilização social, capaz de definir os rumos de processos eleitorais inteiros. No terceiro, a intenção é apresentar alguns pontos chave da história da Jovem Pan, com o olhar mais atento a partir do ano de 2013, como forma de sustentar o argumento de que o Grupo Jovem Pan e, sobretudo seu programa *Os Pingos nos Ís*, são uma sólida expressão reacionária com poder de alcance potencializado por redes sociais como o *YouTube*. O quarto capítulo têm como finalidade compreender quais são os saberes e valores mobilizados acerca do conceito de *liberdade* e *liberdade de expressão* pelo programa *Os Pingos nos Ís*, bem como as possíveis consequências deste discurso para a democracia à partir da formação de subjetividade de seus ouvintes e espectadores, relacionando o discurso do programa com outros acontecimentos fora do escopo das fontes. “Findamos” a pesquisa com a problematização acerca das possíveis formas de educação informal oriundas das redes sociais, ao passo que o intuito é pensar quais são os elementos fundamentais na elaboração de um discurso antagônico e democrático ao reacionarismo.

Sendo assim, o primeiro dos cinco momentos (capítulos) estará dedicado a olhar em perspectiva o reacionarismo não como um fenômeno isolado, mas como parte constituinte das crises democráticas e aliadas ao potencial das redes sociais como espaço de promoção da barbárie. Compreender o reacionarismo em diferentes aspectos a partir da crescente crise de verdade oriunda das mídias digitais e, também, entender a Jovem Pan, especialmente *Os Pingos nos Ís*, como um produto deste encontro antidemocrático, é o objetivo primeiro das páginas que seguem.

2. REACIONARISMO EM PERSPECTIVA: “UMA LUTA DO BEM CONTRA O MAL” INFLAMADA PELAS REDES SOCIAIS

“O fascismo, em qualquer de seus tipos, do Ur-Fascismo aos protofascismos onipresentes, é, sempre foi e sempre será o eterno refúgio dos mediócrs e idólatras. Essa é sua promessa de felicidade. A incapacidade de perceber a realidade se transforma em álibi para a criação de uma espécie de realidade paralela, a qual, porém, não subsiste à menor reflexão que se desvie um milímetro que seja de seu delírio autorreferente” (Souza, 2020, p. 101).

*“Somos assim. Sonhamos o voo, mas tememos as alturas. Para voar é preciso amar o vazio. Porque o voo só acontece se houver o vazio. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Os homens querem voar, mas temem o vazio. **Não podem viver sem certezas. Por isso trocam o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram.** É um engano pensar que os homens seriam livres se pudessem, que eles não são livres porque um estranho os engaiolou, que se as portas das gaiolas estivessem abertas eles voariam. A verdade é o oposto. Os homens preferem as gaiolas ao voo. **São eles mesmos que constroem as gaiolas onde passarão as suas vidas.**” (Rubem Alves, 2020)*

Fromm (1969) esclarece que na história raramente as mudanças, sejam de ordem social, política ou econômica, se deram de forma voluntária, ou seja, de modo preventivo, racional e não violento. Percebe-se historicamente, então, a violenta e irracional mudança ocasionada por sociedades constituídas de sujeitos incapazes de conceber um novo modo de ser e viver, acreditando que o modo tal qual vivem é dado de forma natural e inevitável. Qualquer alteração em seu modo de vida e seus valores é visto como uma forma maligna que os conduzirão ao caos e à destruição, isso acontece não pela modificação racional e pacífica ser uma impossibilidade, mas

porque há uma barreira mental feita de clichês, ideologias, ritualísticas, e mesmo uma boa parte de loucura que impede as pessoas - seus líderes e liderados - de ver com realismo e precisão quais são os fatos, e de separá-los da ficção e, em consequência, de reconhecer a existência de soluções outras que não a violência. (Fromm, 1969, p. 19)

Por ser movido pelo sentimento de pertencimento ao mundo idealizado e seus valores supostamente universais, o sujeito reacionário, ou seja, o sujeito que resiste às eventuais e possíveis mudanças, limita a atuação do racional em meio a tomada de decisões preventivas, fato que explica porque tais padrões de ser e pensar o mundo resistem ao menor sinal de alterações que propicie um novo modo de ser, pensar e viver em sociedade (Fromm, 1969). Compreender essa dimensão e propensão para a irracionalidade é imprescindível para que movimentos reacionários possam ser apreendidos em sua complexidade. Por isso, é neste sentido que estarão voltados meus esforços neste momento.

Antes de tudo, creio ser imprescindível ressaltar novamente o que aqui considero como um movimento ou sujeito reacionário. Sobre isso, considero reacionária ideologias, movimentos, discursos e sujeitos que pautem a manutenção do *status quo*, das tradições, e que por esse motivo tornam o novo uma impossibilidade (Fromm, 1969; Lilla, 2018; Radaelli, 2022). “Novo” no sentido de novos modos de ser, de novas culturas, tradições e expressões artísticas, novas relações sociais, políticas e econômicas, novas formas de estruturação social e de compreensão da história, novos meios de possibilitar a existência de vidas emancipadas, singulares e irrepetíveis (Biesta, 2020). Dentro deste escopo, encaixam-se o nazifascismo, o autoritarismo em todas as suas formas, o fundamentalismo assim como o neoconservadorismo e o neoliberalismo, isso porque cada um deles defende a manutenção de estruturas fechadas, com um ideal preestabelecido de como deve-se nascer, crescer, viver e morrer, não deixando brecha para vislumbrar a possibilidade de superação de padrões mentais, socioeconômicos e culturais hoje impostos a todos nós. O aspecto que os amarra ao reacionarismo é o de não aceitar outras concepções de mundo que não as suas. É o desejo de aniquilar qualquer força que ouse colocar-se a sua frente e questionar seus ideais, ou seja, acredita que o vivido no passado e no presente, bem como o que será vivido no futuro já é algo dado e predeterminado com base na idealização de um passado e futuro mítico e nos falsos argumentos e narrativas que o compõem (Stanley, 2020).

Para que um novo mundo e um novo modo de ser neste mundo seja uma possibilidade, é preciso quebrar padrões e mentalidades que sustentam a base hegemônica que estrutura nossas relações e isso é tudo que os reacionários não querem. Temos grupos reacionários que lutam pela salvação da família tradicional cristã (pai como líder, mãe como sujeito subalterno responsável pela casa e filhos obedientes que seguirão com este legado) pois creem que o único modo “correto” de se formar uma família é este e tudo que não cumpre os requisitos para a formação de uma “verdadeira família” deve ser combatido (Pupo, 2019; Stanley, 2020). Outros grupos lutam contra toda e qualquer forma de justiça social como cotas, auxílios socioeconômicos e demais políticas de ação afirmativa (Brasil de Fato, 2021; Roda Vida, 2018)¹². Veem isso como uma injustiça, pois pensam que ninguém merece, seja por qual for o motivo, de qualquer tipo de ajuda do Estado: todos devem conquistar por mérito próprio seu sucesso e se o fracasso for uma realidade, ele é, também, merecido, visto que, supostamente,

¹² Ações afirmativas: medidas que têm como objetivo combater discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero, de classe ou de casta, aumentando a participação de minorias no processo político, no acesso à educação, saúde, emprego, bens materiais, redes de proteção social e/ou no reconhecimento cultural (Feres Júnior *et al*, 2018).

“não foi feito esforço suficiente”. Temos grupos reacionários radicalizados ao extremo que pregam a soberania dos brancos em relação aos demais grupos étnico-raciais (Vice, 2017). Outros defendem a pena de morte (Yankees, 2023) como solução para a criminalidade ao passo que a defesa da flexibilização do acesso às armas é defendido em nome da “liberdade” (De Toni, 2022). Ou seja, cada vertente do reacionarismo é complexa e têm suas próprias pautas, o que não impede a intersecção entre elas em determinados momentos. Afinal de contas, todas elas desaguam no mesmo rio: da impossibilidade do novo como meio de transformação racional e não violenta (Fromm, 1969).

A nostalgia política ou, em outras palavras, o desejo de voltar ao passado idealizado, é o que move o sujeito reacionário pelo rio do tempo (Lilla, 2018). O medo de entrar em uma nova era de escuridão, de perder o sentido de sua existência ou mesmo o estabelecimento de novos sentidos para a vida humana e sua dimensão religiosa, econômica, cultural, política e etc., que fogem ao que é por ele compreendido e idealizado, é o que rege as ações do reacionário. Se “aceitarmos” uma família formada a partir de uma relação homoafetiva ou até mesmo uma família formada a partir da relação poliamorosa, o que será do sujeito ensinado que família é, apenas, homem, mulher e filho(os)? Se oportunizar a ascensão social da população indígena e afro-brasileira de modo que eles ocupem espaços que lhe são negados desde o processo de colonização, o que será do sujeito reacionário educado dentro da lógica e proteção dos privilégios da branquitude para acreditar que apenas pela cor da sua pele é superior a essas pessoas? Em suma, o reacionário move-se pelo medo, pela resistência de pensar em viver num mundo que ele ainda não conhece e nem mesmo consegue conjecturar, ele percorre sua trajetória de vida com medo de tudo e qualquer coisa que possa vir a ameaçar seus privilégios e o conforto cognitivo e social que seus ideais lhe asseguram (Lilla, 2018).

Esse fato, por si só, torna-se algo complexo em contexto de relações sociais e educacionais para ser enfrentado enquanto ameaça real frente a uma concepção democrática de vida e de mundo. Entretanto, para além do exposto, existem muitos atravessamentos que vão além dos “tipos ideais” de vida mencionados. Como, por exemplo, há a mulher, à exemplo de Cíntia Chagas (2024), que defende veementemente a submissão da mulher ao marido nas redes sociais, e há, também, a mulher, neste caso Damares Alves, que defende isso enquanto ministra de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos dentro da Câmara dos Deputados (Câmara dos Deputados, 2019). Ou seja, suas concepções de mundo são forjadas sob um discurso que prejudica elas mesmas enquanto mulheres que vivem em um mundo machista e misógino, estruturado desde sempre para favorecer o *homem* dentro do padrão da heteronormatividade e da branquitude. Exemplos como esse confirmam a complexidade do

problema e mesmo sendo esta uma leitura feita por elas a partir de determinada concepção religiosa, demonstra que a análise dessas dimensões reacionárias e seus atravessamentos discursivos e ideológicos devem ser tratados com seriedade e à luz de uma teoria igualmente séria.

Nesse sentido, para além de compreender as pautas dos diferentes movimentos reacionários, é preciso compreender os diferentes modos que tais percepções de mundo são estruturadas a partir do (ir)racional, da formação de uma mentalidade predisposta a estar fechada a novas perspectivas. Sobre o processo de apreensão da realidade, Fromm (1969, p. 29) discorre:

A compreensão da sociedade e da cultura em que vivemos, tal como a compreensão de nossa própria personalidade, é tarefa da razão. Mas os obstáculos que esta tem de superar para a compreensão da sociedade em que vive não são menores do que os formidáveis obstáculos que, como mostrou Freud, barram o caminho à compreensão do eu. Esses obstáculos (que ele chamou de “resistências”) não estão, de forma alguma, no reino das deficiências intelectuais ou falta de informação. Estão em fatores emocionais que cegam ou deformam nossos instrumentos de raciocínio, a ponto de inutilizar para o objetivo de descobrir a realidade.

Não obstante, o sentimento de medo rege a vida de tais sujeitos deixando-os especialmente suscetíveis à adesão por apetência de narrativas que tendem a simplificar a complexidade do mundo, que procuram resumir grosseiramente as complexas relações em todos os âmbitos da vida e em todas as escalas. Não por acaso, então, a disseminação de teorias conspiratórias das mais distintas naturezas teve um aumento significativo de adeptos nos últimos anos, teorias delirantes - mas com um poder único de encantamento - que pautam incansavelmente, especialmente a partir da década de 2010, as discussões políticas em todo o globo.

Meteoro Brasil, um canal no *YouTube* (que, inclusive, recomendo!) idealizado por Álvaro Borba e Ana Lesnovski, lançou em 2019 um livro intitulado *Tudo que você precisou desaprender para virar um idiota*. Obra de nome sugestivo, têm como objetivo primeiro estabelecer o debate sobre as principais teorias conspiratórias que direcionam os caminhos percorridos pelo debate político brasileiro. Ao longo da leitura, tomamos nota dos pilares que fundamentam não só as teorias, mas também o discurso de quem as defende. Nessa perspectiva, irei discorrer sobre duas: a ideologia de gênero e o pânico da ameaça comunista¹³. Elas ajudarão na exemplificação, à partir da realidade do Brasil contemporâneo, dos diferentes tipos de pensamento patológico na política que Fromm (1969) estabelece: o pensamento paranoico, de

¹³ Não têm um capítulo específico sobre a ameaça comunista, mas este é um elemento que se faz presente na maioria das teorias explanadas pelo livro.

projeção e o fanático. A intersecção sobrevém no momento que ambos constatarem dois aspectos fundamentais: 1) a adesão se dá por motivos emocionais; 2) o debate não é uma possibilidade pois é questão de crença, não de análise sensata da realidade (Fromm, 1969; Meteoro Brasil, 2019). Começamos, então, com o primeiro exemplo.

O pensamento paranoico é caracterizado pelo apego à possibilidade lógica, não pela probabilidade efetiva dos acontecimentos (Fromm, 1969). Esse fator torna o sujeito paranoico incapaz de realizar um exame de possibilidade e probabilidade dos acontecimentos pois seu contato com a realidade é frágil e instável, visto que “a realidade, para ele, é principalmente o que existe dentro dele, suas emoções, receios e desejos. O mundo fora dele é o espelho ou a representação simbólica de seu mundo interior” (Fromm, 1969, p. 29). Se a separação entre seu mundo interior e a verdade é apenas a condição de possibilidade, alcançar a verdade e a sensação de certeza perante a realidade é demasiado fácil, por esse motivo o pensamento paranoico é arrebatador: ele “salva o homem da dúvida” (Fromm, 1969, p. 29).

Um exemplo que aqui posso citar sobre a forma de pensamento paranoica é em relação a *fantasmagórica ideologia de gênero*, ou seja, a suposta ideologia que deseja inferenciar, especialmente às crianças, a mudança de gênero, a sexualização precoce e o aborto universal às mulheres. Sobre esse conceito, não se tem base acadêmica ou teórica alguma para sustentá-lo na realidade, o que temos, ao contrário, é a própria ausência de uma definição objetiva pelos agentes que espalham há anos o pânico através desta teoria conspiratória (Meteoro Brasil, 2019). Logo, pode-se compreender a *ideologia de gênero*, a partir da *fantasmagoria* em Walter Benjamin (2009), como algo criado por meio de distintas formas de representação da sociedade não condizentes com a verdadeira realidade expressa no mundo, ou seja, o *fantasmagórico* é uma imagem falsa da realidade e que é parte constituinte da modernidade e da subjetividade dos indivíduos (Santos, 2016).

Sobre a criação fantasmagórica da *ideologia de gênero*, a origem do termo remete à Conferência de Cairo (1994) e à Conferência de Beijing (1995), ambos eventos da Organização das Nações Unidas (ONU). Sobre o primeiro, como explica Meteoro Brasil (2019, p. 177-178) surgiu um importante

[...] avanço e um consenso notáveis que talvez sejam a base para a conspiração da ideologia de gênero reputar como crucial naquele momento: representantes de diferentes regiões, religiões e culturas reconheceram a saúde reprodutiva como um direito humano. É exatamente isso: foi em um mundo com 5,6 bilhões de habitantes (hoje já são mais de 7 bilhões) que finalmente reconhecemos a importância de falar abertamente sobre sexo e reprodução [...] Na mesma oportunidade, os países-membros estabeleceram 3 metas a serem alcançadas no prazo de uma década: redução da mortalidade infantil e materna; acesso à educação relacionada ao tema,

principalmente para as meninas; e acesso universal a serviços de saúde reprodutiva, o que incluía uma gama de contraceptivos úteis ao planejamento familiar.

A compreensão acerca deste acontecimento, do modo reacionário que se sucedeu, resultou no medo de uma possível ordem mundial maquiavélica, orquestrada pela ONU, cujo propósito seria a criação de mecanismos de legalização do aborto em seus países membros (Meteoro Brasil, 2019). A escalada reacionária pautada no combate à *ideologia de gênero* tem alguns marcos que auxiliam a pensar sua construção ideológica e discursiva dos quais destaco, a partir de Miskolci e Campana (2018), os seguintes:

1995 - Convenção Mundial de Beijing sobre a Mulher: a ONU definiu que deveriam substituir o termo “mulher” e adotar a perspectiva de gênero em suas discussões e documentos oficiais. Esta postura, no âmbito da luta do direito das mulheres, indica que as políticas devem ser pautadas a partir do problema estrutural das relações que resulta das desigualdades de gênero em todos os seus níveis.

1997: Papa Bento XVI, ainda enquanto cardeal, escreveu uma carta que expôs sua preocupação com o avanço de direitos das mulheres pautados nos ideários feministas de direitos reprodutivos e de igualdade.

2004: Escrita pelo Papa João Paulo II, a “Carta aos Bispos” manifestou-se contra o discurso feminista de liberdade sexual e reprodutiva, reiterando que a maternidade era um elemento-chave da identidade feminina.

2007: O “Documento de Aparecida”, documento da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, deixa claro a preocupação em relação às demandas de cidadania por homossexuais quando afirma:

Entre os pressupostos que enfraquecem e menosprezam a vida familiar, encontramos a **ideologia de gênero**, segundo a qual cada um pode escolher sua orientação sexual, sem levar em consideração as diferenças dadas pela natureza humana. Isso tem provocado modificações legais que ferem gravemente a dignidade do matrimônio, o respeito ao direito à vida e a identidade da família (Celam, 2007, p. 30 *apud* Miskolci; Campana, 2018, pp. 727-728).

O documento enfatiza ainda que a luta pela defesa da família tradicional deve ser prioridade pois a instituição familiar tradicional está ameaçada pelo “secularismo e pelo relativismo ético, pelos diversos fluxos migratórios internos e externos, pela pobreza, pela instabilidade social e por legislações civis contrárias ao matrimônio que, ao favorecer os anticoncepcionais e o aborto, ameaçam o futuro dos povos” (Celam, 2007, p. 279 *apud* Miskolci; Campana, 2018, p. 728).

Esta retomada em perspectiva histórica do surgimento da expressão *ideologia de gênero* se faz necessária para compreender a construção discursiva acerca do assunto, especialmente

no cenário latino-americano, pois é com o Documento de Aparecida, de 2007, que a Igreja Católica inicia oficialmente a guerra contra esta suposta ideologia. Vale destacar que o Documento de Aparecida só declarou esta “guerra” diante da historicidade sobre os debates e posições contrárias sobre aborto, métodos contraceptivos, liberdade sexual e direitos da comunidade LGBTQIAPN+ dentro da Igreja. As cartas abertas contra políticas pautadas no avanço desses direitos, assim como a associação da Igreja a movimentos conservadores da sociedade, exemplificam a crescente atuação e interferência do viés religioso e majoritariamente cristão nesse campo de disputa discursivo e ideológico (Miskolci; Campana, 2018).

Com a virada do milênio e a eleição de governos de esquerda que, apesar de ter uma agenda prioritariamente econômica usada como ferramenta de promoção de justiça social, propiciou, se não a efetiva aprovação das reivindicações dos movimentos feministas e LGBTQIAPN+, possibilitou ao menos o debate e efetivação de pontuais políticas públicas que resguardam os direitos desta parcela da população (Miskolci; Campana, 2018). Abrir espaço para o debate foi o suficiente para consumir um conflito entre a Igreja Católica somada a grupos evangélicos e organizações sociais conservadoras em contraponto aos governos de esquerda.

Com o olhar voltado à América Latina, pode-se citar alguns exemplos do conflito mencionado, como a ofensiva contra a lei do divórcio e de introdução a educação sexual no Chile em 2000; as manifestações contrárias ao estabelecimento da liberdade de culto na constituição venezuelana; a implementação da educação sexual em todas as escolas bem como a distribuição de contraceptivos para menores entre 2004 e 2005 e o debate acerca do casamento entre pessoas do mesmo sexo, em 2010, na Argentina; a alteração da constituição boliviana à partir de uma lei educacional que retirou a hegemonia do catolicismo na disciplina de ensino religioso, desconsiderando, por consequência, o caráter católico do Estado definindo-o como laico em 2010; a decisão de disponibilizar gratuitamente na rede pública de saúde do Chile a pílula do dia seguinte para mulheres maiores de 14 anos; e, é claro, a ofensiva conservadora contra o programa “Escola sem homofobia” e contra a decisão via STF do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, em 2010 e 2011 respectivamente, no Brasil (Miskolci; Campana, 2018).

Como podemos perceber, a tensão entre os grupos autodeclarados liberais-conservadores e o avanço de políticas públicas que atendem aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e aos direitos civis da comunidade LGBTQIAPN+ é claro, latente, e só faz crescer o pânico moral em meio a escalada reacionária, não limitando-se à realidade brasileira. Dar luz a esse cenário de pânico moral é um meio de exemplificar o pensamento paranoico que Fromm

(1969, p. 29) nos indica, uma vez que “é fácil reconhecer o pensamento paranoico no caso individual de um psicótico paranoico. Mas reconhecê-lo quando partilhado por milhões de outras pessoas e aprovado pelas autoridades que lideram esses milhões é mais difícil”. Digo isso pois o que era para ser uma troca de uso conceitual (de mulher para perspectiva de gênero) em debates políticos e documentos da ONU a partir de 1995, transformou-se, no Brasil de 2011, no fantasmagórico *kit gay*¹⁴ e na mamadeira de bico fálico¹⁵ supostamente distribuídas nas escolas brasileiras. A fantasmagoria criada para representar a (falsa) realidade se sobressai, assim, diante a indolência do sujeito que a criou (Santos, 2016). Cria-se o fantasmagórico e acredita-se que ele é, verdadeiramente, a realidade.

Não obstante, a teoria conspiratória da *ideologia de gênero* “trata de uma invenção poderosa na medida em que se desdobra em várias outras fabulações. Inventa-se não apenas a ideologia, mas também, para materializá-la, seus infames produtos” (Meteoro Brasil, 2019, p. 183). O pensamento paranoico precisa operar no campo da possibilidade enquanto constrói seu discurso, ou seja, é sim possível criar uma mamadeira erótica, com o bico que se deseja criar, o que não significa, é claro, que por isso ser *possível*, as escolas estejam recebendo esses objetos e dando-os às crianças como forma de sexualizá-las precocemente.

A adesão por apetência a teorias como essa, para além da confortabilidade cognitiva e pelo medo do que podemos *vir a ser*, não é, reforçando o já mencionado, fruto da falta de informações ou déficit intelectual, mas sim por fatores emocionais que impossibilitam uma leitura sensata da realidade (Fromm, 1969). Elas são apetitosas, atraentes, por ter poder de canalizar a *algo* a indignação dos reacionários frente às transformações que o mundo o força a experimentar. É como se, para o sujeito reacionário, as pessoas que ameaçam seus privilégios (mulheres, homossexuais, indígenas, negros e etc.) não soubessem mais o lugar que supostamente deveriam ocupar, ou seja, um lugar de subalternidade e esquecimento. Elas são apetitosas, pois como Fromm (1969) enfatiza, acabam por salvar os indivíduos da dúvida, oferecendo-os um alvo para direcionar seus medos e angústias frente a um mundo em constante mudança.

Ao ser guiado por suas emoções, o reacionário, perdido em sua paranoia e conduzido pelo medo, recusa os fatos mesmo quando lhe são postos cara a cara. Incontáveis foram as vezes que o Ministério da Educação (MEC) declarou a inexistência de um *kit gay*, contudo, até os

¹⁴ Material produzido em 2010, composto por diferentes informativos direcionados a gestores, professores e alunos, com o objetivo de debater questões sobre sexualidade e gênero e combater o preconceito, mas que, devido à pressão conservadora, nunca foi impresso.

¹⁵ Informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2021/10/28/e-fake-que-pt-distribuiu-mamadeiras-eroticas-para-criancas-em-creches-pelo-pais.ghml>. Acesso em: 08 jan. 2024.

dias de hoje ele segue no imaginário paranoico de milhões de brasileiros. Nem ele, o *kit gay*, e nem a mamadeira erótica foram encontrados verdadeiramente em uma escola brasileira. Constatamos, mesmo assim, a produção massiva de *fake news* nas redes sociais que incansavelmente produzem e reproduzem essas mentiras. Tais mentiras, mesmo não passando de mentiras, são a faísca necessária para acender - e manter - o pânico e o caos pois, lembrando, para o paranoico, a mínima possibilidade é suficiente para tornar qualquer fato a *sua verdade* absoluta. Sendo assim, pouco importa a realidade para quem acredita na real existência de uma ordem maquiavélica que ameaça a inocência de nossas crianças e jovens fundamentada na *ideologia de gênero*. Isso nos leva ao próximo exemplo: o pensamento de projeção.

Podemos definir o mecanismo de projeção como a transferência de tudo que eu sou para a outra pessoa, é o caso da “pessoa hostil e destruidora, que acusa todos os outros de lhe serem hostis e se retrata como inocente e vítima” (Fromm, 1969, p. 30). Para ilustrar o conceito de projeção como patologia política, Fromm (1969) vale-se do contexto da Guerra Fria, isso porque podemos constatar que os dois países que lideravam o conflito acusaram o seu adversário de coisas que eles próprios faziam, ao mesmo tempo. Explicando de outra forma, a indignação estadunidense contra a política de terror stalinista, a exemplo, não é visível quando a luz se volta para suas próprias ações enquanto um país imperialista, que financiou e ainda hoje financia guerras em todo o globo em nome da “liberdade” e da “democracia”. Para o mesmo peso, duas medidas. Contudo, se *eu* faço é porque a causa é nobre, é a única ação possível para que o “bem” que tome as rédeas. Se o *outro* o faz é, justamente, por ser todo o mal que eu não sou capaz de ver em mim. É, na perspectiva reacionária, “uma luta do bem contra o mal” (CNN Brasil, 2022b). Logo, dentro dessa lógica,

O inimigo surge como a personificação de todo o mal porque todo o mal que sinto em mim se projeta nele. Logicamente, depois disso, considero-me como a personificação de todo o bem, já que o mal foi transferido para o outro lado. O resultado é a indignação e o ódio contra o inimigo, e a autoglorificação sem crítica, narcisista (Fromm, 1969, p. 30).

É deste pensamento de projeção que surge o “cidadão de bem”, aquele cidadão que, em teoria, luta em prol da nação e é movido pelo sentimento patriótico sustentado por uma falsa moralidade (Radaelli, 2022). Nesses casos, o moralismo designa o outro como a maldade em essência e “ao estabelecer o caráter negativo do diferente, ou de quem deseja ter como diferente, o moralista cria um dístico de bem e mal, que serve a prévia absolvição das condutas próprias, por pior que elas sejam” (Radaelli, 2022, p. 23). Nesse tipo exato de pensamento/ação, em suma, culpo o outro de ser o que *eu sou* e culpo-o de fazer o que *eu faço*. Uma das consequências desta patologia política no contexto histórico da Guerra Fria, dentro do escopo analisado até o

momento, “é um quadro narcisista e pouco real do Ocidente como lutador do bem, da liberdade, da humanidade, e o comunismo como inimigo de tudo o que é humano e decente” (Fromm, 1969, p.31). Isso preparou o terreno para que fossem semeados delírios e paranoias em forma de teorias da conspiração que “denunciam” a existência de um plano comunista maquiavélico de dominação global.

No Brasil, a “ameaça comunista” ganha força em momentos de crise econômica e política, como foi o caso da Ditadura do Estado Novo (1937-1945), da Ditadura Civil-Militar (1969-1985), do golpe de 2016 e dos processos eleitorais de 2018 e 2022. Em todos esses momentos a “ameaça comunista” assombrava o imaginário brasileiro impulsionado, é claro, por mentiras e notícias falsas. O Plano Cohen, à exemplo do afirmado, foi um dos pretextos usados para legitimar a implementação da Ditadura do Estado Novo por Getúlio Vargas. O documento com o suposto plano foi entregue ao governo pelo capitão Olympio Mourão Filho, membro da AIB (e o mesmo sujeito que iniciou a movimentação do golpe de 1964), sob a acusação de ser um plano de revolução armada comunista (Gonçalves; Neto, 2020). Apesar da inexistência de fatos comprobatórios, apenas a possibilidade do plano ser realmente verdadeiro foi o suficiente para instaurar o caos e histeria entre a população e propiciar a Vargas um oportuno momento para iniciar o período autoritário de seu governo (Gonçalves; Neto, 2020). A farsa dessa manobra política só é revelada em 1945, com o Estado Novo em declínio, mas, de todo modo, o estrago já estava feito e as mentes permaneciam colonizadas. Desde o século passado, o pânico comunista permanece vivo entre a população e o “fantasma comunista” é especialmente evocado pelo discurso da extrema-direita. O que entendemos hoje como anticomunismo coloca-se em situação antagônica ao discurso político progressista defensor de mudanças na conduta social, nas relações econômicas e de trabalho, na liberdade sexual, reprodutiva e etc. É-se automaticamente taxado de comunista se defende os direitos humanos, a educação sexual nas escolas, os direitos das mulheres e da comunidade LGBTQIAPN+, o cuidado com o meio ambiente, a descriminalização das drogas, ou qualquer tipo de ação afirmativa e demais pautas que compõem o espectro político de esquerda. Outra definição, em suma, sugere comunismo ou comunista como tudo que destoa minimamente da cartilha reacionária direitista, tudo e qualquer coisa que critique a ação dos líderes e dos liderados.

Intrinsecamente, no discurso reacionário o comunismo é tudo, ao mesmo tempo que teórica e conceitualmente não é nada. Assim como *ideologia de gênero*, *comunismo* carece de uma definição precisa do que é ou deixa de ser. Isso é vital para manter o controle discursivo pois, ao se ter uma definição, elimina-se incontáveis possibilidades e facilita aos liderados a

classificação do que é ou não é comunismo. Ao mesmo tempo, a ausência de uma definição amplia o número de ações, ideologias, pessoas e movimentos que podem ser taxados de comunistas, descredibilizando-nos de imediato. A viabilidade de estruturar um debate é eximida quando o único argumento é uma palavra de ordem. Exclamar “Comunista!” é o suficiente para desqualificar qualquer argumento ou pretensão de debate, mesmo não tendo ferramenta discursiva alguma além de rotular o antagonístico que ousa criticar as certezas do sujeito reacionário. Isso é o que Souza (2020) delinea como *adoecimento da linguagem*, aspecto base de todo movimento reacionário e que será tratado com maior atenção páginas adiante.

Seguindo, então, a última categoria de pensamento patológico na política elencado por Fromm (1969) é o pensamento fanático cuja principal característica é a incapacidade *sentir*. Como mecanismo de sobrevivência, o fanático “construiu para si um ídolo, um absoluto, a que se entrega completamente, mas do qual também faz parte. Age, pensa e sente, então, em nome de seu ídolo, ou antes, tem a ilusão de ‘experimentar’ uma sensação íntima, embora não tenha nenhum sentimento autêntico” (Fromm, 1969, p. 33). O resultado do pensamento fanático é efeito da inaptidão para estabelecer relações autênticas, uma vez que estas só podem ser experienciadas na abertura para inter-relação entre o *eu* e o mundo, entre o *eu* e o alheio e exterior a mim (Fromm, 1969). O “fogo frio” do fanático sugere que *sente algo* e sugere, ainda, demasiada certeza e paixão em suas crenças, é isso que o torna tão perigoso e, ao mesmo tempo, com um potencial invejável de atração (Fromm, 1969). Aparenta sentir muito, com um vigor arrebatador, enquanto, verdadeiramente, nada sente em seu interior.

Para exemplificar, quando em meio a maior tragédia de saúde global da história, a principal autoridade da república, o então presidente Jair Bolsonaro, chama tal doença de “gripezinha” em seu primeiro pronunciamento oficial, ou quando afirma que a previsão de mortos não iria ultrapassar 800 pessoas mas, no momento que o Brasil já contabilizava mais de duas mil mortes, disse sem pudor algum “E daí? Eu não sou coveiro” ao ser questionado sobre as ações em relação às mortes e à pandemia, temos um exemplo tangível do que significa a incapacidade de sentir supracitada (Meteoro Brasil, 2020). Declarações e ações deste feitio não nos faltam especialmente durante os anos de pandemia, entretanto, uma se sobressai: quando Bolsonaro, em mais de uma oportunidade, imita uma pessoa engasgando por falta de ar (Brasil de Fato, 2022). O ato por si só, têm o poder de despertar a indignação de quem ainda consegue sentir algo. Contudo, a indignação é inflamada quando constatamos que as imitações foram feitas quando a contagem de vidas perdidas chegava a 290 mil brasileiros. Hoje, a “gripezinha”, a pandemia menosprezada por Bolsonaro, tirou a vida de mais de 710 mil brasileiros e aproximadamente 7 milhões de pessoas no mundo todo. O exemplo do descaso e falta de

humanidade com que esses fatos aconteceram conseguem dar a devida dimensão às consequências do pensamento fanático. Jair Bolsonaro é a figura de liderança no culto idólatra bolsonarista e ele próprio, enquanto líder, precisa ser um dos sujeitos mais fanáticos sobre as ideias que a horda, em sentido freudiano, coleciona. Em função disso, voltar atrás e mudar o discurso é impossível. O máximo que se pode-se fazer é mentir descaradamente sobre os fatos quando por eles for confrontado.

Nesse sentido, o fanatismo é direcionado à criação do homem para si mesmo enquanto processo de terceirização de seus desejos narcísicos (Freud, 2022). Para tanto, a identificação do sujeito com seu líder perpassa originalmente uma forte ligação emocional, uma vez que é deste processo de identificação que se forma a massa. “Tal massa primária consiste de certo número de indivíduos que colocam um único e mesmo objeto no lugar de seus ideais do eu e que, por conseguinte, se identificaram uns com os outros em seus eus” (Freud, 2022, p. 118). Esta ligação é alimentada pela idealização do líder como um sujeito de força sobrenatural, com invejável vigor e coragem para personificar os anseios da massa, ao mesmo tempo que é, ou pelo menos aparenta ser, um “homem comum”, um “pequeno grande homem” que reflete as ações dos liderados em suas próprias ações (Freud, 2022; Souza, 2020; Adorno, 2015). O líder precisa, necessariamente, ser alguém que reflete o comportamento, anseios e características dos liderados. Se o líder é demasiado compatível com quem eu sou, sua “força” reflete a minha força. Em meio a esse jogo de espelhos, Bolsonaro é, então, o “pequeno grande homem”, o “messias”, o “imbroxável, imorrível e incomível” (UOL, 2021) escolhido para liderar a horda.

Fruto do fanatismo, da ausência de sentimentos verdadeiros, a adoração ao ídolo inventado, a idolatria nasce como saldo da soma e relação entre a *razão ardilosa* e a *razão vulgar*, conceitos apresentados por Ricardo Timm de Souza (2020). Enquanto a *razão ardilosa* existe para esconder a verdade através do respaldo à violência e infâmia do mundo, a *razão vulgar* é a “razão uniformemente distribuída, na qual todas as violências se combinam com a anestesia advinda da massa obtusa de acontecimentos que se precipitam e povoam o imaginário de gente igualmente obtusa” (Souza, 2020, p. 13). Em outras palavras, a *razão ardilosa* lucra com a *razão vulgar*, idiótica, enquanto a alimenta e encoraja. Logo, a *razão idólatrica* é o resultado massificado da conexão entre a *razão vulgar* e a *razão ardilosa* (Souza, 2020). É, por assim dizer, a relação de retroalimentação entre discurso e ideologia.

Em razão de consideráveis avanços intelectuais e tecnológicos nas últimas décadas, os homens e mulheres perpetuam seu culto idólatra às instituições, à propriedade, aos laços sanguíneos, enfim, à sua própria cultura e tradição, às suas próprias criações (Fromm, 1969). Novos ídolos são forjados a partir do tempo histórico que se vive e com os atributos necessários

para massificar a linguagem, o discurso, o pensamento, e assim lograr a soma de sujeitos igualmente massificados para adorar a nova criação *do* homem *para* o homem. A idolatria é, então, o acesso ao mundo de forma falsa e danificada, dado que a condição de existência do *eu* está condicionada exclusivamente ao ídolo inventado a partir da demanda e apetência do coletivo fanático (Souza, 2020). O ídolo sou eu, e eu sou meu ídolo, pois dentro da relação das massas o *eu* precisa de um agente externo, criado para legitimar o que o *eu*, sozinho, na individualidade, não tem coragem de externalizar (Freud, 2022). Ele sou eu e *vice-versa* pois *eu* o criei segundo as expectativas existentes em *meu* âmago, dando início, assim, a um infundável jogo de espelhos.

O processo de criação e adoração ao ídolo existe pois há, conforme enfatizado desde o princípio, a incapacidade de análise racional da realidade. Enquanto a *razão ardilosa* cumpre sua função de esconder a verdade e mascarar a realidade, a *razão vulgar* torna-se discípulo da irrealidade criada, seguindo feliz ao abismo de sua criação. A idolatria, “a adoração da imagem” (Souza, 2020, p. 11), acaba por se concretizar como uma espécie de muro entre o indivíduo e a realidade. O contato com a realidade torna-se inatingível pois as *imagens* (no caso de minha análise, os vídeos) se apresentam como uma forma de representação fictícia da realidade, ou seja, são uma leitura da realidade que vêm pronta e reforça incansavelmente os ideais que o indivíduo já possui. Incapaz de pensar por si próprio, o idólatra alimenta-se necessariamente do que lhe é servido à mesa sem pestanejar ou vislumbrar o resultado de suas ações (Souza, 2020). Faculdade imperiosa à idolatria, a recusa ao pensamento desdobra-se na forma de pensamento inautêntico e automático.

O processo é simples: acredito que algo não é verdade, não porque tenha chegado a conclusão pelo raciocínio, baseado em minhas observações e experiências, mas porque isso me foi “sugerido”. No pensamento automático, posso estar na ilusão de que meus pensamentos são meus, quando na realidade os adotei porque me foram apresentados pelas fontes que de uma forma ou outra **representam autoridade** (Fromm, 1969, p. 33-34).

Nas diversas tentativas empreendidas para aproximar-se da compreensão dos mecanismos de pensamento reacionário, há sempre um tópico destinado para o aspecto da irracionalidade impulsionado pelo medo do Outro e pela obediência desmedida (Adorno, 2015; Eco, 2022; Freud, 2022; Fromm, 1969; Souza, 2020;). Esses pontos se encontram na medida em que o pensamento autêntico é uma impossibilidade e analisando a partir do ponto de vista educacional, este é o tipo de pensamento que se sobressai dentro da perspectiva idolátrica, especialmente em vista do objeto desta pesquisa. Nessa perspectiva, a autoridade está representada pelo formato jornalístico do programa *Os Pingos nos Ís*, pelo vocabulário e

oratória dos participantes, e o pensamento automático fundamenta o discurso dos ouvintes e espectadores ao passo que estes absorvem irracionalmente o discurso ideológico do programa servindo, portanto, como meio de reafirmar seus pensamentos de projeção, fanático e paranoico. Acredita-se estar pensando autonomamente quando, na realidade, é-se apenas mais um na onda reacionária.

Ela, a *razão idolátrica*, assim como todo e qualquer tipo de pensamento ou ideologia que se propõe totalizante, tem como primeiro ato a paralisação do pensamento que não seja para se autorreferenciar e adorar sua própria criação (Souza, 2020). Por ser totalizante, despeza o pensar, a diferença, “a inteligência é ofensiva, só sua pretensão - ou seja, sua paródia - é aceita. Ocorre grande interdição não dita, típica de toda idolatria: não pensar (pensar é perigoso), não criticar (criticar é destrutivo)” (Souza, 2020, p. 12). Redoma de certezas, a massa totalizada e idólatra não aceita o que destoa de sua falsa realidade construída. Logo, a supressão do dissenso culmina, ao mesmo tempo, na supressão da singularidade (Souza, 2020).

Dentro dos grupos efêmeros, das massas, os indivíduos perdem seus traços de individualidade e desprendem-se da limitação que esse fato lhe condiciona. Participar da massa gera prazer pois dá ao sujeito a sensação de poder para agir e lutar (Freud, 2022; Adorno, 2015). Entretanto, para fazer parte do culto ao ídolo é necessário abdicar de pensar por si mesmo e aceitar o imposto como cultura, pensamento e ideologia. Duvidar, criticar ou agir contra a correnteza massificada, ou apenas a remota intenção de fazê-lo, é prontamente visto como um ato de traição (Souza, 2020; Adorno, 2015). O discurso evocado pela figura do líder precisa ser sustentado até mesmo após atravessar os limites democráticos, éticos e legais, pois, o que o líder diz, têm força de lei, moldando de imediato o discurso e ações de seus liderados. Vale dizer, é claro, que por estar em estado de hipnose, ou seja, um estado de paralisia frente à realidade que o cerca e aos fatos que acontecem diante de seus olhos (Freud, 2022), os idólatras não reconhecem que tais ações são, muitas vezes, o cometimento de um crime ou ações de desumanização de si mesmos e do Outro.

Ao estabelecer o que se deve vestir, a forma como deve se portar, o tom e argumento de discurso a ser usado, quais os gêneros musicais e cinematográficos são bons ou ruins, bem como o pensamento diante fatos cotidianos, cria-se uma massa de indivíduos irracionais que partem alegremente para a destruição do mundo. Em alguns casos, como na AIB, o repúdio à crítica era advertido logo no juramento proferido para ser um novo integralista: “Juro por Deus e pela minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando, sem discutir, as ordens do Chefe Nacional e de meus superiores” (Gonçalves; Neto, 2020, p. 35). Entretanto, em anos de bolsonarismo, isso não foi regulamentado oficialmente a exemplo da AIB, mas, sem dúvidas,

está no imaginário de quem seguiu e segue o líder Bolsonaro. Justifico a afirmativa pois figuras das mais variadas funções sociais foram acusadas categoricamente de traidoras e consequentemente de “comunistas” por destoar do discurso bolsonarista hegemônico. Movimento essencialmente iniciado nas redes sociais, dentre os acusados de “comunistas” pela massa digital bolsonarista estão, por exemplo, Janaína Paschoal e Kim Kataguirí¹⁶.

A acusação de traição não foi impulsionada por um grande ato, mas por pequenas discordâncias em meio ao discurso sustentado pela extrema-direita na figura de Jair Bolsonaro e seus subordinados. Perde-se algo que é tão caro ao modelo de educação e sociedade essencialmente democrática: a estima a diferença e singularidade de ser, pensar e agir no mundo, próprio de cada sujeito e sua dimensão irreproduzível em escala coletiva (Biesta, 2021). Massificar é totalizar e totalizar é exterminar a individualidade em nome de um coletivo reacionário e de seu ídolo adorado. Nesse movimento de totalização extingue-se a possibilidade da novidade, do novo e a possibilidade de viver com o *Outro* enquanto *Outro* e não como inimigo a ser dizimado.

O sucesso da recusa e a incapacidade do pensar racionalizado perpassa, necessariamente, o âmbito da linguagem ou, neste caso, do *adoecimento da linguagem*. Conforme Souza (2020) sugere, é notável a relação direta entre a atrofia da linguagem e o crescente potencial idolátrico. O adoecimento da linguagem indicado por Souza (2020) é paralelo ao fundamento da *novilíngua* de Orwell (2020). A condensação de sílabas e significados das palavras na ficção de Orwell (2020) têm o mesmo fim de empedramento da linguagem sugerido por Souza (2020): impedir o estabelecimento de uma verdadeira comunicação e restringir as possibilidades de pensamento e expressão do pensamento. Frente a linguagem adoecida e o pensamento engessado nasce o *duplo pensamento*, ou seja, a capacidade de acreditar em duas crenças contraditórias concomitantemente (Orwell, 2020). Por esse motivo, conforme indica Souza (2020), o idólatra, por defender duas perspectivas que, se olhadas em paralelo, não existe argumento racional que as sustente, compreende cada argumento, cada *slogan*, cada frase de efeito e clichê de forma isolada, desconectada da realidade e com uma naturalidade que beira o escárnio. Exemplificando, dentro dessa lógica de *duplo pensamento* e de *contrários inconciliáveis*, é possível se autodeclarar “pró-vida” ao se posicionar contra ao aborto ao mesmo tempo que se defende a pena de morte. Cada fragmento discursivo sobrevive isoladamente diante de seus pares inconciliáveis, haja vista que não há

¹⁶ Informação disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/27/interna_politica,757803/saiba-como-paschoal-kim-e-outros-nomes-da-direita-viraram-comunistas.shtml. Acesso em 20. abr. 2024

lógica, racionalidade, se somados (Souza, 2020). Individualmente, sobrevivem por conta própria e por força/ação de uma linguagem hipócrita que, abalroada com a realidade, esvai-se no mesmo instante.

Frente a isso, o teor ideológico do discurso proferido pelo líder ecoa nas ruas, nas redes sociais e na vida cotidiana de seus seguidores, tornando-se o verdadeiro guia para suas ações. Podemos perceber essa relação quando um discurso proferido pela figura de autoridade está presente nas manifestações e na tentativa de golpe de 08 de janeiro. Em certo dia, o líder pede para que os apoiadores presentes em uma convenção repitam “eu juro dar a minha vida pela minha liberdade” (Affonso; Weterman; Valfré, 2023). No mesmo dia, uma apoiadora posta um vídeo aceitando a convocação do líder para a manifestação de 07 de setembro de 2022 enquanto escreve a mesma frase no texto da publicação: “eu juro dar a minha vida pela minha liberdade” (Miziara, 2022). Pouco mais de dois anos depois, em 13 de novembro de 2024, um homem comete suicídio depois de jogar duas bombas contra o prédio do STF e, na sequência, deitar em cima de outra, dando sua vida “para que as crianças cresçam com liberdade” (ICL, 2024). Dizem, dentro da guerra travada do “bem contra o mal”, que lutam pela liberdade, mas, enfim, o que é liberdade? Afirmam lutar contra o comunismo e a ideologia de gênero, mas o que são comunismo e ideologia de gênero?

Com o léxico pobre, os indivíduos não conseguem articular argumentos para construir um debate e sequer defender pacífica e racionalmente seu ponto de vista. Sua mente reproduz apenas frases feitas. Esbravejam “Deus, pátria, família e liberdade”, a exemplo, sem ter a mínima dimensão do que isso realmente significa dentro de um campo histórico, político e ideológico. Pensar exige tempo, esforço, e nem sempre gera os frutos almejados no início da análise. Pensar torna-se, no tempo do capitalismo em seu feitiço neoliberal, improdutivo. É uma habilidade que se despreza. O ato de parar para pensar e pensar autonomamente é menosprezado em meio ao enxame de informações pelas quais somos bombardeados diariamente, afinal de contas, porquê parar para pensar se eu tenho em mãos um aparelho que, em poucos cliques, entrega as respostas para minhas perguntas, e melhor, entrega as respostas que me agradam? A *Verdade* não mais é compreendida a partir da análise da realidade e dos elementos políticos, sociais e econômicos que estruturam nossas vidas. *Verdade* é, agora, o que os algoritmos entregam em forma de publicações nas redes sociais. Por isso a *verdade*, dentro do dicionário reacionário, passa a ser “a opinião de quem manda ou patrocina aquilo que cabe em nossas crenças” (Radaelli, 2022, p. 77). Considera-se verdade o que *eu* acredito que seja verdade, e mais, é o que *eu* quero que seja a verdade do mundo. Entretanto, o *acreditar* e o *querer* são insuficientes para ditar a Verdade factual e a realidade como ela é.

Tal constatação não é mera coincidência, mas, sim, resultado de novas tecnologias e novas possibilidades de estabelecer relações com o eu, com o Outro e com o mundo. Com *smartphones*, o amplo alcance e facilidade de acesso a rede móvel e sem fio de *internet* e a criação de redes sociais inovadoras como o *Facebook*, *YouTube*, *Twitter*, *Instagram* e *TikTok*, o modo como nos relacionamos, formamos opinião, opinamos, aprendemos e mesmo somos educados sofreram drásticas mudanças em um curto espaço de tempo. O impacto no campo individual de cada usuário é perceptível, mas alcança escalas arrebatadoras quando o prisma se volta para o coletivo.

As citações que abrem as discussões neste primeiro capítulo conseguem, juntas e de forma singular, expressar aspectos cruciais para o processo de compreensão da formação de mentalidades predispostas à recusa de experimentar uma nova forma de viver em sociedade. Fruto dessa predisposição, a adesão por apetência a teorias que além de propiciar conforto cognitivo “salva o homem da dúvida”, é o que faz de discursos e ideologias reacionárias e, por consequência fascistas, tão encantadoras e poderosas. Como brilhantemente aponta Rubem Alves (2020) na introdução de “Religião e repressão”,

Somos assim. Sonhamos o voo, mas tememos as alturas. Para voar é preciso amar o vazio. Porque o voo só acontece se houver o vazio. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Os homens querem voar, mas temem o vazio. **Não podem viver sem certezas. Por isso trocam o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram.**

Em perspectiva, as gaiolas, nessa análise, podem ser vistas como a criação do ídolo feita pelo homem para ser adorado por ele mesmo. São as tradições, as ideologias constituídas a partir de determinado discurso. São os *slogans*, os clichês e ritualísticas. São as fantasmagorias criadas em todos os seus feitios. “Os homens preferem as gaiolas ao voo”, diz Alves. Se eles preferem, é porque a falsa liberdade pela qual lutam não passa de uma construção fantasmagórica para mascarar sua falsa moralidade, sua falsa preocupação com o futuro do mundo. Certezas são gaiolas enquanto liberdade é essencialmente sinônimo de risco, incerteza e principalmente de responsabilidade. Alimentadas pelo pensamento automático, as certezas são a segurança do reacionário frente a um mundo que não condiz com suas certezas, com sua crença e seu desejo de destruição. É preferível agarrar-se a elas ao invés de experimentar o voo que a verdadeira liberdade de estar aberto ao risco, ao Outro, nos possibilita. Mesmo esbravejando, em fala, a luta por liberdade, os sujeitos aprisionam a si mesmos em gaiolas de certezas, de adoração, e objetivam o colocar todos os Outros nesse lugar de aprisionamento.

Não obstante, o sujeito que na convivência física no mundo é suscetível ao pensamento paranoico, projetivo e fanático de Fromm (1969) e também a *razão idolátrica* de Souza (2020)

encontra no “mundo” virtual um campo fértil pra semear seus medos, revoltas e anseios além, é claro, de encontrar milhares ou milhões iguais a ele. As redes sociais transformaram radicalmente as relações estabelecidas em escala individual e coletiva. Para além, a forma como elas são estruturadas a partir da operação algorítmica, têm o poder de influenciar diretamente, de forma consciente ou não, as decisões de pessoas, movimentos sociais e nações inteiras. É o poder de influência das redes sociais que incide e ameaça veementemente regimes democráticos em todo o globo que pautará as discussões nas páginas que seguem.

3. CRISES DEMOCRÁTICAS E O PAPEL EXERCIDO PELAS REDES SOCIAIS NA PROJEÇÃO DE DISCURSOS REACIONÁRIOS

O advento da internet chegou para mudar nossas vidas, a forma de nos relacionar com os outros e a forma como nos informamos sobre os acontecimentos de escala local e mundial, influenciando diretamente diversos aspectos do mundo contemporâneo. Nos últimos anos, as redes sociais se tornaram não apenas plataformas para compartilhar momentos cotidianos, mas também espaços onde ideias políticas são debatidas, movimentos sociais são organizados e a opinião pública é formada a partir dos discursos que são construídos nesses ambientes virtuais. Por este motivo, analisar as influências dessas redes no processo de corrosão das democracias ao possibilitar novos modos de relação e educação intermediados pelo digital se faz imprescindível.

O decurso da digitalização do mundo e dos sujeitos constitui hoje, conforme Han (2022), um *regime da informação*.

Chamamos de regime de informação a formação de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos. Em oposição ao regime disciplinar, não são os *corpos e energias* que são explorados, mas *informações e dados*. Não é, então, a posse de meios de produção que é decisiva para o ganho de poder, mas o acesso a dados utilizados para vigilância, controle e prognóstico de comportamento psicopolíticos (Han, 2022, p. 7).

Contrariando o pressuposto do poder disciplinar e seu poder de transformar o corpo em *corpo dócil*, em *máquina*, o regime de informação vai além, exigindo não apenas sujeitos dóceis e obedientes, mas, também, sujeitos que acreditam ser livres, criativos e autênticos (Han, 2022). O poder não é mais pautado somente na *biopolítica* do regime disciplinar, mas na *psicopolítica* do regime de informação. Explicando de outra maneira, pode-se dizer que

A técnica digital da informação faz com que a comunicação vire vigilância. Quanto mais geramos dados, quanto mais intensivamente nos comunicamos, mais a vigilância fica eficiente [...] nos regimes de informação, as pessoas não se sentem, além disso, vigiadas, mas livres (Han, 2022, p. 13)

O regime de informação enquanto possibilidade relacional não exige obediência, a obediência é exigida, entretanto, dentro do culto idolátrico ao qual o indivíduo faz parte. Tal (falsa) sensação de liberdade impulsiona a crença de que se está pensando por conta própria, sem influência externa. A tomada de consciência torna inoperante as ações dos sujeitos uma vez que estes não têm dimensão da vigilância e influência a que estão submetidos pela lógica algorítmica.

Frente a tal constatação, enquanto nos projetos totalitários do século XX o poder era tomado com a construção de uma ideologia narrativa, ou seja, através de uma explicação *total* da história, o projeto totalitário do *regime de informação* pauta-se na operação dos algoritmos, calculando tudo o que fomos, somos e seremos a partir da mapeação do comportamento dos usuários. Por isso podemos considerar o projeto de poder das *Big Techs* um totalitarismo. Nesse caso, ele não só *narra* o mundo e história, mas *opera* esse mundo a partir da coleta e análise de dados.

Dentro deste novo sistema, é de suma importância um destaque: as extremas-direitas de todo o globo foram muito mais eficientes no processo de entender o potencial das redes sociais no processo político. O fascismo sempre foi pioneiro na utilização das novas tecnologias e meios de comunicação para chegar ao poder, visto que essas novas tecnologias propiciam novas formas de se experienciar a idolatria, ou seja, de ofertar novas formas de acesso ao mundo mediado por máquinas e por meio de imagens oferecidas por essas máquinas. Isso ocorreu com advento do rádio, por exemplo, como meio de difusão e adesão ao discurso nazista. Se os elementos de Ur-Fascismo estão sempre a pairar os ares da democracia (Eco, 2022) e se a barbárie se vale de engrenagens democráticas para se fortalecer e expandir suas ações e discursos, é possível dizer que o fascismo, com as tecnologias do século XXI, voltou a encontrar os instrumentos necessários para tomar o poder de forma decisiva mais uma vez. Nesse caso não quero dizer que o sucesso da extrema-direita se deve, exclusivamente, por competência, mas quero enfatizar que o sucesso é estarrecedor pois as novas tecnologias de comunicação e propaganda, cada qual em seu tempo, são mais adequadas ao formato de propaganda reacionária de direita.

Marilena Chaui (2021), enfatiza que os agentes do espectro político de direita têm a vantagem de ter o poder hegemônico e senso comum por ele criado ao seu lado. Enquanto a esquerda, aquela verdadeiramente comprometida com democracia, com os trabalhadores e as maiorias minorizadas possui processos complexos para compreensão e entendimento da realidade e dos processos sociais e políticos, a direita consegue simplificar ao máximo toda a complexidade do mundo, da história e das relações (Chaui, 2021). Podemos dizer que isso acontece pois os agentes desse reacionarismo de extrema-direita não têm o compromisso com a verdade, com a realidade. Como enfatizado, a realidade é constituída a partir de alegorias, de fantasmas criados para ser o alvo de sua idolatria promovida pelo pensamento automático e inautêntico. Esse é um momento oportuno para unir e reforçar alguns pontos discutidos até aqui.

Pensando no reacionarismo em perspectiva e como fruto de uma adoração elaborada por meios racionais, de complexo entendimento e com consequências irracionais, ou seja, com

a inaptidão para analisar a realidade racionalmente, temos nas redes sociais um meio tecnológico propício para interligar pessoas, ideologias, lutas sociais e, ao mesmo tempo, medos, paranoias e inverdades. O desejo de aniquilação do Outro, aditado à crise de verdade e sujeitos predispostos à *razão idolátrica* impulsionada pelas mídias digitais, são os alicerces da crise democrática que o Brasil e diversos outros países vivem notadamente desde a última década. Se nas décadas anteriores tal fato não tinha tamanha dimensão, não quer dizer que movimentos e discursos reacionários estavam extintos, muito pelo contrário. O reacionarismo apenas encontrou novas formas de dominação, de criação de ídolos e de adoração além, obviamente, de se valer das crises econômicas e das legítimas angústias da população para tomar o poder. É dessa conjuntura, por exemplo, que Bolsonaro emerge como o novo ídolo e líder do reacionarismo no Brasil.

Para seus eleitores, Bolsonaro se tornou um símbolo de esperança, um “novo” caminho a ser seguido por uma sociedade indignada com os casos de corrupção dos governos petistas (dos governos, não unicamente do partido), do crescente número de brasileiros desempregados, do aumento da inflação, dos preços dos alimentos e combustíveis, e assim por diante. Por esses motivos, não posso cometer o erro de generalizar todas as afirmações feitas ao longo dessas e das seguintes páginas. Logo, é preciso dizer que nem todo conservador bolsonarista é um reacionário, mas todo reacionário é, necessariamente, um conservador bolsonarista. Não generalizar esse aspecto se faz importante tanto quanto é importante pensar nos movimentos realizados pelos agentes da *razão ardilosa* que se valem das mazelas na população e das ferramentas do ciberespaço para conquistar o poder e colocar em risco não só a democracia, mas o mundo.

Pensando a partir das ações de agentes da *razão ardilosa* e a utilização do ciberespaço como meio de obtenção do controle da pauta política e espaços de poder, ao contrário do projetado por Pierre Lévy (2010) acerca do mundo digitalizado, Han (2022) dá luz a um lado desesperançoso em meio ao processo de digitalização da vida em todas suas esferas. Ao contrário de comunidades responsáveis, como era a esperança de Lévy, o que vemos são verdadeiros enxames digitais que, guiados por seus líderes e alimentado pelos algoritmos, colocam em risco não só a democracia, mas a humanidade como um todo. Antes mesmo da realidade tecnológica que vivemos hoje, Fromm (1969, p. 36) já sugeria que “o pensamento patológico e o ‘duplo pensamento’ não são apenas doentios e desumanos, mas colocam em risco nossa sobrevivência mesma”. Pode-se presumir a escala de destruição a que estamos sujeitos se acrescentamos o mundo digital do século XXI a esta equação.

Estabeleci a partir das análises e referências bibliográficas a década de 2010 como um marco na escalada reacionária, entretanto, assim como a preocupação de Fromm (1969) com as decorrências dos pensamentos patológicos na política, as ressalvas em relação às mudanças ocasionadas pelo ciberespaço não são recentes. Elas acontecem desde o advento da *Arpanet* (1969), do *e-mail* e Protocolo de Controle de Transmissão (anos de 1970), do *World Wide Web* (o famoso “WWW” que significa “Rede Mundial de Computadores”, em 1989), do *Google* (1997), acentuando-se, é claro, a partir da criação de redes sociais revolucionárias como o *Orkut* e *Facebook* (2004), o *YouTube* (2005), *Twitter* (2006) e mais tarde o *Instagram* (2010). Desde o início deste processo, otimistas, pessimistas e receosos dividem opiniões sobre a preponderância benéfica ou maléfica do ciberespaço enquanto meio de estabelecimento de relações sociais e suas consequências. De um lado,

Os otimistas do ciberespaço compartilham a visão de que o ciberespaço consiste num domínio onde se formam comunidades virtuais “espontaneamente” ou emergem por autodeterminação e se constituem por indivíduos que participam por livre vontade em comunicação não-censurada, caótica e dialógica cruzando fronteiras de disciplinas, culturas e conceitos cognitivos. Criam novos mundos através e dentro de diferenças e não, como no conceito moderno de conhecimento e inter-subjetividade, através de um impulso a suplantar ou destruir diferenças (Gur-Ze’ev, 2002, p. 78).

Por outro lado, há quem considere que

[...] o ciberespaço só pode mesmo reproduzir a lógica do sistema unidimensional que se tornou totalmente racional e no qual toda dialética, alienação e discordância são conquistadas, digeridas ou destruídas. Em seu centro, as relações de força são disfarçadas, pois tudo se torna visível, externalizado, aberto e “livre” para todos os parceiros competentes. Todos os sinais distintivos tornam-se iguais a si mesmos e fica impossível negá-los num terreno totalmente racional destituído de história, *eros* ou traços de alteridade; sem mistério ou transcendência - e, portanto, sem significados (Gur-Ze’ev, 2002, p. 87).

Desde o advento da *internet* e já no início do milênio, a educação também era um ponto central da discussão acerca das mudanças que o ciberespaço viria a ocasionar não só na educação formal, mas também na educação informal. Gur-Ze’ev (2002), à exemplo, trata da questão do ciberespaço em referência à possibilidade, ou não, de existir uma educação crítica nesse novo mundo tecnológico virtual. Contudo, antes de pensar sobre a probabilidade de educação informal no *YouTube*, creio ser imprescindível tomar nota do desenvolvimento desses avanços ao longo deste século. Para tanto, farei isso analisando dois casos em específico para exemplificar o potencial de influência exercido pelo ciberespaço na vida política e democrática.

Anteriormente destaquei que o fenômeno do reacionarismo extrapola as fronteiras brasileiras e, sobre isso, Empoli (2020) consegue marcar no mapa *mundi* um local específico que emergiu como um eficiente laboratório para as investidas reacionárias a partir do

ciberespaço desde o início do século XXI: a Itália. Empoli (2020) considera a Itália o “Vale do Silício” do populismo, ou seja, o grande centro de inovações de ações políticas reacionárias que possui grandes *cases* de sucesso e que por este motivo são adaptadas à realidade de outros países. Os líderes deste cenário em território italiano são Beppe Grillo e Gianroberto Casaleggio e o maior feito deste encontro é o Movimento 5 Estrelas (M5S).

O genovês Beppe Grillo, ainda em 1986, era uma notável figura da emissora pública italiana RAI. O comediante ascendeu profissionalmente após demissão da emissora em função de uma piada e passou a lotar teatros com seus shows de comédia com anedotas, no mínimo, ácidas (para não dizer esdrúxulas) (Empoli, 2020). Em 2000, Grillo ganhou a graça do público italiano com uma peça teatral que, em cena, quebrava com um martelo um computador enquanto disparava insultos ao sistema de operação e consumo da indústria informática (Bory, 2017). As pautas foram bem aceitas pela população apesar - ou justamente por esse motivo - do tom ultrajante com que eram externalizadas. Algumas delas, por mais irônicas que possam ser, eram críticas à internet e em favor de uma perspectiva democrática: “A internet tinha que ser um sistema democrático para nos fazer trabalhar menos, mas trabalhamos cinco horas a mais” (Verdú, 2021). Tal discurso, entretanto, é reformulado quando Grillo encontra Gianroberto Casaleggio.

Falecido em 2016, Casaleggio, por sua vez, foi “um visionário, um autodidata, que forjou para si uma concepção da realidade [...] Ele não pretende, de forma alguma, ser movido por qualquer paixão política. ‘A política não me interessa’, garante. ‘O que me interessa é a opinião pública” (Empoli, 2020, p. 44). Segundo informações de seu site, em 2000 era CEO da *Webegg*, empresa de consultoria e estruturação de posicionamento de empresas na rede digital de onde saiu em 2003 para criar a *Casaleggio Associati*, iniciativa própria com o objetivo de auxiliar empresas a consolidar sua preponderância na internet (CA, 2024).

Com sua experiência de comunicação no ciberespaço, Casaleggio soube identificar antecipadamente o potencial de criar um movimento por intermédio das redes a ser guiado pela resposta imediata dos usuários e, ao mesmo tempo, guiá-los à alguma direção. Sabia, também, que apenas isso não seria suficiente, era preciso de um elemento capaz de inflamar os usuários, e é assim que Grillo surge como promessa em seu projeto. Com personalidades distintas, Grillo era a emoção, enquanto Casaleggio era a mente articuladora das estratégias de comunicação, organização e técnicas de coleta e análise de dados (Empoli, 2020). Da improvável união, a

primeira iniciativa foi a criação de um *blog* para Grillo sob editoração de Casaleggio ainda em 2005¹⁷.

Resultado de um planejamento pensado nos mínimos detalhes, o *blog* foi ao ar em 26 de janeiro de 2005. Em dias, tornou-se o mais acessado da Itália, e dentro de poucos meses, do mundo, com um *modus operandi* único até então:

Cada postagem nasce com base num ritual muito exato. Durante a manhã, os colaboradores da Casaleggio Associati selecionam os dez comentários mais interessantes publicados no site e os transmitem a Gianroberto. Ele os lê, retrabalha os textos e escreve o post do dia, que estará on-line às 12hs (Empoli, 2020, p. 45).

O entendimento desse processo reforça o argumento de que o estabelecimento da estratégia é racional, mas o fim é, necessariamente, irracional, idolátrico e fantasmagórico (Adorno, 2015; Souza, 2020). Para os usuários on-line, todo o material do *blog* era de autoria de Grillo. Isso não poderia ser mais ilusório. Casaleggio sempre foi a mente por trás das postagens que, por sua vez, o permitia escolher para onde e como ir a partir dos comentários, da interação do público com os *posts* que, à época do início do *blog*, faziam referência majoritária aos casos de corrupção, precariedade do trabalho e aos abusos das grandes empresas (Empoli, 2020). A mensagem entregue ao público era clara: para fazer política não era mais necessário se filiar a um partido, era preciso apenas comentar e divulgar a mensagem na plataforma (Empoli, 2020).

Esta estratégia permaneceu sólida até 2007, quando a partir de comunidades virtuais denominadas *Amigos do Beppe Grillo*, mediadas pela plataforma *MeetUp*, os apoiadores do *blog* começaram a programar encontros presenciais para debater suas demandas e, também, organizar manifestações de rua (Bory, 2017). O V-Day¹⁸, manifestação realizada em 08 de setembro de 2007 por toda a Itália, foi um marco na história de mobilização dos *Amigos de Beppe Grillo*. O país viu-se tomado pelos apoiadores do M5S que na oportunidade conseguiram mais de trezentas mil assinaturas para a iniciativa do “Parlamento Limpo”, proposta que proibia a participação de réus primários e estipulava o exercício da legislatura de no máximo dois mandatos (Braun, 2016). Até esse ato, tanto os políticos quanto as mídias tradicionais ignoram os ímpetos do movimento emergente do *blog* e da própria figura de Grillo. Todavia, após a colossal mobilização social resultante do chamado de Grillo em seu *blog*, ignorar as transfigurações da cisão entre política e ciberespaço tornou-se insustentável.

¹⁷ Acesso ao blog disponível pelo link: <https://beppegrillo.it/>.

¹⁸ *Vaffanculo Day*, ou, em tradução literal, Dia do “Vai tomar do cu” (Bory, 2017; Empoli, 2020).

Em contrapartida, Casaleggio e Grillo têm nos *MeetUps* e no *V-Day* o incentivo social e digital perfeito para um próximo passo: a criação do Movimento 5 Estrelas. Criado em 2009, o movimento surgiu com a intenção de unir as experiências realizadas até então pelos seus líderes, ou seja, o *blog* de Grillo, os *MeetUps* e as manifestações de rua (Bory, 2017). Nesse momento inicial, o M5S não era um partido político ou uma associação, mas sim um *site* com o objetivo de reunir em um único lugar informações, discussões e consulta pública centrado no *blog* de Grillo e Casaleggio. O único meio de contato com o *blog* era através do e-mail movimento5stelle@beppegrillo.it, logo, quem tivesse acesso a plataforma do *blog* e a caixa de correio eletrônico, detinha todo o poder informacional disposto a partir da interação do público e dos dados dos usuários (Bory, 2017; Empoli, 2020). Logo, Casaleggio tinha em mãos não só um poder informacional gigantesco, mas todo o controle da narrativa do *blog* e de todo o debate público que emergia a partir dele.

Davide Casaleggio, filho de Gianroberto e seu herdeiro, faz uma curiosa relação entre a organização das redes sociais com a organização de um formigueiro:

As formigas seguem uma série de regras aplicadas a cada indivíduo por meio das quais se determina uma estrutura muito organizada, mas não centralizada. Cada formiga reage ao contexto, ao espaço no qual se desloca as outras formigas [...] É preciso que os participantes sejam numerosos, que se encontrem por acaso e que não tenham consciência das características do sistema no seu todo. Uma formiga não deve saber como funciona o formigueiro, do contrário, todas as formigas desejariam ocupar melhores postos e os menos cansativos, criando, assim, um problema de coordenação (Casaleggio, 2012, s.p. *apud* Empoli, 2020, p. 53).

A partir dessa lógica, identificamos que essas são as premissas do M5S: se apresentar como um projeto descentralizado em que os apoiadores (as formigas) não tenham noção alguma do que acontece atrás das engrenagens que a fazem funcionar. Apenas um grupo personalizado na figura de um grande líder tem dimensão do que fazem e querem. Para seus apoiadores, o M5S é sinônimo de participação ativa na vida política, uma vez que possuem a crença de, finalmente, ter em mãos a chance de, se não destruir, pelo menos enfraquecer o poder de ação dos “políticos tradicionais”.

Para Casaleggio e Grillo, entretanto, o movimento sistematizado a partir da *internet* era, antes de tudo, um instrumento de controle. Como todo movimento totalizante, o M5S descarta todo usuário que sinaliza minimamente qualquer dissonância com seus posicionamentos. Com um clique, os usuários podem ser banidos de acessar a plataforma. Assim como na ação idolátrica, não é permitido questionamentos e o menor sinal de dúvida é visto como traição. “À menor dúvida, nenhuma dúvida a mais”, dizia Casaleggio (Empoli, 2020, p. 51). Este é mais um ponto em que podemos estabelecer paralelo do M5S ao culto idolátrico e ao reacionarismo.

A partir da criação do M5S, o foco das investidas do movimento passou a ser, concomitantemente, as eleições municipais e para o parlamento italiano. Um marco para o M5S foram as eleições parlamentares de 2013. Com a campanha “Tour do Tsunami”, Grillo percorreu o país apresentando candidatos que, ao final do pleito, somaram cerca de 25% dos votos, tornando-se o partido mais votado naquela oportunidade (Braun, 2016). Os eleitos pelo M5S transformaram-se em fantoches de Grillo e Casaleggio. Cada passo dado por eles era monitorado de perto pelos líderes que tinham acesso até mesmo ao seu *e-mail* e redes sociais (Empoli, 2020). Outro exemplo do controle autoritário das lideranças do movimento ocorreu nas eleições de 2016, em que os candidatos assinaram um termo que os impunha o pagamento de multa no valor de 150.000 euros em caso de rompimento com o movimento partidário (Braun, 2016). Todos os aspectos elencados até aqui em referência ao M5S, demonstram o poder de interferência do ciberespaço não só ao ditar os debates públicos, mas também em ditar o rumo das eleições e da política em um país inteiro.

O objetivo de Grillo sempre foi o de extrapolar as fronteiras italianas para constituir uma grande rede de comunicação e troca de experiências da extrema-direita a que ele denomina de “Internacional Nacionalista”. Isso torna-se mais uma característica identificável de movimentos reacionários visto que o M5S acusa o “outro lado” de compor uma conspiração mundial para impor sua ideologia. Nesse sentido, pensar em um movimento de carácter igualmente global encaixa-se na perspectiva de duplo pensamento de Orwell (2020). Tal objetivo pode, até o momento, não ter se concretizado na dimensão desejada por Grillo, fato que não impede seu sucesso mesmo em casos/países pontuais. Por exemplo, Steve Bannon, coordenador da campanha de Donald Trump em 2016, passou considerável tempo em solo italiano acompanhando de perto os passos do M5S (Empoli, 2020).

As estratégias, especialmente aquelas vinculadas no meio digital da campanha de Trump, foram pensadas e colocadas em prática pela empresa *Cambridge Analytica*. Conforme indicam Martins e Tateoki (2019, p. 144), “a *Cambridge Analytica* é uma empresa de *marketing* inglesa cuja especialidade é analisar grandes quantidades de dados pessoais para construir estratégias supostamente mais eficazes a serem empregadas em campanhas publicitárias de várias ordens”. Em 2018 a empresa foi alvo de denúncias feitas por um ex-funcionário que alega o uso ilegal de dados de milhares de usuários estadunidenses. Os dados obtidos de forma ilegal via *Facebook* foram usados para a produção e direcionamento de publicações favoráveis a Trump a contrária a Hilary Clinton durante o processo eleitoral de 2016. A empresa teria comprado ilegalmente dados de mais de 87 milhões de usuários do *Facebook* por meio do aplicativo *thisisyourdigitallife* e que, a partir de uma complexa análise partindo da ciência

comportamental, possibilitou a empresa direcionar uma média de 40 mil tipos de anúncios, cada qual para um “tipo” específico de usuário (Martins; Tateoki, 2019; Duffy, 2022). O caso foi encerrado em 2022 com o acordo de pagamento, por parte da Meta, empresa controladora do *Facebook*, de multa no valor de US\$ 725 milhões. A Meta aceitou realizar o pagamento da ação coletiva, mas, entretanto, não assumiu no acordo judicial as suas irregularidades quanto ao vazamento de informações (Duffy, 2022).

Seguindo, ainda pensando o estabelecimento da rede de relacionamento entre membros e lideranças da extrema direita em todo o mundo, em agosto de 2018, Eduardo Bolsonaro, em seu perfil no *Instagram*, publicou uma foto com Steve Bannon em que, na legenda, afirmava: “[na] ocasião tivemos uma excelente conversa e compartilhamos da mesma visão de mundo. Sr. Bannon afirmou ser um entusiasta da campanha de Jair Bolsonaro e certamente estamos em contato para somar forças, principalmente contra o marxismo cultural” (Bolsonaro, 2018). Esse fato fortalece o paralelo traçado até aqui entre Grillo, Casaleggio, o M5S e Steve Bannon enquanto coordenador da campanha de Trump em 2016, e nos oferece elementos importantes para compreender a realidade brasileira.

O Movimento Brasil Livre (MBL) foi criado em 2014 após a onda de protestos de 2013, organizados inicialmente pelo Movimento Passe Livre (MPL) contra o reajuste de R\$ 0,20 no preço das passagens na cidade de São Paulo. Enquanto de um lado o MPL tem como bandeira o acesso gratuito e universal aos serviços públicos, o MBL emerge como um movimento digital organizado e defensor da privatização desses mesmos serviços (Meteoro Brasil, 2019a). Mesmo dentro de suas devidas especificidades e dimensões, o MBL pode ser um exemplo do M5S à brasileira.

Dos protestos de 2013 aflora o que entendemos por antipetismo e, no ano seguinte, instrumentalizando esse sentimento e valendo-se das reivindicações da população, o MBL torna-se a voz que guiará as estratégias de oposição ao governo Dilma à partir das redes sociais (Meteoro Brasil, 2019a). Inicialmente, “o grupo está voltado para as manifestações anti-PT, mas seu objetivo é gerar conteúdo cultural em *blogs*, vídeos, campanhas e canais de televisão, por intermédio de uma *startup* ainda engatinhando. Seu projeto busca ‘mudar a linguagem’ associada à direita” (Martín, 2014). Dois anos depois de criado, o MBL conquista seu espaço em discussões nos palácios de Brasília e já em 2018 consegue eleger dois de seus principais líderes eleitos pelo estado de São Paulo: o até hoje deputado federal Kim Kataguiri e o então deputado estadual, até 2022, Arthur do Val, o *Mamãe Falei*. Como resume perfeitamente Meteoro Brasil (2019a), o MBL “começou na internet, foi pra rua e chegou ao gabinete”.

Por de trás de todo o sucesso nas redes, o MBL carrega, ao mesmo tempo, incontáveis acusações e punições pela divulgação de *fake news*, como nas eleições de 2018 em que o *Facebook* derrubou 196 páginas e 87 contas ligadas ao movimento por compartilhamento em massa de notícias falsas (Salgado; Grillo, 2018). Carrega em seu histórico, também, o fato de ter apoiado Bolsonaro nas eleições de 2018 e 2022. Em diversas oportunidades, entretanto, Kim Kataguiiri e demais membros do MBL fizeram críticas ao governo Bolsonaro, mas, de todo modo, sempre que é necessário tomar posição em ano eleitoral, a extrema-direita personificada em Bolsonaro ganha a disputa de qualquer outro candidato que tenta angariar apoio do movimento.

Quero, com isso, enfatizar que o Movimento 5 Estrelas andou para que Steve Bannon e Donald Trump, o Movimento Brasil Livre e Bolsonaro pudessem correr quando chegou o momento de entrar e vencer suas respectivas disputas eleitorais. Esses casos conseguem, juntos, expressar o potencial de influência das redes sociais não só no direcionamento do debate público, mas também em definir eleições. Nesse processo, o *YouTube* é uma dentre tantas redes sociais que conflagram disputas discursivas e ideológicas. Não obstante, o *YouTube* possui certa especificidade em relação às demais redes sociais, visto que pesquisas conseguiram constatar a tendência reacionária dos resultados de sua barra de busca e sessão de recomendação de vídeos (Lewis, 2018; Reis; Zanetti; Frizzera, 2019; Rieder; Matamoros-Fernández; Coromina, 2018).

Em qualquer rede social, todas as publicações são entregues aos usuários por intermédio da operação algorítmica. O algoritmo é, de modo geral, uma sequência de ações, operações e instruções programadas para atingir determinado objetivo. É como uma receita, um passo a passo para realizar determinada tarefa. Nesse mundo de possibilidades, cada rede social desenvolve, partindo de seus preceitos e objetivos, seu próprio algoritmo. O *YouTube*, por exemplo, utiliza desde a última década o *machine learning* como forma de programação, modelo que consiste em “um subconjunto da inteligência artificial que permite que um sistema aprenda e melhore de forma autônoma usando redes neurais e aprendizado profundo, sem ser programado explicitamente, alimentando-o com grandes quantidades de dados” (Google Cloud, 2024). Em outras palavras, o *machine learning* funciona mesmo sem uma pré-programação específica e, essencialmente, gera resultados a partir do acúmulo de “experiências”, ou seja, de dados coletados.

No caso do *YouTube*, esse sistema funciona em duas frentes: uma para seleção e filtragem e outra para rankeamento de vídeos relevantes e, sobre isso, Reis, Zanetti e Frizzera (2019, p. 11) explicam:

Na fase de seleção, o algoritmo leva em consideração o histórico de atividades do usuário (vídeos assistidos, interações, assinaturas de canais, comentários, buscas anteriores e demografia) como variáveis para produzir uma amostra (centenas) de possibilidades dentro da coleção de vídeos do YouTube. Esta seleção representa uma lista de vídeos relevantes para o usuário, mas sem nenhuma ordem de importância definida. A segunda etapa se concentra em ordenar essa seleção para criar uma lista de recomendações otimizada para cada usuário. O algoritmo designa uma pontuação (score) para cada vídeo usando uma série de recursos que descrevem tanto as atividades do perfil, quanto os atributos do vídeo (título, canal, número de visualizações, likes, dislikes, comentários, recomendações anteriores, data de publicação, etc.). A lista completa desses atributos e o peso relativo de cada uma delas não são revelados pelo YouTube. No final do processo, os vídeos de maior pontuação são apresentados ao usuário numa lista ordenada ao lado ou abaixo do vídeo que o usuário está assistindo.

Vale a ênfase de que esses resultados entregues via algoritmo, não raro sofrem mudanças e, é claro, podem sofrer alterações com ações de publicidade ou vídeos inseridos na lista com fins de teste pelos desenvolvedores da plataforma (Reis; Zanetti; Frizzera, 2019). Nesse sentido se, “quanto mais dados são colocados neles (nos algoritmos), mais precisos serão os resultados” (Google Cloud, 2024), como as demais redes, o *YouTube* serve como máquina do prazer, como meio de retroalimentação de discursos e ideologias que os usuários possuem previamente (Gur-Ze’Ev, 2022). Ou seja, por *dados*, podemos compreender o uso habitual de cada usuário, seja tempo de tela, *likes* e *deslikes*, temática de vídeos assistidos, vídeos e canais procurados, comentários feitos e etc. É toda e qualquer ação feita pelo usuário na plataforma.

Mais que um mero espaço de compartilhamento de vídeos, o *YouTube* é, hoje, uma rede de produção de conteúdos informacionais e de entretenimento que acaba por favorecer determinadas narrativas e atores sociais a partir do funcionamento de seu algoritmo. Nesse cenário, mais que vídeos caseiros feitos de forma independente pelos usuários, é possível identificar uma crescente adesão à plataforma por parte de instituições, governos e redes de jornalismo que viram na plataforma uma oportunidade de expandir seu alcance. É com esta ferramenta de expansão comunicacional ocasionada pela plataforma que entra em cena, nesta análise, o Grupo Jovem Pan.

O primeiro canal no *YouTube* do Grupo Jovem Pan foi o *Jovem Pan News* criado em 01 de dezembro de 2011. Hoje o grupo conta com sete canais na plataforma que, juntos, somam cerca de 24 milhões de inscritos, 180 mil vídeos publicados e 12 bilhões de visualizações¹⁹. Dentre eles, destaca-se o canal do programa *Os Pingos nos Ís*. Apesar de ser um dos últimos canais criados (08 de maio de 2015), o canal se sobressai com seus mais de 5,3 milhões de inscritos e mais de 3,2 bilhões de *views*.

¹⁹ Dados obtidos dos canais da grupo Jovem Pan em março de 2024.

Tabela 1 - Tabela de dados gerais dos canais no YouTube ligados a Jovem Pan

CANAL	CRIAÇÃO	INSCRITOS	VIEWS	VÍDEOS
Jovem Pan News	01/12/2011	7.680.000	4.655.736.497	135.809
Morning Show	11/02/2015	1.980.000	861.286.736	14.865
Pânico Jovem Pan	11/02/2015	3.900.000	1.417.101.857	15.256
Os Pingos nos Ís	08/05/2015	5.370.000	3.222.469.821	13.978
Jovem Pan Esportes	23/11/2015	4.600.000	3.212.673.770	19.764
Jovem Pan Entretenimento	26/12/2016	221.000	33.267.248	3.028
Jovem Pan 3 em 1	19/01/2017	1.160.000	350.713.799	14.516
TOTAL:		23.751.000	13.402.535.929	202.700

3.1.1.1

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Com base em uma pesquisa encomendada pela Revista Piauí à Novelo Data, Costa (2022) destaca que principalmente durante os anos do governo Bolsonaro, o canal teve um *boom* de inscritos, visualizações e receita proveniente de monetização e propaganda. A pesquisa analisou 1080 vídeos publicados entre 1º de janeiro de 2019, primeiro ano de Bolsonaro na presidência, e 30 de junho de 2022, metade do seu último ano de mandato.

Nesse período de 42 meses, *Os Pingos nos Is* cresceu muito em audiência. Sextuplicou as visualizações no YouTube e triplicou o número de inscritos. Mais do que isso, fez uma trajetória exemplar no processo de radicalização política, que começou com um antipetismo virulento [...] e terminou abraçando a extrema direita bolsonarista (Costa, 2022).

A análise dos resultados obtidos pela pesquisa chama a atenção para o momento em que a escalada reacionária em nome do apoio a Bolsonaro acontece: a saída de Sérgio Moro do governo, em abril de 2020. Moro sai cargo de Ministro da Justiça acusando Bolsonaro de corrupção por tentar interferir nas indicações para a chefia da Polícia Federal²⁰, causando uma grande agitação na base de aliados e apoiadores do então presidente e instaurando um estado

²⁰ Íntegra do pronunciamento de Sérgio Moro disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eBGQAgPz-Uk>. Acesso em: 18 mar. 2024.

de incertezas sobre as consequências das alegações. O prospectado por alguns era o enfraquecimento de Bolsonaro e de seu governo. Augusto Nunes, comentarista do programa *Os Pingos nos Ís*, no programa de 24 de abril de 2020, chegou a afirmar que “o governo que assumiu em 1º de janeiro de 2019, sob o olhar esperançoso de milhões de brasileiros que apostam e torcem pela vitória no combate à corrupção, este governo terminou hoje” (*Os Pingos nos Ís*, 2020). Se a projeção inicial era a derrocada de Bolsonaro, o que fez o programa, a sua linha editorial e comentaristas modificarem seu discurso?

Até então, críticas pontuais a algumas ações do governo e atos/falas de Bolsonaro foram feitas pelos membros do programa e a expectativa era, real e inicialmente, um grande abalo na rede de apoiadores (Costa, 2022). Entretanto, o constatado ao longo dos meses seguintes é o reforço do discurso em apoio a Bolsonaro, e mais, nota-se uma crescente radicalização pautada nos argumentos negacionistas em relação a pandemia, em defesa do voto impresso, a defesa das Forças Armadas como “poder moderador” pautado na interpretação do Artigo 142 da Constituição Federal e, é claro, na perspectiva do STF ser a causa de todos os nossos problemas (Costa, 2022; Revista Piauí, 2022). Nesse sentido, a radicalização do programa acompanha a radicalização de Bolsonaro, sua cúpula e seus apoiadores. Um serve de alimento para o outro. Um legitima o discurso e a ideologia do outro.

Como mencionado inicialmente, a seleção deste canal para ser a fonte de análise ocorreu após assistir ao vídeo intitulado “Jovem Pan” do programa *Greg News* publicado no dia 24 de setembro de 2021 pelo canal HBO Brasil²¹. Neste programa, Gregório Duvivier apresenta à sua audiência um breve histórico sobre a Jovem Pan, desde sua fundação na década de 1940 até a atualidade. Todos os aspectos destacados no vídeo em questão ensejaram meu interesse em saber mais sobre o Grupo Jovem Pan e através de percepções empíricas (visto que o nome “Jovem Pan” está sempre envolvido em alguma polêmica nas redes sociais que utilizo) e pesquisas mais direcionadas, identifiquei no caso desse conglomerado de comunicação uma chance de principiar a pesquisa aqui proposta.

Se vivemos em um regime de informação (Han, 2022), se o *YouTube* ocupa tamanho espaço e tempo na vida dos cidadãos, se uma empresa como a Jovem Pan e o programa *Os Pingos nos Ís* detém o poder de influenciar e reforçar discursos reacionários, penso que estão claro os motivos que me levaram a escolher essa empresa e esse canal para serem as fontes desta pesquisa. No entanto, antes de realizar a análise de fontes, acredito ser imprescindível

²¹ HBO BRASIL. Greg News - Jovem Pan. YouTube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z1YrEdZ7BBw&ab_channel=HBOBrasil. Acesso em: 13 jun. 2023.

expor brevemente a história da Jovem Pan que começa ainda em 1942, destacando momentos chave para que chegasse ao patamar de audiência atual. É necessário, também, compreender a dinâmica do programa *Os Pingos nos Ís* e a forma com que sua radicalização política aconteceu desde a saída de Sérgio Moro do governo Bolsonaro. Para explicar esses aspectos, dedicarei as páginas que seguem.

4. A JOVEM PAN E OS PINGOS NOS ÍS COMO EXPRESSÕES REACIONÁRIAS

As primeiras décadas do século XX foram marcadas por inovações que influenciaram de forma significativa a sociedade e a vida cotidiana em todas suas dimensões. O rádio, em especial e à exemplo, teve um papel importante na divulgação de ideias e na formação de opiniões, cenário que se acentuou nos regimes autoritários em que emissoras foram controladas e censuradas (como o Estado Novo e AIB). O rádio chegou ao Brasil no início da década de 1920, com sua primeira transmissão oficial realizada em 7 de setembro de 1922, quando o país comemorava cem anos de sua independência (Araújo, 2017). Em um primeiro momento, as rádios brasileiras tinham cunho educacional, uma vez que a base da programação eram palestras, aulas de ciências, história e língua inglesa, conferências e etc. (Araújo, 2017).

Nesse momento ainda não se tinha o rádio como algo passível de gerar lucro ou servir como meio de publicidade, cenário que muda em março de 1932 com o Decreto-Lei nº 21.111, assinado por Getúlio Vargas, que passa a regularizar a propaganda comercial (Câmara dos Deputados, 1932). A partir deste momento, o rádio abandona lentamente o objetivo voltado para a educação e cultura em proveito dos objetivos comerciais, passando a explorar seu potencial informacional e político em nome do lucro, ao passo que ganha mais espaço na vida dos brasileiros. É no desenrolar da história do rádio que a Rádio Jovem Pan Americana AM foi fundada em 25 de setembro de 1942, na cidade de São Paulo.

A rádio surge como sonho de Oduvaldo Viana e Júlio Cusi que, dois anos depois, vendem a rádio para Paulo Machado de Carvalho, então fundador da rádio Record e futura TV Record. A principal mudança feita por Paulo de Carvalho foi incluir a transmissão de eventos esportivos, especialmente jogos de futebol, e também notícias na grade de programação que era composta até então por radionovelas. Na década seguinte, em 1952, Paulo Machado de Carvalho Filho assumiu a empresa que, em seguida, seria presidida por seu irmão Antônio Augusto Amaral de Carvalho, conhecido como “Tuta”.

No ano de 1964, Tuta assumiu a liderança da rádio Panamericana a pedido de seu pai. Nesse momento, Paulo de Carvalho tem a iniciativa de renomear a empresa e chamá-la de Jovem Pan. O nome foi pensado nos embalos da “jovem guarda” e do anseio de modernização da empresa que, dessa mudança, colheu frutos em forma de audiência, prestígio e confiabilidade (Passo a Passo, 2022; Greg News, 2021). Ainda em 1973, Tuta compra as ações de seus irmãos e torna-se o acionista majoritário da empresa, momento que aconteceu uma das mais importantes metamorfoses da Jovem Pan.

Uma das primeiras ações de Tuta neste novo capítulo da Jovem Pan é a idealização do *Jornal da Manhã* (programa de notícias que está no ar até hoje) e o lançamento, três anos mais tarde, da Jovem Pan FM 2, voltada para o público jovem (De Faria, 2022). Augusto Antônio Amaral de Carvalho Filho, o “Tutinha”, entra na empresa neste mesmo ano e torna-se um dos grandes responsáveis pela manutenção da audiência e criação de programas e atividades na grade da Jovem Pan 2. Esse processo de reformulação e crescimento da empresa transcorre concomitantemente com uma nova concepção comunicacional em que, para além dos programas esportivos, jornais e programas de entretenimento, quadros de opinião também foram incluídos na grade de programação (De Farias, 2022; Passo a Passo, 2022).

No final dos anos 1980 e início da década de 1990, a Jovem Pan investe em um ambicioso projeto (até hoje não efetivamente conquistado): a criação da emissora Jovem Pan TV em sinal aberto. O projeto foi idealizado em sociedade entre Tuta, João Carlos Di Gênio e Fernando Luiz Vieira de Mello, e a concessão do canal 16 UHF (antiga TV Tupi) foi concedida pelo Poder Público em 1987 para dispor do serviço de radiodifusão e televisão na cidade de São Paulo²². Alguns anos depois, em 1993, o congresso nacional instaurou uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) para investigar supostas irregularidades na fundação desta nova emissora. Em seu relatório final, a CPMI decreta Intervenção Federal na empresa sob constatações de irregularidades como a falsificação de documentos, descumprimento de acordos salariais e de acordos predispostos para o estabelecimento da concessão, entre outros motivos (Congresso Nacional, 1994).

Em 2021, outra tentativa frustrada da empresa de ter seu canal em televisão aberta acontece novamente pelo cometimento de diversas irregularidades no decorrer do processo. Em jogo estava a concessão do canal 32 UHF. No ano em questão, o grupo Abril decide encerrar o funcionamento da MTV e vender a concessão pública para a Spring Comunicação de Paulo Garcia, que, em seguida, aluga o canal para a Ideal TV. Em 11 de novembro 2020, a Justiça Federal anula a venda da concessão e estipula o pagamento de multa em R\$ 29 milhões, contudo, ainda durante o processo de recurso desta decisão, “Paulo Garcia se associou a um canal chamado Loading, voltado ao público jovem, com programas sobre games, esportes e animes. O canal estreou no lugar da Ideal TV em dezembro de 2020” (HBO Brasil, 2021). Ainda conforme informações apresentadas no programa HBO Brasil (2021), em maio de 2021, seis meses após a estreia e curiosamente um dia após Tutinha encontrar-se com Fábio Farias,

²² CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Decreto nº 95.458, de 10 de dezembro de 1987**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-95458-10-dezembro-1987-446204-norma-pe.html>. Acesso em: 25 mar. 2024.

então Ministro das Comunicações, a Loading demite todos os seus funcionários de uma só vez e Garcia apresenta as instalações da empresa ao proprietário da Jovem Pan.

O desejo de ter sua programação em sinal aberto ainda não se concretizou, mas ainda em 2021 Tutinha coloca em rede à cabo de televisão o canal *Jovem Pan News*. A rádio que se transformou na “rádio em imagem” com a Jovem Pan Online, em 2007, no ano de 2021 transformou-se na “rádio que virou TV”, como orgulhosamente exclama Tutinha (De Faria, 2022). O canal Jovem Pan News foi, incontáveis vezes, líder em audiência. Uma dessas lideranças aconteceu na transmissão do ato convocado por Bolsonaro em 24 de fevereiro de 2024 em que, entre as 15hs e 17hs, a Jovem Pan contabilizou 0,7 pontos no Ibope contra 0,4 e 0,3 da CNN Brasil e Globo News, respectivamente (Poder 360, 2024).

Hoje, o Grupo Jovem Pan é a maior empresa de rádio em número de ouvintes e afiliadas do país, possuindo mais de 100 emissoras e também retransmissoras espalhadas em todas as regiões (De Faria, 2022; Greg News, 2021; Passo a Passo, 2022). O grupo é um conglomerado, pois em sua gestão estão envolvidas ações de comunicação via Rádio AM e FM, transmissão ao vivo no *YouTube*, rede de televisão a cabo e a plataforma de *streaming* Panflix lançada em 2020.

Voltando o olhar para o virtual, é sob o comando de Tutinha, a partir de 2014, que a Jovem Pan começa sua ascensão nas redes sociais, sobretudo no *YouTube*. Os números coletados em março de 2024 nos canais do *YouTube* ligados ao grupo são estarrecedores: os sete canais (“Jovem Pan News”, “Os Pingos nos Ís”, “Jovem Pan Esportes”, “Pânico Jovem Pan”, “Morning Show”, “Jovem Pan 3 em 1” e “Jovem Pan Entretenimento”) somam ao todo cerca de 23,8 milhões de inscritos, 202 mil vídeos publicados e 13,4 bilhões de visualizações. Em números, como já mencionado, *Os Pingos nos Ís* fica atrás apenas do canal *Jovem Pan News*, mas o desbanca quando o assunto é engajamento, ou seja, a média de visualizações para cada vídeo publicado. O canal com maior engajamento é aquele que adota um formato mais próximo de um bate-papo entre amigos do que de um programa jornalístico tradicional. Foi com esse modelo de “jornalismo de opinião” que a Jovem Pan cresceu nas últimas duas décadas, levando o programa *Os Pingos nos Ís* a alcançar um alto nível de audiência.

Os Pingos nos Ís foi transmitido pela primeira vez em abril de 2014, sob a liderança de Reinaldo Azevedo, e passou a ser veiculado no *YouTube* em maio de 2015. Comandado por Azevedo, o programa adota uma postura explicitamente antipetista, reconhecendo que o público ansiava por um conteúdo pautado pelo sentimento crescente das manifestações de 2013 (Costa, 2022). Dessa forma, o programa e a Jovem Pan ocupam uma lacuna comunicacional que até então não havia sido preenchida pelas emissoras “tradicionais” de rádio e televisão. Em outras

palavras, a Jovem Pan e *Os Pingos nos Ís* dão voz ao público de direita e extrema-direita, que não encontraram representação para seus discursos, opiniões e demandas em outras emissoras. Nesse contexto, a crítica não é direcionada ao fato da empresa e seus programas atender à demanda da direita brasileira, mas sim ao papel da empresa, seus programas e participantes, em fomentar discursos antidemocráticos, questionando a segurança e transparência das urnas eletrônicas e do processo eleitoral, além de difundir inúmeras notícias falsas sobre a pandemia, vacinas e figuras públicas, tais como Janja Lula da Silva²³ e o próprio presidente Luís Inácio Lula da Silva²⁴.

As investidas contra o discurso ideológico antidemocrático disfarçado de liberdade de expressão e opinião promovido pela Jovem Pan, intensificaram-se ainda em 2022 quando o Ministério Público Federal (MPF) entrou com pedido de cancelamento de outorgas de radiodifusão da Jovem Pan, além do pedido de pagamento de uma multa milionária e a exigência de ao menos 15 inserções diárias na grade de programação com mensagens indicando a seguridade do processo eleitoral (MPF, 2022). O MPF justifica o pedido diante da severa postura da empresa em propagar desinformação e incentivar ações antidemocráticas (MPF-SP, 2022). Embasando sua argumentação, o MPF ainda afirma:

A Jovem Pan disseminou reiteradamente conteúdos que desacreditaram, sem provas, o processo eleitoral de 2022, atacaram autoridades e instituições da República, incitaram a desobediência a leis e decisões judiciais, defenderam a intervenção das Forças Armadas sobre os Poderes civis constituídos e incentivaram a população a subverter a ordem política e social. Com as informações falsas e sem fundamento que veiculou de maneira insistente, a Jovem Pan contribuiu para que um enorme número de pessoas duvidasse da idoneidade do processo eleitoral ou tomasse ações diretas como as vistas após o anúncio do resultado da votação, especialmente o bloqueio de estradas em novembro passado e o ataque de vandalismo em Brasília no dia 8 de janeiro (MPF, 2022).

Os Pingos nos Ís foi um dos quatro programas analisados pelo MPF entre 1º de janeiro de 2022 e 08 de janeiro de 2023 para justificar sua ação e fundamentar seus argumentos. Em razão disso, “a ação cita numerosos exemplos de discursos que extrapolam as liberdades de expressão e de radiodifusão e configuram manifestações ilícitas, feitas por mais de 20 comentaristas durante o período” (MPF-SP, 2022). As motivações intrínsecas à ação do MPF-SP são reforçadas pelos dados que Costa (2022) expõe referente a análise de conteúdos do canal

²³ Disponível: <https://www.conjur.com.br/2023-jun-27/mpf-cancelamento-outorgas-jovem-pan-desinformacao/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

²⁴ Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/eleicoes-2022-na-tv/2022/10/28/acusada-de-fake-news-jovem-pan-e-obrigada-a-dar-direito-de-resposta-a-lula-189277.php>. Acesso em: 30 mar. 2024.

do *YouTube* de *Os Pingos nos Ís*, comprovando o crescente radicalismo da emissora. Voltando novamente para esse importante levantamento de dados, de acordo com a reportagem,

Em 2020, com a chegada da pandemia e a radicalização do discurso de Bolsonaro contra as medidas sanitárias, o tom começou a subir nos programas da Jovem Pan – até que chegou o dia 24 de abril. Nessa data, o ex-juiz Sergio Moro deixou o Ministério da Justiça, acusando Bolsonaro de interferir na Polícia Federal para proteger a família. O programa então entrou em curto-circuito (Costa, 2022).

Com a saída de Moro sob acusações de suposta interferência de Bolsonaro na Polícia Federal, a pauta principal da narrativa bolsonarista (o combate à corrupção) foi fortemente debilitada. Tudo levava a crer que esse caso fosse ocasionar uma grave ruptura no governo. Essa expectativa, contudo, não se sustentou na realidade, visto que a base eleitoral mais ferrenha e reacionária seguiu ao lado do ex-Presidente. Assim, como reforça Costa (2022),

Na medida em que foi constatando que a audiência abandonara Moro e mandara às favas seus pruridos anticorrupção, continuando fiel ao presidente, *Os Pingos nos Is* mergulhou de vez no bolsonarismo – e o fez com uma voracidade ideológica poucas vezes vista na mídia brasileira.

Em meio a esse processo de radicalização, o Supremo Tribunal Federal, Tribunal Superior de Justiça, o Partido dos Trabalhadores e o atual presidente Luí Inácio Lula da Silva foram os alvos preferencias enquanto fraudulentas acusações a despeito do processo eleitoral, da seguridade das urnas eletrônicas, das medidas sanitárias e vacinas contra a COVID-19 eram feitas à larga escala pelos comentaristas do programa. Nesse sentido, o discurso anticorrupção dá espaço aos debates sobre liberdade e *liberdade de expressão*. Ainda conforme Costa (2022),

Embora os casos de corrupção tenham se multiplicado no governo – o mais recente revelou malas de dinheiro do orçamento secreto no Maranhão –, o tema foi perdendo incidência no programa a partir da segunda metade de 2020, depois da saída de Moro do governo [...] Em compensação, “liberdade” e “liberdade de expressão” assumem uma relevância que não tinham antes. As menções aumentaram 153%. A mudança acompanha o discurso de Bolsonaro, que foi gradualmente substituindo “corrupção” por “liberdade”.

Essa mudança discursiva é exemplo do anteriormente destacado a partir de Almeida (2020) e Eco (2022): o fascismo bem como as ferramentas e meios de comunicação por ele utilizados para mobilização das massas se modificam e moldam-se conforme as necessidades de cada tempo histórico. Enquanto Moro era personagem central no discurso sobre corrupção, quando há a mudança de direção que privilegia o debate sobre *liberdade* e *liberdade de expressão*, o ex-deputado Daniel Silveira torna-se protagonista na discussão (Costa, 2022).

Este processo de radicalização à direita não é algo que acontece em um piscar de olhos. Como podemos perceber na retomada de sua história, a Jovem Pan inicia esse movimento de 2013 para 2014, motivada pelo fervor das ruas e pela luta legítima do povo brasileiro em querer

soluções para seus problemas e angústias. O caminho segue sendo trilhado com a eleição de Bolsonaro e seu governo verdadeiramente reacionário, agrava-se com a pandemia, e toma forma de uma monstruosa expressão antidemocrática com o rompimento entre Moro e Bolsonaro, partindo de vez ao encontro do radicalismo de extrema-direita. Assim como Bolsonaro, a empresa e seus comentaristas tentam “esticar a corda” da democracia até o momento em que começam, com efeito, a sofrer consequências.

No caso da Jovem Pan, enquanto o processo que visa cassar as três principais concessões de rádio da empresa segue em curso, as consequências, sobretudo financeiras, surgem fortemente a partir de novembro de 2022, momento que o *YouTube* enquanto plataforma decide desmonetizar os vídeos da Jovem Pan por “repetidas violações do canal ‘Pingos nos Is’ contra política de desinformação em eleições e diretrizes de publicidade sobre questões polêmicas e eventos sensíveis” (G1, 2022). A monetização que rende a média de vinte milhões de reais mensais ficou suspensa até 23 de fevereiro de 2024 e só foi retomada após o ajuste de algumas exigências feitas pela plataforma além, é claro, da demissão de 15 jornalistas e comentaristas (justamente aqueles mais radicais e que já contavam com multas ou condenações por disseminação de notícias falsas) (Vaquer, 2024). Neste momento, é pertinente destacar que dentre as demissões, estão os nomes de Augusto Nunes, Guilherme Fiuza e Ana Paula Henkel, integrantes da bancada de *Os Pingos nos Is* em 2021. Da composição da bancada do programa à época do recorte temporal de análise (junho a novembro de 2021), trabalham ainda hoje na empresa o âncora Vitor Brown e José Maria Trindade. Vale, ainda, enfatizar a clara mudança de tom usada pela empresa, programas e comentaristas que já no primeiro ano de governo Lula procuram se mostrar mais “moderados” (Meteoro, 2023b).

Com esta sequência de fatos, podemos vislumbrar os motivos que fazem da Jovem Pan, enquanto empresa, e *Os Pingos nos Is*, enquanto um “programa de opinião”, dois grandes casos de expressão do reacionarismo impulsionados pelas novas formas comunicacionais oriundas das redes sociais. A Jovem Pan transformou-se ao longo deste processo de radicalização não em uma empresa de jornalismo, mas em uma empresa de propaganda do governo Bolsonaro²⁵. Com *Os Pingos nos Is* chega-se à mesma conclusão. Críticas ao ex-Presidente e seu governo é algo que raramente viu-se e, quando existiu, foi acompanhada de frases atenuantes, propositalmente ditas para amenizar a situação. Esse novo modelo de “propaganda” política

²⁵ Sobre esse aspecto, deixo a seguinte indicação de leitura: FERRARETTO, Luiz Artur et al. O jeito Jovem Pan de (não) fazer jornalismo: os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023. **Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Encontro Anual, COMPÓS.(32.: 2023: São Paulo). Anais. São Paulo: USP, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/263614/001173971.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 fev. 2024.

intermediado pelas redes sociais, como enfatiza Empoli (2020, p. 21), “se alimenta sobretudo de emoções negativas, pois são essas que garantem maior participação, daí o sucesso das *fake news* e das teorias da conspiração”. Isso vai ao encontro do que diz Fromm (1969) quando discorre acerca da adesão dos sujeitos a discursos e ideologias que simplificam a complexidade do mundo por fatores emocionais. É em meio a esse cenário no mínimo desolador e preocupante que as democracias estão não mais sendo mormente corroídas, mas ferozmente devoradas.

Após conhecer um pouco da história da Jovem Pan, suas transformações ao longo dos mais de 80 anos de existência e, sobretudo, tomar nota do seu processo de radicalização, a afirmação de que a empresa preza e fortalece a democracia brasileira²⁶ pode e deve ser contestada. Se a Jovem Pan preza pelo jornalismo sério, pela verdade, liberdade e pela democracia, porque há tantas condenações, vídeos excluídos e muitas judiciais? Por que levantamentos de dados implicam a empresa e especialmente seu programa *Os Pingos nos Ís* como um dos porta-vozes de discursos reacionários proferidos por Bolsonaro e sua cúpula? Como já dito, o problema não é ser uma empresa que tenha como estratégia atender ao público de direita, o grande problema é ser uma empresa que dissemina para milhões de pessoas medo, discurso de ódio e inverdades não só sobre seus opositores políticos, mas sobre nossas instituições, a seguridade do processo eleitoral em todas as suas esferas e etapas, e também mentiras descaradas sobre eficácia do uso de máscaras e das vacinas.

Nesse sentido, a captura da subjetividade, a adesão do sujeito à massa, acontece pela retroalimentação dos medos e concepções discursivas e ideológicas já intrínsecas aos ouvintes e espectadores através do acesso ao mundo de forma danificada. Reacionários se encontram por meio das redes sociais e unem-se pela indignação, medo e angústias viscerais, que transcendem qualquer possibilidade de diálogo racional. Movidos por discursos proferidos incansavelmente ao longo dos últimos anos, especialmente entre 2018 e 2022, incontáveis são as pessoas que foram capturadas pelo fanatismo e foram à luta pela sua, pela “nossa liberdade” e que sofrem, hoje, as duras consequências de suas falas e atos contra as instituições e a democracia brasileira. São pessoas que tiveram familiares presos, pessoas que perderam seus empregos, casas, famílias e hoje lutam para lidar com o resultado de suas ações. Olhar para algumas das histórias dos presos pelo ato terrorista de 08 de janeiro, por exemplo, beira o sentimento de pena, de dor. Sem tirar o peso de sua decisão enquanto sujeitos que desafiaram as leis e a democracia, eles, enquanto parte constituinte da *razão vulgar* nesse processo de radicalização e de idolatria, podem ser vistos como massa de manobra da *razão ardilosa*, àquela que lucra com as ações da

²⁶ De Faria, 2022.

massa irracional e reacionária. Por esse motivo é vital compreender que inúmeros sujeitos tiveram suas paranoias e fanatismo inflamados por discursos proferidos por canais como *Os Pingos nos Ís*, que incentivaram veementemente uma suposta luta pela liberdade, reproduzindo o discurso próprio Bolsonaro, clamando para que “o povo” cedesse a vida em nome da sua liberdade (Affonso; Weterman; Valfré, 2023).

Posto isso, até este momento desenvolvi três aspectos centrais para esta pesquisa: 1) o entendimento do reacionarismo como um movimento de escala global bem como os aspectos que incitam e facilitam a adesão dos sujeitos a tais discursos; 2) as redes sociais, com ênfase no *YouTube*, e seu papel fundamental no processo de retroalimentação e potencialização de discursos e ideologias reacionárias; 3) a exposição dos acontecimentos e dados que sustentam o entendimento da Jovem Pan e seu programa *Os Pingos nos Ís* como exemplos de expressões reacionárias no Brasil. Assim sendo, no capítulo que segue, o aspecto a ser analisado é a forma como os conceitos de *liberdade* e *liberdade de expressão* são mobilizados pelos participantes do programa *Os Pingos nos Ís*. Essa análise será realizada a partir de 43 vídeos selecionados entre 24 de junho e 12 de novembro de 2021, que contém no título ou *thumb* “Daniel Silveira” (13), “liberdade” (20), “censura” (6) e “democracia” (4).

5. EM NOME DA “NOSSA LIBERDADE”: UMA ANÁLISE SOBRE OS CONCEITOS DE “LIBERDADE” E “LIBERDADE DE EXPRESSÃO” NO PROGRAMA OS PINGOS NOS ÍS

*“Há a insanidade de milhões, e o consenso no erro não faz dele uma verdade”
(Fromm, 1969, p. 27-28).*

“A tradição dos oprimidos ensina-nos que o “estado de exceção” em que vivemos é a regra. Temos de chegar a um conceito de história que corresponda a essa ideia. Só então se perfilará diante dos nossos olhos, como nossa tarefa, a necessidade de provocar o verdadeiro estado de exceção; e assim nossa a nossa posição na luta contra o fascismo melhorará. A hipótese de ele se afirmar reside em grande parte no fato de os seus opositores o verem como uma norma histórica, em nome do progresso. O espanto por as coisas a que assistimos “ainda” poderem ser assim no século vinte não é um espanto filosófico. Ele não está no início de um progresso de conhecimento, a não ser o de que a ideia de história de onde provém não é sustentável” (Benjamin, 2022, p. 13).

Como indicado, o capítulo em questão tem como objetivo analisar a intrínseca relação entre o discurso político-ideológico que conceitua *liberdade* e *liberdade de expressão* no programa *Os Pingos nos Ís*. Fundamentando-se especialmente na obra “Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical” de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015), vislumbro refletir, ao mesmo tempo, os diferentes modos que essa educação informal tem impacto na construção da realidade social. Os autores defendem que a ação política não é meramente um reflexo das condições sociais, mas um agente ativo na formação da realidade, onde o conceito de hegemonia se torna central para a compreensão das dinâmicas na sociedade. Nesse contexto, analiso a partir do canal *Os Pingos nos Ís* como discursos antagônicos se articulam e como essa articulação pode moldar a subjetividade dos indivíduos, especialmente em períodos de crise democrática e, por consequência, a forma como esse fato é utilizado para legitimar ações que ameaçam veementemente a democracia. Assim sendo, também reflito sobre implicações práticas dos discursos reacionários sobre *liberdade* e *liberdade de expressão* na sociedade, ressaltando a importância de uma compreensão crítica dos acontecimentos em contraposição a uma adesão por apetência de perspectivas políticas e ideológicas. Para tanto, pensar no significado de discurso se faz essencial para iniciar essa nova etapa de pesquisa.

Hegemonia e estratégia socialista foi publicada pela primeira vez em meados da década de 1980, e é um grande marco no campo de análise da esquerda não só por contemplar os anseios de um espectro progressista, mas por propor, concretamente, estratégias que saem do espaço acadêmico e voltam-se para estruturar um ativismo político na práxis. O *político* é um elemento central em tal perspectiva, visto que a ação política é, em si, a construção da realidade seja ela qual for. A ação política constrói a realidade e a realidade vivida só é assim porque

foram tomadas todas as decisões tomadas até agora, e não outras (Laclau; Mouffe, 2015). Porque foram tomadas tais decisões, porque não foram tomadas decisões que poderiam ter sido tomadas e porque foram feitas escolhas que pareciam não ser possíveis. Ou seja, tal conjuntura histórica e política nos trouxe até aqui pois, em dado momento, outras possibilidades foram ignoradas ou simplesmente excluídas do horizonte de ação. É nesse cenário que a hegemonia se transforma em um conceito também central, pois é a partir dela que se pode analisar a realidade construída.

No meio da arena de disputas políticas para a construção do poder hegemônico, a crítica de Laclau e Mouffe (2015) é fortemente direcionada ao próprio campo que os autores fazem parte: o campo ideológico de esquerda. Os autores, no prefácio da edição referenciada, fundamentam a crítica ao analisar os caminhos tomados pela esquerda após o fim da União Soviética, visto que ela, a esquerda enquanto campo político-ideológico, se atrelou ao ideal do neoliberalismo hegemônico e da perspectiva de que a política pode acontecer em campo neutro, de que as demandas da esfera pública e as decisões políticas poderiam ser tomadas a partir da conciliação de diversos interesses (Laclau; Mouffe, 2015). Isso contrapõe substancialmente o que Laclau e Mouffe (2015) defendem, pois a lógica apresentada é justamente o contrário. Para os autores, a democracia, e especialmente a democracia radical, só é possível em um campo de conflitos estabelecidos a partir de relações antagônicas. Em outras palavras, a democracia só é uma possibilidade enquanto atores sociais antagônicos disputam espaço na constituição de uma hegemonia.

Deste modo, a crítica também se direciona aos agentes da esquerda que se aproximaram do que hoje chamamos de *centro “democrático”* ou, então, de *terceira via*. A tendência teórica e política do campo da social-democracia com a imposição da lógica neoliberal, é tentar apagar as fronteiras entre esquerda e direita, fronteiras que são, segundo os autores, a base para o estabelecimento de uma democracia radical e plural (Laclau; Mouffe, 2015). Essas fronteiras não podem ser ignoradas justamente porque jamais conseguiremos deixar de lado plenamente todas as nossas particularidades e todos os nossos interesses. Por isso considero a compreensão não só da crítica, mas do argumento essencial pois, como já dito, o Eu ou o nós nas relações sociais só existe pois há um Outro ou um eles, um antagônico que, ao mesmo tempo, é minha/nossa condição de existência e de impossibilidade de existência plena (Laclau; Mouffe, 2015).

Esse campo de diferenças, de pluralidade, de antagonismo, é atravessado por um elemento de suma importância: a articulação. A articulação é “qualquer prática que estabeleça uma relação entre elementos de tal modo que a sua identidade seja modificada como um

resultado da prática articulatória” (Laclau; Mouffe, 2015, p. 178). A estrutura constituída a partir dessa prática articulatória é o que chamamos de discurso (Laclau; Mouffe, 2015). Discurso, para os autores, é toda e qualquer ação, fala ou simbologias que constituem determinado significado dentro de um espectro das relações sociais.

A vista disso, o *discurso* fundamenta a articulação ao passo que a articulação de discursos *antagônicos* é o que estabelece a *hegemonia* (Laclau; Mouffe, 2015). Servindo como um condutor da comunicação e da ação política, o discurso não representa a realidade, mas a constrói e, enquanto fala e ação, é o que estabelece a partir da realidade das relações sociais o antagonismo. Reforçar esse aspecto e tê-lo sempre em mente é indispensável, pois a análise que aqui proponho não é neutra. Em outras palavras, os vídeos analisados não são política e ideologicamente neutros tanto quanto a minha própria análise e percepção de mundo não o é. Dar luz a impossibilidade de neutralidade de nossa existência se faz imprescindível, pois o objetivo não é desprezar ou invalidar o objeto de análise. Ao contrário, pretendo validar meu antagônico, sua existência e, principalmente, empreender esforços na compreensão do modo como ele concebe seu discurso e têm na dinâmica das redes sociais uma poderosa ferramenta de formação de subjetividades reacionárias para, só assim, conseguir vislumbrar adiante a construção de um discurso antagônico e democrático. Nesse sentido, o objetivo nesse momento da pesquisa é identificar qual é a concepção que *Os Pingos nos Ís* têm de *liberdade* e de *liberdade de expressão*, bem como a forma com que essa construção discursiva intervém na subjetividade dos espectadores e ouvintes do programa.

Para tanto, dentro do recorte proposto, consegui identificar 43 vídeos que continham as palavras-chave escolhidas para filtragem. Dos vídeos de pauta selecionados, 20 apresentam no título ou na *thumb* a palavra “liberdade”, 13 “Daniel Silveira”, 6 “censura” e 4 “democracia”. Após a identificação das fontes, todos os vídeos foram baixados e transferidos para acesso público no *Google Drive*, podendo ser localizado pelo link em nota²⁷. Segui com a organização de uma tabela com as informações: título, *thumb*, duração do vídeo, número de visualizações, curtidas e comentários, link de acesso no *YouTube* e data de busca²⁸. Ao todo, as fontes somam 9 horas, 59 minutos e 29 segundos, 11.771.276 visualizações, 1.185.800 curtidas, 107.658 comentários e tratam, majoritariamente, da prisão de Daniel Silveira em 24 de junho de 2021 e

²⁷ Fontes disponíveis em:

<https://drive.google.com/drive/folders/17mnF7ln8cbuZ21NrsoSN11mNzytF3CLA?usp=sharing>.

²⁸ Tabela disponível em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/14BtQuDWvn9bURREwSsN3WGoiPAHeQobES8yZkveek-I/edit?usp=sharing>.

da pandemia de Covid-19 ao fazer referências à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia, ao processo de vacinação e às exigências de passaporte vacinal.

Em vista disso, é importante pensar que as opiniões e pontos de vista defendidas no programa pertencem a um campo de discursividade que nos leva ao encontro do movimento liderado pelo então presidente Jair Bolsonaro, figura articuladora de discursos ultraliberais, conservadores, cristãos, antipetistas, anticomunistas, negacionistas científicos e etc. A *Jovem Pan* e *Os Pingos nos Ís* são uma das peças que compõem o quebra-cabeça da extrema-direita brasileira. Por isso, ao analisar o que dizem seus comentaristas, podemos relacionar com fatos não mencionados durante os programas e com movimentos de articulação discursiva presentes em outros espaços e fortalecida do mesmo modo por outros sujeitos. Pensando nessa relação de articulação entre demandas e relação com o contexto político do Brasil, pode-se identificar um marco importante que atravessa o recorte temporal de análise: o 07 de setembro de 2021.

O primeiro vídeo da lista de fontes que menciona diretamente o 07 de setembro é intitulado “Entrevista: Bernardo Küster, o homem mais censurado do Brasil”, tem como *thumb* “Povo irá às ruas em 7 de setembro pela liberdade”, foi publicado no dia 23 de agosto de 2021 e conta com mais de 1,1 milhão de visualizações. Küster é um dos discípulos de Olavo de Carvalho e diretor do *Brasil Sem Medo*, site/canal criado em 2019 com a proposta de ser um jornal *online*. É atualmente, conforme seu site, o primeiro *streaming* conservador que suposta e auto declaradamente apresenta “a verdade que a grande mídia não te conta sobre os acontecimentos mais importantes da atualidade”²⁹.

Bernardo Küster teve, a época da entrevista, postagens excluídas no *Facebook* e *Twitter*, desmonetização do seu canal no *YouTube* e também a conta do *Instagram* desativada brevemente após disseminar informações de supostos estudos que constatarem, hipoteticamente, a eficácia do tratamento de Covid-19 com hidroxicloroquina ao mesmo tempo em que questionava o isolamento de toda a população, e não apenas dos grupos de maior risco³⁰. Logo no início da entrevista, o âncora Vitor Brown questiona-o: “A que você atribui tantas decisões nesse sentido de cerceamento da tua opinião? Você atribui isso à sua linha ideológica, à doutrina que você segue, ao teu pensamento?” (*Os Pingos nos Ís*, 2021e, 0:40). Em resposta, Küster diz:

²⁹ Descrição presente na página de assinatura do streaming da *Brasil Sem Medo*. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com>. Acesso em: 15 out. 2024.

³⁰ Mais informações em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/breves/instagram-desativa-conta-de-bernardo-kuster/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

Olha, Victor, eu atribuo isso a uma ditadura de veludo que o Brasil vem passando, ou seja, ela toda é envernizada com belas palavras, defesa da vida, defesa da ciência, defesa das provas contra o negacionismo, porém, ela é uma defesa dessas coisas que, na verdade, na prática, acaba promovendo a censura do debate, acaba calando as vozes dissidentes e inclusive impossibilitando meios de vida de certas pessoas [...] O Barroso diz que há espaço para todos dentro da democracia mas não há espaço para aqueles que discordam da ciência (Os Pingos nos Ís, 0:52s, 2021e)

Tal perspectiva expressa por Küster é compartilhada por todos os partícipes do programa e utilizada como pano de fundo da análise conjuntural da política brasileira de forma generalizada, sendo argumento recorrente ao longo dos demais vídeos como poderemos constatar adiante. Tais perspectivas de “ditadura de veludo” e “promoção de censura” são reforçadas nos grupos reacionários por múltiplas ações semelhantes e até mais enfáticas.

No contexto que antecede o 07 de setembro de 2021, sobretudo os dias de agosto até o dia de celebração da independência, foram de muita movimentação por parte do STF, especialmente do ministro Alexandre de Moraes, para conter as ações mais desmedidas dos organizadores, influenciadores digitais e políticos que inflamaram a população para participar dos atos por todo o país. Em contrapartida, a movimentação contrária às ações do STF por parte dos autoproclamados defensores da “liberdade” se deu na mesma intensidade. Para descrever o contexto desse período, é preciso mencionar alguns acontecimentos capazes de dimensionar esse embate de narrativas.

Posso mencionar o caso de Roberto Jefferson, presidente do PTB na época, preso dia 13 de agosto de 2021 após postar um vídeo afirmando que se não houvesse voto impresso e contagem pública de votos, não teríamos eleições em 2022. Jefferson fez isso após: ter vídeos como o que mostra um “kit anti-satanás” (para ensinar cristãos a lutar contra as medidas de isolamento social com o fechamento das igrejas durante a pandemia) ser retirado de suas redes sociais; ser flagrado defendendo atos institucionais para fechar o STF; ter sido condenado a pagar uma indenização ao ministro Alexandre de Moraes e sua esposa depois de fazer insinuações de ligação do casal com Partido do Comando da Capital (PCC) e com práticas de corrupção administrativa; e, inclusive, depois de postar vários vídeos segurando armas e dizendo coisas como:

Nós é que somos a última trincheira da **liberdade** e da democracia. Quando não sobreviver nenhuma resistência que é edificada pelo Estado nas forças armadas, nas polícias, nós, os nossos lares, somos nós os responsáveis por eles. Eu entendo que esse monopólio da força do Estado foi uma tentativa da esquerda de nos desarmar e impedir que nós os repudiemos [...] E só por cima do nosso cadáver é que vão implantar aqui um regime ateu, marxista, comunista, onde um palhaço, macaco, um realejo que repete dogmas de Marx, e mal como esse embaixador da China, dá ordens às pessoas (Poder 360, 2021).

Posso mencionar também o cantor sertanejo Sérgio Reis, alvo de mandados de busca em 20 de agosto de 2021 após, em vídeos e áudio vazados, exigir ações imediatas de Rodrigo Pacheco, então presidente do congresso, e relatar suposto plano de invadir o STF se os ministros não fossem depostos de seus cargos (CNN Brasil, 2021). Seguindo com a sequência de pedidos e execução de prisões, no dia 1º de setembro de 2021 foi determinada a prisão do autodeclarado líder dos caminhoneiros conhecido como Zé Trovão. Zé Trovão havia saído do país no dia 27 de agosto, ficando foragido até 26 de outubro de 2021 quando voltou ao Brasil e se entregou à Polícia Federal (Jornal O Globo, 2021). Marcio Giovani Nique, o professor Marcinho, foi preso pela Polícia Federal no dia 05 de setembro de 2021 após postar em suas redes sociais que havia um suposto empresário pagando um alto valor para quem entregasse a cabeça de Alexandre de Moraes, seja vivo ou morto (Jornal da Record, 2021). Sem esquecer do caso de Daniel Silveira, os acontecimentos citados inflamaram ainda mais a base política reacionária bolsonarista que teve no dia 07 de setembro de 2021 uma das maiores demonstrações de força e organização. Por isso, questiono: o que une todos esses acontecimentos e qual a relação deles com o 07 de setembro e com esta proposta de pesquisa?

No vídeo intitulado “Bolsonaro alerta que Moraes espera momento para atacá-lo com sanção”, que soma quase 1,3 milhão de visualizações e têm como *thumb* “Bolsonaro: 7 de setembro é pela liberdade”, a notícia pautada pelos *Pingos nos Ís* é uma entrevista cedida por Bolsonaro à rádio Rede Fonte, de Goiás³¹. Na oportunidade, ao ser questionado sobre as expectativas sobre o 07 de setembro de 2021, Bolsonaro afirma:

É mais uma manifestação espontânea por parte da população brasileira. O pessoal, eles vão com as cores da bandeira do Brasil, verde e amarelo, e estão questionando, estão colocando pra fora seus sentimentos. Isso é assaltar, é previsto na Constituição. E essas pessoas que se manifestam nessas datas, são pessoas pacíficas, ordeiras, trabalhadoras, que querem o melhor do seu país. E essa agora, **a grande pauta, vai ser a liberdade de expressão**. Não pode uma pessoa do Supremo Tribunal Federal e uma do Tribunal Supremo Eleitoral charvorarem agora como as donas do mundo e que tudo decide tocando esse campo, liberdade de expressão. **Não podemos admitir um deputado federal preso até agora**, não interessa o que ele falou, bem como o **jornalista preso** também e o **presidente de partido** preso também. Isso não justifica isso daí. A liberdade de expressão é a alma da nossa democracia. Estão pedindo muita coisa? Não estão pedindo nada além do normal, nada além daquilo que os próprios poderes da República deviam atender essas pessoas. (Bibo Nunes, 2021, 1:19).

Essa fala de Bolsonaro consegue unir os acontecimentos mencionados a pouco ao citar indiretamente o caso de Daniel Silveira e de Roberto Jefferson, ao mesmo tempo que enfatiza a importância da disputa discursiva sobre *liberdade* e *liberdade de expressão* na construção

³¹ Vídeo da entrevista disponível em:

https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=353735139724951. Acesso em: 21 out. 2024.

hegemônica do campo político da extrema-direita nesse contexto. Toda essa atmosfera de luta pela “nossa liberdade” foi exponencial e resultou nas grandes manifestações de 07 de setembro de 2021. Nas ruas tomadas pelo verde e amarelo dos “patriotas” e “cidadãos de bem”, cartazes e faixas com pedidos de fechamento do STF, de prisão de Alexandre de Moraes e voto impresso eram vistas por todo lado.

Figura 4 - Apoiadores do presidente Bolsonaro protestam em meio às comemorações do Dia da Independência



Foto: Danilo Verpa, 2021. Folhapress.

Figura 5 - Apoiadora do presidente Bolsonaro protestam em meio às comemorações do Dia da Independência



Foto: Jardiel Carvalho, 2021. Folhapress.

Figura 6 - Apoiadores do presidente Bolsonaro se concentram na avenida Paulista na tarde do feriado da independência



Foto: Jardiel Carvalho, Folhapress, 2021.

Figura 7 - Apoiadores do presidente Bolsonaro fazem ato em seu apoio na Avenida Paulista



Foto: Rivaldo Gomes, Folhapress, 2021.

Figura 8 - Apoiadores do presidente Bolsonaro se concentram na avenida Paulista, região central de São Paulo, durante as comemorações da Independência do Brasil



Foto: Danilo Verpa, Folhapress, 2021.

Acompanhando a exaltação das redes sociais e das ruas, *Os Pingos nos Ís* seguia o mesmo ímpeto de “luta” que os manifestantes, deixando ainda mais claro, ao analisar os vídeos do programa, seu alinhamento com o discurso político e ideológico liderado por Jair Bolsonaro. Após quase dez horas de vídeos analisados, é possível destacar o discurso de luta pela *liberdade e liberdade de expressão* pela lente ideológica da extrema-direita nos *Pingos nos Ís* expresso ao: 1) questionar a seguridade do processo eleitoral, defender o voto impresso auditável e contagem pública de votos; 2) atacar ministros e ações do STF; 3) questionar a eficácia, as reações adversas das vacinas e a exigência de vacinação em alguns estados e países. Não por acaso esses são os mesmos elementos discursivos identificáveis nas fotos das manifestações de 07 de setembro.

Em perspectiva, o conceito geral que o programa tentar construir de liberdade enfatiza que a *liberdade*, por via de regra, não se limita apenas à expressão de ideias, mas se estende a outros direitos, como a liberdade de ir e vir, a liberdade de religião e o direito ao trabalho (Os Pingos nos Ís, 2021b; 2021c; 2021f). Ainda conforme *Os Pingos nos Ís*, *liberdade de expressão* é compreendida, pelo menos no discurso, como outro direito fundamental e que deve ser respeitada em todas as suas formas, incluindo opiniões “controversas” ou “impopulares”. Sendo a defesa pela liberdade a base de uma sociedade democrática, logo, qualquer ação de repressão dessas liberdades é uma ameaça contra o regime democrático. Por isso ela, a liberdade em todos seus vieses, é vista como um bem coletivo que deve ser defendido por todos os cidadãos.

Isto posto, é preciso enfatizar o “bem coletivo” dentro de um prisma essencialmente democrático. A liberdade só é justificada se a coletividade for respeitada e ser considerada como premissa de ação. Então, a liberdade, na democracia, é limitada e condicionada ao coletivo, não ao indivíduo como pode-se constatar no discurso nos *Pingos nos Ís* e no campo ideológico a qual pertence. Arendt (2016) no texto *O que é Liberdade?* preconiza a crise da liberdade no mundo moderno e indica que a liberdade, nesta crise, é vista como algo a ser relegada ao âmbito privado, individual, e não a prática essencialmente pública e coletiva, relacionada à ação e à política. Arendt (2016) afirma que liberdade absoluta só o tirano tem. Karl Popper (1972), neste mesmo sentido, nos apresenta a lógica do paradoxo da tolerância e argumenta que a tolerância não pode ser absoluta, ou seja, para preservar uma sociedade aberta e democrática, é necessário que sejamos intolerantes com a intolerância.

Partindo dessa análise, a construção do significado de *liberdade e liberdade de expressão* no discurso dos *Pingos nos Ís* se apresenta, à primeira vista, democrático, lúcido e coerente. Por esse motivo é tão complexo e difícil de o esmiuçar para então compreender que a

construção do significante e significado desses conceitos compõe um discurso que se vende como democrático, mas é, em essência, antidemocrático. Afirmando isso à medida que a investigação indica que a defesa da *liberdade* e *liberdade de expressão* parte do individualismo e não do coletivo, do social. O discurso dos *Pingos nos Ís* é o discurso da liberdade absoluta assumida de modo individual (eu sou livre para fazer o que eu quiser), esse sim, é um engodo envernizado de democrático. É a liberdade do tirano denunciada por Arendt (2016).

Assim sendo, quando se defende o direito de “ir e vir” no programa, a defesa se constitui no contexto em que o mundo sofria com uma doença viral, que se espalha pelo ar, e logicamente, quanto mais pessoas circulando e em contato, mais o vírus igualmente circula e se prolifera (Ministério da Saúde, 2021). Ana Paula Henkel defende o direito de “ir e vir”³² quando, apenas no Brasil, o vírus já havia arrancado a vida de mais de 557 mil pessoas³³. Guilherme Fiuza questiona a eficácia das vacinas e seus efeitos colaterais ao fazer relação entre a vacinação de meninos entre 13 e 20 anos e o suposto aumento dos casos de miocardite nos Estados Unidos³⁴ no mesmo contexto de enxurradas de *fake news*, amplamente difundidas nas redes sociais, “denunciando” que vírus do HIV, *chip* e inteligência artificial para controlar a população e componentes que alteram o DNA estariam na composição das vacinas³⁵. O ponto de inflexão não é o direito dos cidadãos buscarem esclarecimento sobre as vacinas e seus possíveis efeitos colaterais. O ponto a ser discutido é a forma como os comentaristas constroem discursivamente o seu posicionamento de modo a deixar em suspeição a eficácia dos medicamentos para proteger a população e controlar o avanço da doença. Mais se desperta o medo e o sentimento de revolta perante a obrigatoriedade da vacinação e o assalto de “nossa liberdade” do que o interesse genuíno de buscar informações e esclarecimento em relação ao assunto.

Dia 23 de agosto de 2021, no vídeo intitulado “São Paulo decide limitar a liberdade de não vacinados”, com a *thumb* “Passaporte da vacinação: Ativado”, Ana Paula Henkel afirma:

É um absurdo isso, não é, Victor? Não apenas pelo ato de segregação, agora vamos subir esse muro aí entre vacinados e não vacinados, mas também por um outro prisma que muitos médicos estão levantando aí, estudos já vindos de Israel, por exemplo, sobre a imunidade natural de quem passou pela Covid. E aí eles estão até defendendo que essas pessoas não precisariam ser vacinadas, que a imunidade natural pode ser até

³² Os Pingos nos Ís, 2021c, 7:52.

³³ Dados sobre o Covid-19 disponíveis em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 04 nov. 2024.

³⁴ Os Pingos nos Ís, 2021i.

³⁵ Mais informações sobre essas notícias falsas podem ser encontradas em: <https://www.ufsm.br/midias/experimental/agencia-da-hora/2021/11/11/top-5-fake-news-mais-absurdas-sobre-a-vacina>. Acesso em: 04 nov. 2024.

6,72 vezes maior do que as das vacinas. Isso aí é um debate que está rolando na comunidade científica, não tem como os negacionistas simplesmente mandarem a gente calar a boca e tomar a vacina, porque não é isso que a comunidade científica está dizendo. Médicos no Brasil e no mundo estão tentando trazer esse debate intelectualmente honesto para a população, muitos estão tentando colocar esses médicos na espiral de silêncio, porque isso vai contra exatamente o caminho das Big Pharma como Zé sempre muito bem coloca a venda de uma maneira ostensiva de vacinas [...] É preciso questionar sim, é preciso agora nos organizarmos como pares, como cidadãos, como pessoas, comércio, porque se nós deixarmos essa porta ser aberta, outras portas serão abertas e olha, **nossa liberdade** aí no final de tudo isso, Victor, daqui a pouco a gente está pedindo permissão para sair de casa como está acontecendo na Austrália (Os Pingos nos Ís, 2021j, 0:50).

Partindo desta fala, podemos identificar a defesa da “imunidade de rebanho”, uma ação de “controle” da pandemia difundida ainda em março de 2020 que perdurou, como podemos ver, ainda em 2021. Essa proposta (se é que podemos chamar esse delírio de proposta) parte da premissa de infectar pelo menos 60% da população para criar uma “imunidade natural” capaz de dispensar a necessidade de vacinação. No trecho citado, Ana Paula Henkel faz referência a um “estudo” feito em Israel que indica, supostamente, a imunidade natural como 6,72 vezes mais eficaz que a vacina. Henkel faz a afirmativa dia 23 de agosto de 2021, pelo menos duas semanas depois de agências de verificação atestarem a inveracidade do suposto estudo vinculado ao Ministério da Saúde de Israel. Quando questionado se os anticorpos gerados por uma infecção natural são mais eficazes do que os produzidos pela vacina, o Ministério da Saúde de Israel declarou que “essa informação não é conhecida no momento” (Projeto Comprova, 2021). A pasta ainda reforçou a importância da vacinação e que ela já se mostrou eficaz em prevenir casos graves e hospitalizações. Ainda conforme reportagem do Projeto Comprova (2021), essa fake news foi veiculada por diversos agentes que atuaram nessa rede de desinformação, tal como o médico Roberto Zeballos que, como poderemos ver na sequência, é de grande apreço para quem propaga notícias fraudulentas sobre a pandemia. Em suma, podemos afirmar que a expectativa dos fieis de tal teoria era de que pudéssemos enfrentar a pandemia sem a necessidade de intervenções como distanciamento social ou *lockdowns*. É, em resumo, a saída perfeita para os negacionistas que consideram a Covid-19 apenas uma “gripezinha”. Se temos uma solução “fácil”, porque complicar a vida de todo mundo, prejudicar a economia e arriscar a saúde vacinando-se? É a partir deste modo de pensamento inautêntico e paranoico que floresce as teorias da conspiração, especialmente em um momento de incertezas e de medo generalizado como foram os anos de 2020 e 2021 em decorrência da pandemia.

Bolsonaro, a figura de liderança de todo esse movimento, desdenhou do poder de destruição do vírus a todo instante, do início ao fim da pandemia, do primeiro caso de contágio no Brasil em 2020 até os dias de hoje. Silva e Souza Júnior (2022) analisam como a narrativa

do governo presidido por Bolsonaro teve impacto significativo na percepção da população sobre a Covid-19, moldando comportamentos e atitudes em relação à pandemia. No texto é possível identificar: 1) a minimização da gravidade da pandemia; 2) a promoção da imunidade de rebanho; 3) descredibilização da ciência; 4) e a promoção do negacionismo a partir da desinformação e *fake news*; como as implicações mais graves deste discurso na sociedade (Silva; Souza Júnior, 2022). Para cada tópico listado por Silva e Souza Júnior (2022), encontramos ao menos um paralelo nos *Pingos nos Ís* dentro do escopo de vídeos filtrados.

Sobre a minimização da gravidade da pandemia e a defesa da imunidade de rebanho, temos ainda outra declaração de Ana Paula Henkel afirmando que a variante delta seria menos letal do que as variantes anteriores, sugerindo que a pandemia poderia não ser tão grave quanto inicialmente se pensava:

[...] O doutor Zeballos, assim como doutor Paulo Porto, eles vêm defendendo exatamente que essas vacinas já estão obsoletas, não estão pegando essa variante delta, que essa variante delta, isso palavras do doutor Zeballos, é uma variante que transmite de uma maneira mais rápida, mas não é tão letal quanto as primeiras variantes e que isso poderia trazer a tão sonhada imunidade de rebanho, né? (Os Pingos nos Ís, 2021j)

Em referência ao processo de desinformação e descredibilização da ciência, menciono, primeiramente, a seguinte declaração de José Maria Trindade, no dia 27 de agosto de 2021, sobre a imunização contra a Covid-19:

Enfim, existe efeito colateral. É isso que o Fiuza cobra: é a transparência. Que diga! Existe efeito colateral na vacina, sim. A vacina é boa. Você tem que fazer as contas. Se eu já tive a doença, se eu não tenho 50 anos, é cinquenta pra baixo, eu não tenho que correr esse risco do efeito colateral que existe sim. Menor do que a possibilidade de morrer de Covid, é menor, mas existe o efeito. Eu defendo a vacina mas acho que é preciso transparência. E mais agora, olha Ana, está comprovado que essas vacinas, elas não atingem a variante Delta. E a variante Delta, apesar de ter uma capacidade de transmissão muito profunda, diz o doutor Zeballos, é uma fonte respeitável que a gente deve tomar, apesar de ser muito mais transmissível, ela é muito menos letal, menos letal. Daí a explicação do aumento de casos e redução do número de mortos. E ele defende a ideia de que quem já teve, por exemplo, a Covid, não precisa se vacinar (Os Pingos nos Ís, 2021j, 14:50).

Ao mesmo tempo que Trindade faz um singelo aceno à vacinação ao dizer “eu acredito na vacina porque não tem outra porta de saída”, em seguida difunde a ilusão de que quem já teve a doença, não precisa se vacinar para assim não correr os riscos de efeitos colaterais que ele próprio, José Maria Trindade, diz ter uma possibilidade menor de ocorrer do que a morte pela doença. Em outra oportunidade, ainda em relação às vacinas, mas agora em 13 de julho de 2021, Guilherme Fiuza critica a imposição da vacinação de crianças para irem à escola, uma vez que, segundo ele, crianças e jovens não são o grupo mais afetado pela doença, proferindo

o ato de vacinação infantil como um “experimento terrorista” (Os Pingos nos Ís, 2021f), ou seja, que esse “atentado” violaria a liberdade dos pais sobre seus filhos.

Outro fato exemplificador de como *Os Pingos nos Ís* compõe parte da rede de desinformação e disseminação de notícias falsas sobre a pandemia, ocorreu em 21 de junho de 2021³⁶, quando um dos participantes do programa supôs, a partir de áudio não identificado de *WhatsApp*, que na cidade paulista de Araraquara um homem havia comido o gato de uma vizinha pois, na cidade que passava por um novo *lockdown*, as pessoas estavam presas em casa e passando fome (HBO Brasil, 2021). O então prefeito da cidade, Edinho Silva (PT), entrou com processo contra a Jovem Pan por veicular essa *fake news* em seus programas. Sim, *Os Pingos nos Ís* não foi o único programa a divulgar tal notícia enganosa. Como pode-se constatar, essa prática de disseminar notícias falsas e desinformação é uma característica que extrapola o espaço comunicativo dos *Pingos nos Ís*, perpassando os demais programas da Jovem Pan e, é claro, outros temas. Isso nos leva ao próximo ponto que atravessa a construção discursiva de *liberdade e liberdade de expressão* no programa *Os Pingos nos Ís*: a defesa do voto impresso auditável e a suspeição da seguridade do processo eleitoral brasileiro.

Novamente, em diversas oportunidades pode-se verificar a defesa da pauta sobre o voto impresso e, mais que isso, a cisma com relação a seguridade do processo eleitoral. Uso como primeiro exemplo uma fala de Guilherme Fiuza no programa do dia 07 de setembro de 2021:

O que vocês acham que é o país, o Brasil? O que vocês acham que governa o Brasil, que lidera o Brasil, que decide o que se passa no Brasil? Então, a resposta mais eloquente possível está hoje nas ruas do país, do Brasil, no Dia da Independência. É um grito de independência. É muito fácil, meus amigos, fazer a leitura. É muito fácil perceber, por exemplo, o que se passa no cenário eleitoral. Nós vimos, ostensivamente, os juízes do processo eleitoral, o STF e especificamente o TSE, se recusando a discutir, mais do que se recusando, agindo ostensivamente contra uma matéria, contra um projeto de aprimoramento da segurança de um **sistema que foi violado**. Isso é assunto terminal. Isso é assunto terminal. [...] Então, assim, estas imagens, esta representação, quer dizer o seguinte, essa gente toda aí que é o Brasil, não vai aceitar eleição roubada. Deu para entender? Olha o tamanho do povo. Olha a capacidade e a decisão de se mobilizar desse povo. Vocês acham que esse pessoal vai embora para casa e vai deixar uma **eleição suspeita** transcorrer? Vocês imaginem o que acontecerá no Brasil se, em 2022, no ano que vem, aparecer este ladrão condenado e reabilitado pelo mesmo tribunal que preside o processo eleitoral? [...] Então, vocês imaginem, se num processo que a gente não sabe dizer muito como seria, aparece eleito este criminoso. Eleito. [...] Então, a demonstração de hoje é a seguinte: a democracia brasileira é isso, ela tem dono. É o povo. **Não é golpe**, não é tentação de democracia direta, não é nada disso. E ele disse hoje, que não vai deixar, que isso não vai acontecer (Os Pingos nos Ís, 2021h).

³⁶ Está fora do recorte predefinido para análise, mas se faz importante na construção argumentativa proposta.

A partir desta fala é possível elencar três aspectos basilares na suspeitíssima luta por “eleições limpas” a partir da pauta do voto impresso e auditável por parte dos *Pingos nos Ís* e seu campo discursivo: 1) a suspeição antecipada das eleições de 2022; 2) a indicação de que o “sistema já foi violado”, ou seja, de que fraudes já teriam acontecido nas eleições; 3) e ataques sistemáticos aos ministros do STF, e ao STF e TSE enquanto instituições.

Como pode-se constatar a partir das palavras de Guilherme Fiuza, a suspeição do processo eleitoral de 2022 começou a ser incorporada no discurso acusativo de fraude eleitoral ainda no ano anterior ao pleito. Ainda em meados de 2021, pesquisas de intenção de voto aos prováveis candidatos à presidência foram realizadas e apresentavam, como foi o caso da pesquisa DataFolha, a vitória de Lula sobre Bolsonaro em eventual segundo turno no ano de 2022 (Galvani, 2021). Diante disso, a cada nova pesquisa, a cada novo dia que passava, esse discurso e especialmente o sentimento de incerteza e revolta tomava de assalto o imaginário reacionário.

A discussão sobre esse tema era recorrente nos meios bolsonaristas e intensificou-se quando Bolsonaro, em incontáveis ocasiões, afirmou que teria provas da fraude das eleições de 2014 e 2018 (sim, Bolsonaro garante que a eleição ganha por ele mesmo foi fraudada). No final de julho de 2021, Bolsonaro provocou uma grande inquietação e euforia em seus apoiadores pois havia prometido entregar provas concretas das fraudes eleitorais durante sua tradicional *live* transmitida nas quintas-feiras. A tão aguardada *live* foi transmitida em 29 de julho de 2021 e, contrariando o prometido, Bolsonaro apresentou apenas delírios, mentiras e interpretações enviesadas de vídeos e relatos. Conforme ele próprio:

Não tem como se comprovar que as eleições não foram ou foram fraudadas. São indícios. Um crime se desvenda com vários indícios [...] E digo mais: **não temos prova**, [quero] deixar bem claro, mas indícios de que nas eleições para senadores, deputados, pode ocorrer a mesma coisa. Por que não? (Valfré; De Moraes; Shalders, 2021).

Bolsonaro afirma desde 09 de março de 2020³⁷ que teria supostas provas sobre fraudes no sistema eleitoral. Mas, até o momento, não apresentou nenhuma prova concreta ou verídica sobre essas supostas fraudes. A *live* celebrada e acompanhada por milhares de seguidores do então presidente foi apenas um chamariz para que sua audiência assistisse atentamente os insultos proferidos contra o STF, o TSE e Lula enquanto a teoria conspiratória perfeita penetrou os ouvidos dos espectadores: “É justo quem tirou Lula da cadeia, quem o tornou elegível, ser o

³⁷ Valfré; De Moraes; Shalders, 2021.

mesmo que vai contar o voto numa sala secreta, numa sala escura no TSE?”, questiona Bolsonaro (Valfré; De Moraes; Shalders, 2021).

Ao mesmo tempo, em novo paralelo, enquanto Bolsonaro afirma que a contagem dos votos se dá em uma salinha fechada do TSE, Ana Paula Henkel, por outro lado, afirma que

[...] não é possível auditar de forma satisfatória o processo entre a votação do eleitor e a contabilização de voto no boletim de urna, essa viagem do voto entre o boletim, entre a urna eletrônica até o software no computador, ninguém tem acesso, ninguém tem a garantia de o que o X que eu apertei na urna vai ser o X que vai cair no computador (Os Pingos nos Ís, 2021k).

Sobre a hipótese de fraude nas urnas eletrônicas de 2014 levantada por Bolsonaro, à exemplo, Aécio Neves, o próprio candidato à presidência que disputou e perdeu o segundo turno para Dilma Rousseff, afirma não ter qualquer indício de fraude eleitoral (Lara, 2021). Antes mesmo da “grande” *live*, o próprio gabinete do então presidente, através da assessoria do Palácio do Planalto, declarou não ter prova alguma que corroborasse com a promessa de revelação de Bolsonaro (Motoryn, 2021). Por que, então, fazer todo esse chamariz? Por que enganar seus eleitores através de manobras discursivas, tentando fazê-los acreditar que falsos indícios são provas concretas? Para responder a essas duas perguntas farei uso das palavras de Guilherme Boulos:

Vamos falar o português claro, o objetivo de Bolsonaro não é melhorar o sistema eleitoral, tudo que ele quer é criar um ambiente de conflito, de caos, de acusação de fraude para deslegitimar o resultado das eleições [...] você acha que o Bolsonaro está preocupado com a transparência? Tá nada! Tá preocupado em criar um discurso para fortalecer o conflito e criar um ambiente de golpe no Brasil, de instabilidade democrática completa. É isso que está em jogo. É isso que está por trás da conversa toda do voto impresso (Podcast Medo e Delírio, 2021).

Toda essa atmosfera de suspeição do processo eleitoral e da seguridade do sistema eletrônico de votação alimentou o sentimento de revolta e de indignação nos indivíduos que eram e ainda são envolvidos por esses discursos. Mais uma vez, reforço que a crítica não é feita aos cidadãos que possuem dúvidas importantes sobre o funcionamento do processo, da forma como o código fonte das urnas são desenvolvidos e protegidos, de como funcionam os pormenores urna eletrônica para garantir que se some ao boletim final o real voto de cada eleitor. Novamente, o ponto de inflexão e de crítica volta-se para o fato de que a intenção de Bolsonaro, dos *Pingos nos Ís* e de todo e qualquer indivíduo que profere este discurso têm como objetivo a pronta descredibilização de toda e qualquer etapa ou forma de realização das eleições, e também de todos que defendem e garantem a seguridade do processo, sejam eles ministros, instituições ou movimentos e lideranças sociais. Os ataques são articulados, sistemáticos e repetidamente usam dos mesmos argumentos de conspiração arquitetada pelo STF e de ataques

à liberdade de expressão ao reafirmar que o ato de punir quem “questiona” o processo, “opina” sobre as eleições ou “critica” ações de alguns ministros, são alvos de perseguição política da “ditadura velada” do STF.

A pauta do voto impresso não foi adiante na Câmara dos Deputados em 2021, contudo, as consequências do discurso de suspeição da seguridade do pleito são estarrecedoras. Como aponta José Maria Trindade:

Para quem pensa que o trabalho, que a luta de um grupo pelo voto impresso, voto no papel foi em vão, não foi. Isso aí gerou uma atenção muito grande, ninguém prestava muita atenção sobre o nosso processo eleitoral. Então, imediatamente já se criou agora, depois dessa movimentação, uma comissão especial que vai acompanhar tudo mais de perto, na confecção da urna eletrônica, do processo e tudo mais. Então, já foi uma vitória a simples luta (Os Pingos nos Is, 2021b).

Inquestionavelmente, concordando com José Maria Trindade, o efeito no meio político e social é visto de pronto, mesmo a proposta de voto impresso não ter sido levada adiante na Câmara dos Deputados. Um desses efeitos, para além do “debate” ter se instaurado na sociedade, a Comissão de Transparência das Eleições (CTE) é efeito deste discurso de descredibilização do sistema eletrônico de votação. Criada pelo TSE, em setembro de 2021, a CTE foi composta por especialistas, autoridades de diversas áreas e representantes da sociedade civil, incluindo membros das Forças Armadas, acadêmicos especialistas na área de tecnologia da USP e Unicamp, representantes do Congresso Nacional, do Ministério Público, da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e de entidades da sociedade civil (TSE, 2022).

O relatório final da CTE reafirmou a segurança e integridade do processo eleitoral brasileiro, confirmando que o sistema eletrônico de votação é seguro e auditável, enfatizando, também, a ausência de evidências de fraudes. Para além, o relatório finalizado em dezembro de 2021 recomendou algumas melhorias para aumentar ainda mais a transparência e fortalecer a confiança da sociedade no sistema eleitoral, como maior participação de entidades fiscalizadoras e aprimoramento nos protocolos de inspeção do código-fonte (TSE, 2022). Foram feitas 44 indicações de melhoria das quais 32 foram acatadas pelo TSE e aplicadas na forma de 10 medidas tomadas ainda na eleição de 2022, para assim assegurar e reafirmar a confiabilidade do sistema eleitoral e de votação (TSE, 2022).

Creio ser importante pontuar neste momento que o relatório da CTE não foi o único estudo encomendado para analisar a confiabilidade do sistema eleitoral brasileiro e que, ao final da análise, não conseguiu comprovar ou identificar qualquer irregularidade que colocasse em xeque o sistema eletrônico de votação. No dia 22 de novembro de 2022, o Partido Liberal entrou com uma representação no TSE apontando supostas inconsistências técnicas nos modelos de

urnas anteriores a 2020, inconsistências apontadas a partir de auditoria realizada pelo Instituto Voto Legal (Mendes; Alcântara, 2022). Curiosamente, a representação pedindo a anulação dos votos de 279.336 mil urnas eletrônicas era referente apenas ao segundo turno das eleições de 2022 pois, de acordo com Valdemar da Costa Neto, então presidente do PL, “para questionar o primeiro turno, teria que envolver um grande número de candidatos e de partidos” (Mendes; Alcântara, 2022).

Outro relatório publicado que, novamente, não comprovou nenhum indício de fraude, foi publicado pelo Ministério da Defesa representado pelo então ministro Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira. Diante da repercussão de que a fiscalização não pôde comprovar qualquer ilegalidade nas eleições de 2022, um dia após a divulgação da análise do Ministério sobre o processo eleitoral, Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira publicou uma nova nota para sustentar a narrativa de uma possível fraude eleitoral (Medo e Delírio, 2024, 16:45). De forma contraditória, afirmou que, embora o relatório não tenha identificado irregularidades, também não descartou a possibilidade de existência de fraudes ou inconsistências nas urnas eletrônicas e no processo eleitoral de 2022 (Medo e Delírio, 2024, 16:45).

Esta é mais uma comprovação da forma como a realidade é distorcida para criar uma narrativa, uma alegoria que apetece e favorece a construção fantasiosa do vivido, e mais uma vez é vital enfatizar as distintas maneiras com que esse discurso intervém efetivamente na subjetividade dos indivíduos que são seduzidos por essa narrativa e que são chamados à “luta”. O problema não é questionar as urnas, exigir transparência ou querer o voto impresso. O problema é usar essas questões como pano de fundo para encenar um golpe. Nunca se quis maior transparência ou entendimento do funcionamento das urnas eletrônicas, o objetivo final sempre foi criar um ambiente inseguro e caótico. Sempre quiseram, apenas, uma boa desculpa para justificar seu ímpeto golpista e antidemocrático.

Enquanto os relatórios do PL e do Ministério da Defesa eram divulgados e os discursos desses agentes sociais mantinham em suspeição a confiabilidade do resultado das eleições, as pessoas que acamparam em frente aos quartéis após a vitória do Presidente Luís Inácio Lula da Silva em 2022, à exemplo, reproduziram esses mesmos argumentos e proferiram os mesmos ataques ao sistema eleitoral e as instituições. Os criminosos que invadiram e destruíram os prédios dos três poderes em Brasília no 08 de janeiro de 2023, estavam “lutando” contra esses mesmos inimigos.

Figura 9 - Acampamento bolsonarista em frente ao Quartel-General do Exército de Brasília



Foto: Hugo Barreto, 2022, Metrôpoles.

Figura 10 - Faixa de manifestantes na Praça dos Cristais em frente ao Quartel-General do Exército em Brasília



Fonte: Poder360, 2022.

Figura 11 - Bolsonaristas em frente ao quartel-general do Exército em Brasília



Fonte: Sergio Lima/AFP, 2023.

Figura 12 - Apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) pedem intervenção militar em ato em Brasília (DF)



Fonte: Gabriela Oliva/O TEMPO Brasília, 2022.

Mesmo passado três anos do recorte proposto, esta realidade não mudou. Essa constatação reforça o potencial educativo do discurso ideológico emergente das redes sociais. Dentro do contexto social que estamos inseridos, os conteúdos divulgados nesses espaços

virtuais podem, sim, interferir e mesmo produzir um tipo de subjetividade paranoica, projetiva e fanatizada.

Outro exemplo pragmático, agora de 2024, é Francisco Wanderley, o Tiü França, que atentou contra o prédio do STF na noite de 13 de novembro de 2024 e, em seguida, suicidou-se ao acender outro artefato, deitar no chão e colocá-lo sob sua cabeça, na tentativa de tornar-se mártir na luta contra o judiciário e em nome da “nossa liberdade”. “[...] Tudo o que já foi feito para obtermos melhorias em nosso país e nada deu resultados!!! É hora de mudarmos os caminhos e ações!!! Onde está o grande problema? No judiciário!!! Ok.”, afirmou Francisco Wanderley em postagem no dia 26 de agosto de 2024, dois dias depois de visitar o STF (ICL, 2024). Em outro *post*, Francisco diz:

Vamos brindar???? Não chores por mim! Sorria!!!! **Entrego minha vida para que as crianças cresçam com liberdade.** Que o coração de pedra dos homens maus e injustos derreta igual açúcar. Assim os novos governantes terão atitudes mais doses [dóceis]. Aqui de cima posso ver claramente as cores do nosso lindo e amado Brasil, verde, amarelo, azul e branco. Somos uma nação abençoada (ICL, 2024).

Tiü França, acreditava na conspiração (paranoia). Tiü França se sentiu autorizado a cometer (tentar) assassinato em nome do “bem” (pois o mal está projetado para o outro) e, para além, parecia que estava descolado da realidade, assintomático para a razão, ou seja, estava fanatizado. Ao contrário do que a extrema-direita tenta emplacar ao chamá-lo de “lobo solitário”, Tiü França é o exemplo vivaz da convocação feita por Bolsonaro: “eu juro dar a minha vida pela minha liberdade” (Affonso; Weterman; Valfré, 2023). Ele literalmente entregou a sua vida para lutar em nome da “nossa liberdade”. Hoje, depois do ato terrorista, Francisco Wanderley é visto como um radical, como uma exceção pelo próprio campo ideológico que pertencia. Antes de fazer o que fez, dentro do discurso reacionário, poderia ser considerado apenas um “cidadão de bem” que exercia sua “liberdade de expressão” nas redes sociais. Francisco se sentia seguro e à vontade para falar tudo que falava em suas redes sociais, e até mesmo de fazer o que fez, pois tinha a legitimidade de tal ato reafirmada incessantemente por aqueles que defendem a liberdade de expressão individual e irrestrita. Esse é o momento oportuno para tratarmos do caso de Daniel Silveira pelo prisma desses mesmos episódios.

Quando os acontecimentos com Daniel Silveira são mencionados no programa *Os Pingos nos Ís*, o assunto sempre é acompanhado de argumentos permeados pela suspeitíssima perseguição que Silveira sofre por parte do STF, perseguição expressa especialmente nas ações do ministro Alexandre de Moraes, o “ditador da toga”. Posto em perspectiva, o posicionamento

dos comentaristas é de uma situação de abuso de poder, perseguição e prisão política e uma total afronta aos direitos democráticos de Silveira enquanto cidadão e parlamentar.

Um argumento comum nos vídeos analisados, menciona a legislação que trata da imunidade parlamentar. Para pontuar este aspecto, farei o uso das palavras de José Maria Trindade:

Durante o processo constituinte, entendeu-se que os parlamentares deveriam gozar de prerrogativas. Essas prerrogativas eram de imunidade parlamentar. O Supremo só poderia processar um deputado se o Congresso Nacional autorizasse. Veja como o constituinte original tratou desta questão de proteção ao parlamentar. [...] Depois houve, por bem, entenderam os parlamentares, de que a imunidade estava mesmo exagerada e retiraram a exigência da aprovação do Congresso e o Supremo poderia, pode, processar o parlamentar sem pedir autorização, mas deixou também a possibilidade do Congresso, através de uma votação, suspender um processo. Durante um determinado tempo, o parlamentar tinha duas garantias, que é de voto, ele pode votar e com isso provocar prejuízos e alguém cobrar na justiça. E também de opinião. Não satisfeitos, os deputados incluíram na Constituição a palavra quaisquer opiniões, quaisquer. Então foi uma emenda provocada ali pela bancada do Rio de Janeiro, aprovada, para aumentar estas duas únicas imunidades parlamentares que restaram, o voto e opinião, só que incluíram **quaisquer** opiniões (Os Pingos nos Ís, 2021a, 1:08).

Não há dúvidas que esta é uma prerrogativa de suma importância para garantir aos representantes eleitos espaço para debater suas ideias, defender seu posicionamento político e propor alterações na legislação sem sofrer qualquer tipo de censura. Contudo, pergunto: ela salvaguarda os parlamentares de quaisquer opiniões dadas? Todas, sem exceção? Se a resposta for sim, como podemos interpretar a partir das falas dos *Pingos nos Ís*, esse direito protege um parlamentar quando ele diz que a ditadura militar deveria ter matado muito mais ou então quando diz que as forças armadas deveriam invocar o artigo 142 e tomar o poder democrático? A liberdade de expressão, então, é irrestrita? Pode-se bradar ferozmente dizeres racistas, misóginos, machistas, nazistas, fascistas e homofóbicos sem consequência alguma? Pode-se perder o decoro parlamentar ao insultar veementemente ministros e instituições da república, mas não se pode sofrer as consequências por essas ações? Se luta por liberdade mas não há a coragem de enfrentar os efeitos de seus atos?

Em 24 de junho de 2021, o reincidente pedido de prisão de Daniel Silveira é por intercorrências no uso da tornozeleira eletrônica, porém sua primeira prisão como deputado aconteceu em fevereiro do mesmo ano após em live nas suas redes sociais esbravejar ofensas contra o STF e, na ocasião, singularmente ao ministro Edson Fachin. As palavras que seguem são, no mínimo, indigestas e repugnantes. Entretanto, sem elas não poderemos ter a grandeza do imbróglio a que estamos sujeitos:

Fala pessoal, boa tarde. Ministro Fachin começou a chorar, decidiu chorar. Fachin, seu moleque, seu menino mimado, mau caráter, marginal da lei. Esse menininho aí, militante da esquerda, lecionava em uma faculdade, sempre militando pelo PT, pelos partidos narcoditadores, nações narcoditadoras, mas foi elevado ao cargo de ministro porque um presidente socialista resolveu colocá-lo na Suprema Corte pra ele que ele proteja o arcabouço do crime do Brasil, que é a Suprema Corte, a nossa Suprema, que de Suprema nada tem. Fachin, sabe, às vezes eu fico olhando as tuas babaquices, as tuas bobeirinhas que você vai à mídia pra chorar, olha, O artigo 142 da Constituição está muito claro lá que as forças armadas são reguladas na hierarquia e disciplina e blá, blá, blá. Vide o que aconteceu no Capitólio, porque no Capitólio, quando tentaram dar um golpe, aquilo não é golpe não, filhinho, aquilo foi parte da população revoltada que, na minha opinião, foram infiltrados do Black Lives Matter, dos antifas, Black Blocs, coisa que você e a sua trupe, que aí integra Defendem, vocês defendem a todo custo, esses bandos de terroristas, esse bando de vagabundo, vagabundo protege vagabundo, mas não é essa esteira que a gente vai discutir [...] Tendo ou não a suspeição, desrespeitando o seu regimento interno, dessa supreminha aí, que de suprema nada tem, né, previsto lá no artigo 101 da Constituição, os requisitos pra que vocês se tornem ministros, né, totalmente esvaziados, totalmente inocos, totalmente oligofrênicos, né, ignóbeis, é o que vocês são. Principalmente você, Fachin. Você integra, tipo assim, a nata da bosta do STF. Certo? [...] Agora, agora, que você tem que tomar vergonha na sua cara. Quando você for tomar banho, olhar o bilauzinho que você tem e falar assim, pô, acho que eu sou um homenzinho. Eu vou parar com as minhas bobeirinhas. Ah, o quê? Eu tô sendo duro demais? Tô sendo o quê? Ogro? Ah, tô sendo tosco? O quê que você espera? Que eu seja o quê? Que eu tenho um tipo de comportamento adequado pra tratar a vossa excelência, é claro que eu não vou ter [...] Você lembra do AI-5, você lembra. Para. Eu sei que você lembra. Ato institucional número 5. De um total de 17 atos institucionais, você lembra. Você era militante lá do PT, Partido Comunista. Você era da Aliança Comunista do Brasil. Militante idiotizado, lobotomizado, que atacava militares, junto com a Dilma, aquela ladra vagabunda. com o multirriminoso Luiz Inácio Lula da Silva, de nove dedos, vagabundo, cretino, canalha. O que acontece, Faquinha, é que todo mundo tá cansado dessa tua cara de filha da puta que tu tem, essa cara de vagabundo, decidindo aqui no Rio de Janeiro que polícia não pode operar, enquanto o crime vai se expandindo cada vez mais. Me desculpe, ministro, se eu tô um pouquinho alterado. Realmente eu tô. Por várias e várias vezes eu já te imaginei levando uma surra. Quantas vezes eu imaginei você e todos os integrantes dessa corte. Quantas vezes eu imaginei você na rua levando uma surra. O que você vai falar? Que eu estou fomentando a violência? Não, eu só imaginei. Ainda que eu premeditasse, ainda assim não seria crime [...] Então qualquer cidadão que Conjecturar uma surra bendada nessa sua cara com gato morto até ele miar, de preferência, após cada refeição, não é crime [...] E me desculpe, Fachin, se eu tô zangado, ou se eu tô alterado, ou se eu falei alguma coisa que te ofendeu, mas foda-se, né? Foda-se, né? Porque vocês merecem ouvir [...] Aí quando o general das forças armadas, do exército, pra ser preciso, faz um tweet, fala sobre alguma coisa, a conversa com o general, o livro que você tá falando, conversa com o comandante, se eu não me engano, e você fica nervosinho, ô Fachin, é porque ele tem as razões dele, lá em 64, na verdade em 35, quando eles perceberam a manobra comunista de vagabundos da sua estirpe, 64 foi dado então um contra-golpe militar, em que teve lá, até que os 17 atos institucionais, o AI-5, que é o mais duro de todos, como vocês insistem em dizer, aquele que caçou três ministros da Suprema Corte, você lembra? Caçou senadores, deputados federais, estaduais, Foi uma depuração, com um recadinho muito claro, se fizer besteirinha a gente volta. Mas o povo naquela época ignorante, acreditando na Rede Globo, disse, queremos democracia, presidencialismo, Estados Unidos, somos iguais, não sei o quê. E os ditadores, que vocês chamam, entregaram então o poder ao povo. Que ditadura é essa, né? Que ao invés de combater a resistência com ferro e fogo, entrega o poder de volta [...] Vocês são intragáveis, tá certo? Inaceitável, intolerável, Faquinha. Não é nenhum tipo de pressão sobre o Judiciário, não, porque o Judiciário tem feito uma sucessão de merda no Brasil. Uma sucessão de merda. E quando chega em cima, na Suprema Corte, vocês terminam de cagar a porra toda. É isso que vocês fazem. Vocês endossam a merda [...] E eu falo por aqui o que eu quiser. Eu tô falando com base na liberdade de expressão

[...] No mais, Brasil é acima de tudo, Deus é acima de todos. Força e honra (Jornal do Brasil, 2021).

Essa foi apenas uma parte do vídeo de quase vinte minutos feito por Silveira e mesmo sendo um recorte, consegue explicitar a forma como o campo discursivo da extrema-direita se constitui. Essas falas já são gravíssimas se proferidas por cidadãos comuns, como fazia o Tião França, pensemos, juntos, o impacto que essas palavras têm na esfera pública quando ditas por um deputado federal, por senadores, pelo Presidente da República, por militares de alta patente e etc. Se tivéssemos apenas Silveira esbravejando essas falas com o efeito de consternação observável de pronto, pensemos como o campo discursivo se constitui sabendo que há anos esse discurso é construído, reforçado e legitimado incessantemente. Apenas Silveira, sozinho, não conseguiria dar um golpe ou desestabilizar efetivamente os poderes da república, mas a força dele somada com milhares de figuras de autoridade, sejam eles políticos, militares, líderes religiosos nacionais, regionais ou locais, donos de empresas, artistas de todas as áreas e influenciadores dos mais diversos tipos podem, sim, colocar em risco o regime democrático.

Os aspectos mencionados ao longo das páginas deste capítulo são apenas uma pequena amostra do que podemos encontrar nas redes sociais e um pequeno passo dado à compreensão do que é *liberdade e liberdade de expressão* para o campo político e ideológico reacionário sob liderança de Jair Messias Bolsonaro e do qual *Os Pingos nos Ís* possui grande afinidade e apreço. Esses são exemplos que nos ajudam a elucidar que ações como o 07 de setembro de 2021, o 08 de janeiro de 2023 e o 13 de novembro de 2024 não são casos isolados ou ações desarticuladas. Muito pelo contrário. Toda e qualquer ação reacionária em nome da (falsa) luta por liberdade é reflexo de um campo de articulação discursiva que luta pela definição de sua hegemonia.

Em meio a disputa da definição de uma hegemonia, como os significados e as identidades possuem uma *positividade* contingente, a política pode ser entendida como uma luta hegemônica para moldar e estabilizar esses significados (Laclau; Mouffe, 2015). A luta, nesta análise, é em nome do estabelecimento do significado de *liberdade e liberdade de expressão* pelo campo político e ideológico da extrema-direita reacionária. Tal processo envolve a criação de cadeias de equivalência que unificam diferentes demandas sob um mesmo discurso (demandas ultraliberales, conservadoras, fundamentalistas, anticomunistas e etc.), dando a elas uma *positividade* compartilhada por todos antagônicos que compõem esse campo de articulação discursiva. *Positividade*, por sua vez, é a forma como significados e identidades se estabelecem temporariamente em um contexto histórico discursivo, apesar de estarem sempre sujeitos a mudança e disputa. Nesse sentido, é inegável pensar que diante de todos os

acontecimentos mencionados até aqui, o significante e significado hegemônico de *liberdade* e *liberdade de expressão*, nesta quadra da história, é prospectado pela extrema-direita.

Não obstante, o embate no campo político de disputa sobre o significado hegemônico de *liberdade* e *liberdade de expressão* é o ponto de convergência de todos os acontecimentos que citei até aqui. Todas as decisões judiciais tomadas contra Roberto Jefferson, Sérgio Reis, Daniel Silveira, Os Pingos nos Ís, a Jovem Pan e inúmeros outros não foram baseadas em crime de opinião, elas são consequência de ameaças claras, públicas e entusiasmadas ao STF enquanto instituição e a seus ministros, ao sistema democrático que há pouco tempo existe e a tanto é, literalmente, bombardeado. Não importa se o sujeito é um cantor sertanejo muito conhecido, se é idoso ou se é um parlamentar. Teoricamente falando, a lei vale para todos e de forma igual, logo, proferir ameaças e ensejar seus seguidores a um golpe, é um gravíssimo crime contra a democracia e não podemos mais fechar os olhos para esse fato.

Se desde 2018 incontáveis pessoas acreditavam e denunciavam o ímpeto golpista de Jair Bolsonaro e toda sua corja mesmo sem ter o reconhecimento de todas as provas hoje escancaradas pelo Relatório Final de Investigação da Polícia Federal divulgado em novembro de 2024, agora podemos dizer que Bolsonaro e apoiadores são, sim, golpistas e criminosos. Depois da divulgação completa do relatório, Bela Megale (2024) conseguiu identificar nas mais de 800 páginas de provas, oito acontecimentos comprovados que embasam o indiciamento de Bolsonaro:

1. Uma reunião realizada entre Bolsonaro e seus ministros em julho de 2022, na qual ele convocou os membros do governo a agirem antes das eleições para **disseminarem notícias falsas sobre a lisura das urnas**. A PF aponta, que no encontro, outros membros do governo, como o ministro da Justiça, Anderson Torres, o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, do GSI, Augusto Heleno e o secretário-geral da Presidência em exercício, Mário Fernandes, propagaram mentiras sobre fraudes nas eleições.
2. A representação eleitoral apresentada pelo PL, partido de Bolsonaro, após o segundo turno, com dados inconsistentes para questionar o resultado de mais de 200 mil urnas só no segundo turno. A PF afirma que o documento foi apresentado à Justiça Eleitoral com conhecimento de Bolsonaro e do presidente do partido, Valdemar Costa Neto .
3. Ações de pressão ao comandante do Exército, Freire Gomes, como a “Carta ao Comandante do Exército de Oficiais Superiores da Ativa do Exército Brasileiro”, que teve a anuência de Bolsonaro, segundo a PF.
4. A PF afirma que, com apoio do núcleo jurídico, **Bolsonaro elaborou o decreto conhecido como minuta golpista**, que previa a ruptura institucional e a posse de Lula como presidente eleito. O texto estabelece a decretação do Estado de Defesa no âmbito do Tribunal Superior Eleitoral e a criação da Comissão de Regularidade Eleitoral para apurar a legalidade do processo eleitoral. A assinatura do documento por Bolsonaro abria espaço para um golpe.

5. A PF aponta que coleta de entrada e saída de visitantes do Palácio do Alvorada, diálogos de membros do núcleo próximo de Bolsonaro, dados e locais de reuniões que indicam que **Bolsonaro tinha conhecimento da operação chamada “Punhal Verde e Amarelo”**, que anterior ao uso de explosivos e veneno para matar o presidente Lula, o vice Geraldo Alckmin e o ministro Alexandre de Moraes, além do plano “Copa 2022”, que previa capturar Moraes.

6. **Reunião convocada por Jair Bolsonaro** em dezembro de 2022 com os comandantes das Forças Armadas para apresentar a minuta que abriria espaço para um golpe de Estado e que pressionaria os militares a aderirem. Os comandantes do Exército e da Aeronáutica posicionaram-se contrariamente, enquanto o da Marinha, Almir Garnier, colocou-se à disposição.

7. Ida do ex-secretário-executivo da Secretaria-Geral da Presidência, o general da reserva Mário Fernandes, ao Palácio da Alvorada em 9 de novembro de 2022, após elaborar e imprimir o documento no Palácio do Planalto que prevê um plano de golpe . Segundo a PF, Bolsonaro não estava no local.

8. Reunião de Bolsonaro no dia 9 de dezembro de 2022 com o general Estevam Theóphilo, que aceitou capitanear as tropas, caso o então presidente assinasse o decreto golpista. Neste dia, o então presidente fez seu primeiro pronunciamento no Palácio da Alvorada. A PF aponta que o discurso abalou a narrativa da organização criminosa, para **manter a esperança dos manifestantes de que ele e os militares tomariam alguma atitude.**

Como indicado, é possível verificar que Bolsonaro tinha pleno conhecimento do planejamento de assassinato de Lula, Geraldo Alkimim e Alexandre Moraes além de estar ciente do plano de golpe. Bolsonaro e o grupo de pessoas envolvidas na trama sabiam da legitimidade das urnas, mas mesmo assim mantinham a chama golpista acesa em seus apoiadores, especialmente após a derrota do bolsonarismo nas urnas, no segundo turno das eleições de 2022. Para além de saber da legalidade do pleito, o grupo indiciado produzia informações falsas e as compartilhavam deliberadamente conforme também relata e comprova o relatório da PF.

Em meio às conturbadas revelações e indiciamentos referentes à Bolsonaro, *Os Pingos nos Ís*, agora com uma nova bancada composta pelo âncora Daniel Caniato e pelos comentaristas Cristiano Beraldo, Roberto Motta e Luiz Felipe D’Avila, no primeiro momento, no dia 19 de novembro de 2024, quando quatro militares do exército e um policial federal foram presos e o teor do inquérito não havia sido publicado, destaco a fala de Luiz Felipe D’Avila e Cristiano Beraldo, respectivamente, sobre a notícia:

[...] é muito grave a denúncia da Polícia Federal e que, se comprovada, essas pessoas precisam ir para a cadeia e ficar muito tempo na cadeia. O Brasil não pode tolerar golpistas. [...] É lamentável que haviam pessoas no governo tramando contra a democracia, tramando contra candidatos. (*Os Pingos nos Ís*, 2024, 01:41)

Pois é, Caneto, a gente só pode fazer nosso comentário aqui supondo que aquilo que consta na denúncia, que tem como base a investigação da Polícia Federal, é verdade [...] Sendo assim, a pergunta que eu faço é como alguém com esse tipo de cabeça, com esta mentalidade, conseguiu chegar ao general no Exército Brasileiro? Porque uma autoridade no nível máximo da classificação militar que se propõe a esse tipo de plano de vou eliminar esse e esse aqui, ele vai eliminar e aí? Então, assim, eu parece de uma

ignorância, de coisa de gente absolutamente desqualificada, despreparada e que tem que ser responsabilizada no rigor total da lei por terem tido uma atitude, de novo, considerando que é tudo verdade que ali está, tem que ser punido com total rigor da lei para que sirvam de exemplo E o exército brasileiro não pode simplesmente atuar naquele seu espírito de corpo, que vai proteger os seus, diante de uma situação dessa. (Os Pingos nos Ís, 2024, 06:02)

Em um primeiro momento, a punição severa aos envolvidos era veementemente defendida. Contudo, agora que Bolsonaro está no topo da lista dos indiciados e que o inquérito de quase novecentas páginas foi tornado público pelo ministro Alexandre de Moraes e, inegavelmente, apresenta materialidade sobre a trama golpista e base legal legítima para os indiciamentos, chegamos no momento em que “é preciso ver se as informações procedem”. Agora, no delicado cenário político que Bolsonaro se encontra, ele próprio defende a pacificação para encontrar a normalidade em nosso país através do entendimento e da conciliação, da anistia: “Para nós pacificarmos o Brasil, alguém tem que ceder. Quem tem que ceder? É o senhor Alexandre Moraes. Anistia. Agora, se tivesse uma palavra do Lula ou do Alexandre Moraes, no tocante à anistia, estava tudo resolvido. Não quer pacificar? Pacífica!” (Jornalismo, 2024, 1:22). Concomitantemente, Roberto Motta afirma, “em sua humilde opinião”, que a anistia ampla, geral e irrestrita é necessária e viável, uma vez que já foi uma alternativa utilizada no Brasil (Os Pingos nos Ís, 2024).

Ou seja, nessa perspectiva, mesmo com um novo âncora e novos comentaristas, a linha discursiva dos *Pingos nos Ís* segue fiel ao bolsonarismo, à extrema-direita, e segue, por consequência, interferindo na subjetividade de sua audiência de forma a tratar crimes gravíssimos, como planejamento de assassinar a chapa presidencial legitimamente eleita pela população com o objetivo de dar um Golpe de Estado. A tolerância ao absurdo vai sendo testada e o discurso de “pacificação” através da anistia começa a ecoar ao mesmo tempo em que Nikolas Ferreira, uma das vozes mais barulhentas da extrema-direita na atualidade diz que “tentativa pela tentativa, não aconteceu absolutamente nada” e que esta é “uma ação muito bem coordenada, planejada para poder tirar a tua liberdade” (Galãs Feios, 2024).

Quem sabe ao jovem prodígio fascista falte a leitura do Código Penal Brasileiro, primordialmente do artigo 359-L e 359-M que tratam dos tipos penais de Abolição Violenta do Estado Democrático de Direito e Golpe de Estado, respectivamente. Enquanto o primeiro tipifica como crime “tentar, com emprego de violência ou grave ameaça, abolir o Estado Democrático de Direito, impedindo ou restringindo o exercício dos poderes constitucionais”, o segundo criminaliza o ato de “tentar depor, por meio de violência ou grave ameaça, o governo legitimamente constituído” (Senado Federal, 2023, p. 139). Quando falamos *Dos Crimes Contra as Instituições Democráticas* presente no Código Penal, o simples “tentar” é

considerado crime, visto que se a tentativa fosse ou for bem sucedida, estaríamos em um Estado de exceção onde as legislações de um Estado Democrático de Direito não tem voz ou vez. Nikolas Ferreira e todos que seguem a lógica da “tentativa não é crime” deveriam prestar mais atenção às ações de seu ídolo, Bolsonaro, visto que esse trecho do Código Penal foi sancionado por ele mesmo enquanto ocupava a cadeira de Presidente da República através da Lei nº 14.197, de 2021.

Nesse sentido, na democracia, a “tentativa por tentativa” não existe, tanto quanto o falar pelo falar não existe. A fala, ainda que num primeiro momento se apresente como desprezível, exerce impactos concretos no meio social. O indivíduo ou corrente de pensamento político-ideológico que defende uma liberdade de expressão ilimitada, irrestrita, frequentemente demonstra uma recusa em reconhecer as implicações de seus discursos na sociedade. Tal postura ignora o peso simbólico e consequências efetivas das palavras, desconsiderando a responsabilidade que elas carregam e exigem. Há, portanto, a busca por uma liberdade absoluta, desvinculada de sua dimensão ética e de seus danos e repercussões. Se quer liberdade, mas não a responsabilidade que ela carrega em essência.

Depois de todo o exposto, posso dizer que Tiü França é a uma representação da *razão vulgar* das pessoas que, seduzidas pelo discurso reacionário, abrem mão de seu dinheiro, trabalho, vínculos familiares, do cotidiano em sociedade e da própria vida para viver o seu delírio. Daniel Silveira, *Os Pingos nos Ís*, Jair Bolsonaro e etc., são a representação da *razão ardilosa*, valendo-se do seu poder para manipular e controlar, mascarando seus atos autoritários de boas intenções, ou camuflando-se de discursos legítimos e democráticos para promover a destruição e deslegitimação da democracia.

Em meio a esse processo de radicalização, as redes sociais e seu funcionamento a partir da programação algorítmica concebem bolhas de interesse nas quais só entram e ficam pessoas que compartilham dos mesmos interesses, ideias e percepções de mundo. Reforçando o afirmado por Gur-Ze’Ev (2002), esses espaços constituem uma bolha de retroalimentação, uma máquina do prazer que fortalece o senso de Verdade com “V” maiúsculo acerca das crenças individuais e coletivas através da repetibilidade das afirmações e reafirmações incessantes sobre os mesmos assuntos. Nesse caso, a repetição, segundo Adorno (2020a), não só fortalece a mensagem, mas também desarma a capacidade crítica dos sujeitos, fazendo com que aceitem as ideias sem reflexão. Dessa forma, a propaganda de extrema-direita se utiliza dessa técnica para solidificar posições e tornar-se quase imune à análise crítica. A repetição implica, também, no empedramento da linguagem enquanto ferramenta essencial da criação de simbologias, clichês e *slogans* para sintetizar algo que os próprios sujeitos não sabem dizer o que é. Saber

ou não saber, pouco importa. Importa mesmo é lutar contra o inimigo fantasmagórico e eliminá-lo enquanto vocifera-se “Deus, Pátria, Família e Liberdade”.

Encaminhando-me para o fechamento deste capítulo, acredito ser necessário reiterar que no processo de radicalização da sociedade, de disseminação de desinformação e notícias falsas tanto em relação à Covid-19 quanto em relação ao sistema eletrônico de votação, *Os Pingos nos Ís* é apenas uma das engrenagens que movimenta a máquina produtora de subjetividades reacionárias da extrema direita. A análise dos 43 vídeos filtrados corrobora com o anteriormente apontado por Costa (2022) de que a Jovem Pan, e especialmente *Os Pingos nos Ís*, é parte ativa, essencial e de destaque no espectro comunicacional político-ideológico liderado pela figura de Jair Bolsonaro. Pensando na perspectiva dos *Pingos nos Ís* ser uma fonte de educação informal que, conforme Plá (2022), é um forma de educação que acontece de maneira espontânea e fora de ambientes escolares formais de educação, sendo um processo contínuo que ocorre em interações cotidianas, pensar nos *Os Pingos nos Ís* como uma ferramenta de educação informal de viés reacionário, ou seja, que através do discurso político ideológico do programa, ouvintes e espectadores podem desenvolver-se enquanto sujeitos radicalizados, não é um exagero.

A ação dos *Pingos nos Ís* aditado à ação de outros agentes sociais no meio digital produtores de conteúdos reacionários que extrapolam o espaço do *YouTube* e se fazendo presente também em outras redes sociais (*TikTok*, *Instagram*, *Twitter*, *Facebook*, *Kwai*, *Telegram*, *Discord*, *Twitch* e etc.), funciona, à partir da ação algorítmica, como uma grande rede de reafirmação de supostas verdades e de retroalimentação de uma perspectiva de mundo que parte, como denuncia Fromm (1969), de uma *crença* e não de uma análise sensata da realidade. Por isso concordo com Radaelli (2022) quando em *seu dicionário reacionário* conceitua *liberdade de expressão* como “a possibilidade de falar tudo que se crê pensar, mesmo pondo em risco o prestígio da fala enquanto capacidade humana”. Se crê pensar, se crê lutar para salvar as crianças, os jovens ou a família, mas é-se apenas massa de manobra dos agentes da razão ardilosa que os chamam até mesmo de malucos³⁸. *Os Pingos nos Ís*, isoladamente, não têm o poder de nos colocar em um estado de suspeição democrática, mas é, foi e segue sendo uma parte fundamental no processo de manutenção do discurso e da coesão da massa de apoiadores de Bolsonaro em volta de única e fantasmagórica forma de ver a realidade, logrando êxito na determinação dos sentidos que a palavra *liberdade* e *liberdade de expressão* representam nesta quadra da história.

³⁸ STF, 2024.

Dentro do campo da discursividade, contudo, não existe a fixação em última instância de significados. Isso indica que no campo político-ideológico o discurso, significados e significantes estão sempre abertos a novas interpretações e especialmente a novas disputas de sentidos dentro das disputas antagônicas oriundas das relações sociais (Laclau; Mouffe, 2015). Por esse motivo ainda nos é crível a construção de uma saída que se propõe democrática frente ao reacionarismo latente a que estamos sujeitos. É sobre a possibilidade de construir um discurso hegemônico que se propõe antagônico ao discurso reacionário e os elementos essenciais para pensarmos em uma saída democrática que dedicarei as páginas seguintes.

6. “CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS LIBERTARÁ”

“Pois, se o diabo age em oculto e com mentiras, nós às claras, vamos desmascarar suas obras e promover um conhecimento que traz a libertação, como está escrito: E conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará.” (João 8:32)

“Com a educação contra a barbárie no fundo não pretendo nada além de que o último adolescente do campo se envergonhe quando, por exemplo, agride um colega com rudeza ou se comporta de um modo brutal com uma moça; quero que por meio do sistema educacional as pessoas comecem a ser inteiramente tomadas pela aversão à violência física [...] Somente quando formos exitosos no despertar dessa vergonha, de maneira que qualquer pessoa se torne incapaz de tolerar brutalidades dos outros, só então será possível falar do resto” (Adorno, 2020b, p. 180).

Nesta pesquisa, parto da premissa que a democracia se trata essencialmente sobre a interação entre seres humanos no espaço público (Biesta, 2021). Isso significa lidar com a diferença e a alteridade de maneira aberta, não buscando a uniformidade, a homogeneidade, mas respeitando a diversidade, a pluralidade e, ao mesmo tempo, a singularidade de ser própria de cada indivíduo e as possibilidades do *novo* emergir em cada existência (Biesta, 2021). Pensando sob o prisma do *educativo* de Plá (2022), a educação democrática, por sua vez, precisa ajudar os indivíduos a se tornarem *sujeitos*, isto é, a desenvolver sua capacidade de agir de maneira responsável e ética no mundo. Isso vai além do simples treinamento para participar de instituições democráticas ou do incentivo a participar ativamente dos processos eleitorais, é sobre cultivar a disposição e a responsabilidade de aceitar o Outro, o diferente, a novidade (Biesta, 2021).

Partir de uma concepção democrática de análise da realidade perpassa o entendimento, como indicam Laclau e Mouffe (2015), da compreensão de que a sociedade enquanto estrutura fechada e pré-estabelecida é uma impossibilidade. Isso pois os antagonismos, as diferenças fundamentais de cada *ser*, discurso e agente social, jamais poderão ser plenamente remediados. Esse cenário é ainda mais complexo quando pensamos e agimos a partir de um espectro político democrático radical. Viver em democracia implica, necessariamente, conviver com o Outro que não sou eu, significa viver com o meu antagonico e, para além, significa estar aberto ao risco que esse encontro implica (Biesta, 2021). Viver com o Outro denota riscos no sentido de entrar em conflito com nossas próprias visões de mundo e com o lugar ocupado por nós nesse mundo. Risco é, aqui, sinônimo de desconforto, de inquietação, de violência, neste caso, “um tipo específico de violência que não normaliza, não desumaniza e não sequestra, dos indivíduos envolvidos no empreendimento educativo, a potencialidade de ser um Ser no mundo” (Picoli, 2021, p. 375).

Se estar aberto ao novo é prerrogativa para a vida democrática, o reacionarismo não cabe (ou pelo menos não deveria caber) dentro de uma perspectiva democrática. Reacionário é o indivíduo que resiste a reformas ou avanços, é aquele que enxerga o passado como um modelo ideal a ser restaurado. Indo além e pensando a partir da hegemonia neoliberal, o reacionarismo é uma utopia contra-utópica, reagente a alternativa de existência outra (Picoli; Radaelli, 2024). Assim como o neoliberalismo se impõe como totalidade, como Verdade, o reacionário despreza qualquer utopia que não a sua, visto que esta é tomada como verdade natural, colocando-se, por consequência, como uma resposta autoritária que busca manter as estruturas de poder hegemônico existentes (Picoli; Radaelli, 2024). Ele não quer e não aceita o novo como possibilidade, fechando-se então para qualquer um que confronte seu entendimento pré-estabelecido de mundo, de vida.

Reafirmando o mencionado a partir de Fromm (1969), o indivíduo não forma sua subjetividade de viés reacionário por falta de informações ou *déficit* intelectual, é porque lhe falta a habilidade e predisposição de analisar criticamente a realidade. O indivíduo só consegue ver o que já está inscrito em sua subjetividade, em seu *ser*, e dificilmente consegue fugir das amarras que as alegorias criadas para interpretar a realidade lhe impõe. Essa recusa ao pensamento, deve-se a um atributo essencial a todo pensamento reacionário: a anti-intelectualidade.

A anti-intelectualidade pode manifestar-se de diferentes modos perpassando o revisionismo ideológico, o negacionismo, o repúdio a discussão de temas que questionem uma “verdade” imposta e a recusa ao pensamento científico e historicamente produzido (Picoli; Radaelli; Tedesco, 2020). O anti-intelectualismo é um dos tentáculos de movimentos reacionários e, definindo-o de grosso modo, é a incapacidade e/ou a recusa de questionar, de refletir sobre suas próprias ações, desejos, posicionamentos políticos e ideológicos. Nega-se que complexas questões tenham respostas ainda mais complexas e nada fáceis de se compreender ou colocar em prática. Tal constatação impõem aos sujeitos a inaceitabilidade do desconforto e da incerteza, fazendo-os buscar ideias que concedam conforto e segurança (Picoli; Radaelli; Tedesco, 2020). É uma escolha confortável pois o indivíduo anti-intelectual, reacionário, irá devotar-se a algo que não exige de si esforço cognitivo algum. Ele sempre irá optar pela ideia que não o leva a ação de pensar e repensar suas crenças.

Ao devotar-se a ideologia que lhe favorece socialmente e lhe apetece cognitivamente, o reacionário direciona para *algo* ou *alguém* toda sua raiva, toda a culpa pela vida ínfima e desvalida que vive na crença que esta ação bastará para resolver suas mazelas. Ele, o reacionário, se contenta com as respostas que contenham a explicação completa de sua

desgraça, ainda mais se ela se apresenta em forma de revelação: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Não por acaso, essas respostas se apresentam de forma “lógica”, apetente e projetiva, pois confirma que “tudo” está amarrado a uma mesma coisa, confirma o que o indivíduo já desconfiava e atesta que o Outro é o mal que conspira em seu prejuízo. Esses elementos, juntos, compõem a solução igualmente lógica e apetente aos desejos do indivíduo. Por esse motivo é uma visão de mundo anti-intelectual, visto que qualquer postulação que tensione esse conjunto de verdades pré-estabelecidas é rechaçado como parte da conspiração. Há uma recusa de ver as coisas a partir de um outro ponto, ou seja, uma recusa de utopia outra que, porventura, possa vir a questionar e propor soluções viáveis e reais para seus problemas (Picoli; Radaelli, 2024).

O avanço reacionário movido por esse movimento anti-intelectual, de recusa ao pensamento, especialmente a partir do prisma que aqui estabeleci das redes sociais enquanto espaços de formação de subjetividades radicalizadas, aditada com todos os exemplos mencionados ao longo do texto, temos a materialização do denunciado por Adorno (2020b): a barbárie que vale-se de preceitos democráticos (como a defesa da liberdade e liberdade de expressão) que corrói e destrói, por dentro, a própria democracia. Para além dessa constatação, o próprio estabelecimento da democracia carece de apreensão na vida e na convivência em sociedade, fato que é refletido nas experiências reacionárias e no seu poder de capturar indivíduos e produzir subjetividades radicalizadas.

A democracia não se estabeleceu a ponto de constar da experiência das pessoas como se fosse um assunto próprio delas, de modo que elas compreendessem a si mesmas como sendo sujeitos de processos políticos. Ela é apreendida como um sistema entre outros, como se num cardápio escolhêssemos entre comunismo, democracia, fascismo ou monarquia; ela não é apreendida pelo próprio povo, como expressão de sua emancipação (Adorno, 2020, p. 37).

Esse fato permeia a busca, a ânsia por governos de viés autoritário em um mundo que faz da barbárie, da desumanidade e do desamparo social, econômico e afetivo seu elemento vital. Busca-se desesperadamente algo ou alguém que emergja para lutar por nossa liberdade, por nossa vida, em meio a uma democracia que não cumpre sua promessa. É deste ímpeto que gostaria de enfatizar um aspecto crucial dessa suspeição da democracia, especialmente falando do caso brasileiro.

“Incompleta” ou “inacabada” são adjetivos comumente utilizados para descrever a transição democrática brasileira. Muitos aspectos poderiam ser levantados para tal caracterização, mas, sem dúvida, um dos mais centrais refere-se ao papel que as Forças Armadas devem cumprir para que seja definitivamente concretizada a nossa passagem ao prometido Estado Democrático de Direito. (Motta, 2024)

Depois da análise de fontes e partindo do aporte teórico de pesquisa, penso que o mencionado por Tarcísio Motta é um dos aspectos centrais quando colocamos em prisma a crise democrática brasileira. Desde que foi iniciado, no final da década de 1970, o processo de democratização do Brasil vive uma luta constante entre um espectro político ideológico que defende a suprema conciliação, antagônico a outro que pede a suprema justiça em nome das vítimas e a culpabilização dos criminosos. O anseio democrático foi celebrado sem a imposição das Forças Armadas ao poder civil e, ainda conforme Motta (2024), “este sonho, dolorosamente adiado pelo processo de anistia ‘à brasileira’, chancelado pelo Supremo Tribunal Federal, implicou na ausência de responsabilização de militares pelos bárbaros crimes realizados durante a ditadura”. Como consequência, “o fim da Ditadura Militar não foi acompanhado pela desbarbarização, ou seja, a mudança de regime político e a afirmação constitucional pela democracia, pela responsabilidade e pela liberdade não significam, por si só, que as condições para a barbárie foram superadas” (Picoli; Chitolina; Guimarães, 2021, p.6).

Rocha (2021) enfatiza que a promoção de atos que clamam por intervenções militares é, justamente, uma das táticas utilizadas pelo bolsonarismo, refletindo uma nostalgia por regimes autoritários e uma busca por restaurar uma ordem que consideram desestabilizada. Esse fato é constatado quando vemos numerosos cartazes pedindo “intervenção militar” e até “AI-5” em meio às manifestações da extrema-direita.

Figura 13 – Ato na capital federal estava repleto de cartazes contra a democracia



Foto: Sérgio Lima/AFP e Getty Images. 2020.

Figura 14 – Apoiadores de Bolsonaro pedem a volta do regime militar



Foto: Getty Images/AFP/S. Lima. 2020.

A barbárie materializada na defesa da Ditadura Militar não foi devidamente confrontada, combatida e aniquilada. Exemplo do afirmado é o fato de, em 2024, a Polícia Federal ter indiciado 37 pessoas, a grande maioria do alto escalão das Forças Armadas, por tentativa de golpe de Estado. Todas as pessoas diretamente ligadas ao ex-presidente Jair Bolsonaro e acusados, junto com seu Capitão, de Organização Criminosa, tentativa de Abolição Violenta do Estado Democrático de Direito e Golpe de Estado (STF, 2024).

Bolsonaro nunca negou seu apreço pelo regime ditatorial brasileiro da mesma forma que nunca negou ou sequer disfarçou seu desprezo pelas iniciativas que buscam contar a história deste período e lutam pela justiça das vítimas presas, torturadas e mortas pelo Estado brasileiro. Ele chama de “balela” os documentos comprobatórios das prisões políticas e mortes em decorrência das torturas praticadas pelos agentes militares (SBT, 2019). Diz que é favorável a tortura abertamente, com ar de orgulho, de (suposta) coragem (Portal Fan, 2019). Quando questionado, ainda em 1999, se fecharia o Congresso Nacional se assumisse a presidência, diz que

Não há a menor dúvida, daria golpe no mesmo dia, no mesmo dia [...] e garanto que pelo menos 90% da população ia fazer festa e bater palma, porque [o congresso] não funciona. O congresso hoje em dia não serve pra nada, só faz o que o presidente quer. Se ele é a pessoa que decide, que manda, que tripudia em cima do Congresso, que dê logo o golpe, parte logo pra ditadura (Portal Fan, 2019).

Nessa mesma entrevista, é questionado: “O senhor tem esperança? O senhor tem futuro? O senhor vê o Brasil em um lugar melhor? O senhor acredita nesse país? De que maneira o senhor enxerga o Brasil de todos nós?”, Bolsonaro responde:

Só com crise, né? [...] Só com uma crise seríssima. Me desculpe, né? Através do voto, você não vai mudar nada nesse país. Nada! Absolutamente nada! Você só vai mudar, infelizmente, quando no dia nós partimos para uma guerra civil aqui dentro. E fazendo um trabalho que o regime militar não fez, matando uns 30 mil, começando com o FHC, não deixando pra fora não, matando. Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra, morre inocente. (Portal Fan, 2019)

O relatório final divulgado pela Polícia Federal no final de novembro de 2024 apenas chancelou o que já era alertado por muitos e há muito tempo, ou seja, de que Bolsonaro e seu bando queriam um novo golpe militar desde sempre e de que o mesmo começou a ser arquitetado ainda no primeiro ano de governo. Nesse sentido, é impossível pensar, partindo de uma análise sensata da realidade, que um espectro político e ideológico defensor de um regime ditatorial, assim o faça, pois está salvaguardando a democracia. É incompatível com uma lógica democrática dizer que Bolsonaro votou a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff, pela memória do inescrupuloso torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra, “o terror de Dilma Rousseff”³⁹, (Guimarães, 2018), em nome da democracia e da “nossa liberdade” (Estadão, 2018).

As ameaças democráticas, materializadas em 08 de janeiro de 2023, são consequências deste discurso reacionário e, é claro, consequência da ação das redes sociais nesse processo. A ânsia, o desejo de voltar ao passado mítico e fantasmagórico da Ditadura, é também reflexo de um amplo processo de deslegitimação do conhecimento cientificamente produzido e do revisionismo ideológico latente e emergente das redes sociais. Um bom exemplo sobre esse tema é o caso da produtora Brasil Paralelo que, assim como a Jovem Pan, é alinhada à extrema-direita e faz um esforço significativo para mostrar a (falsa) “Verdade” da história e dos acontecimentos cotidianos para sua audiência. Anos de incontáveis pesquisas profundas, conduzidas com sério rigor metodológico e científico, são apresentados nos mesmos patamares de achismos e teorias conspiratórias. Esse cenário exemplifica o *educativo*, ou seja, a intencionalidade presente nas práticas discursivas que interferem, por consequência, na formação da subjetividade dos sujeitos. Nas redes sociais, casos como os da Brasil Paralelo e da Jovem Pan evidenciam como o *educativo* atua na construção de narrativas que deslegitimam o conhecimento científico e promovem visões de mundo reacionárias, reforçando discursos

³⁹ Para complementar a informação, Ustra foi sujeito que comandou as sessões de tortura da ex-Presidenta Dilma Rousseff.

radicalizados da extrema-direita. Tudo é em nome do que *eu* acredito. Tudo é em nome da *minha* verdade, da verdade que *me* apetece.

Pensar na educação informal para a barbárie perpassa, então, o entendimento de que na era das redes sociais, discursos que antes eram restritos a pequenos e isolados grupos tiveram nos espaços digitais de comunicação uma ferramenta de difusão dos seus ideais, aglutinando seguidores que retroalimentam seus delírios. Isso ocorre tanto para redes virtuais criadas para reunir vídeos com boas ações, com cenas do cotidiano que nos fazem ter razões para acreditar e cultivar a esperança⁴⁰, quanto para a criação de grupos neonazistas que somam, apenas no Brasil, pelo menos 530 núcleos, dado que representa um crescimento de 270,6% de janeiro de 2019 a maio de 2021 (Fantástico, 2022). O espaço digital também lidera quando falamos de denúncias de incitação à violência e discurso de ódio. Segundo pesquisa realizada em 2023 pela *SaferNet*,

O levantamento mostra que as agressões motivadas por ódio, preconceito e intolerância dispararam em ano eleitoral. Foi assim em 2018. E a situação piorou ainda mais nas eleições de 2022. Foram 74 mil denúncias de crime de ódio contra pouco mais de 44 mil em 2021. O maior aumento foi nos crimes de ódio contra as mulheres. Saltaram de pouco mais de 8 mil para mais de 28 mil. Justamente no ano em que o Brasil registrou o maior número de feminicídios desde que a lei entrou em vigor (Jornal Nacional, 2023).

Não é por mero acaso que o reacionarismo ampliou seu alcance no mesmo período em que grupos neonazistas, discursos de ódio na *internet* e o apoio ao então ex-presidente Bolsonaro cresceram vertiginosamente. As consequências das redes sociais na vida privada e na vida pública é inegável. Por esse motivo, todo conteúdo disponível dentro das redes sociais tem potencial para compor a subjetividade dos usuários. Logo, pensar a educação informal nesses espaços se faz importante e nos indica que um dos pontos de inflexão é, justamente, a questão da própria programação algorítmica nesse processo de radicalização.

O algoritmo entrega os conteúdos que são de interesse do usuário, pois o objetivo é fazê-lo passar o maior tempo possível na plataforma. Nesse sentido, se um usuário curtir ou compartilhar um *post* no *Instagram*, *Twitter* ou *Facebook*, curtir e salvar um vídeo ou então seguir um canal no *YouTube*, o algoritmo trabalhará para entregar ao usuário mais conteúdos e perfis semelhantes aos quais ele interagiu. Caso o conteúdo seja de receitas, cada vez mais irão aparecer vídeos e produtores de conteúdo que compartilham dicas e receitas, podendo o algoritmo identificar até se o interesse é voltado para receitas doces ou salgadas, se a preferência é por alimentos saudáveis ou industrializados, ou mesmo se a alimentação do usuário é

⁴⁰ Perfil “Razões para Acreditar” no Instagram: <https://www.instagram.com/razoesparaacreditar/?hl=pt-br>.

carnívora, vegetariana ou vegana. Se, porventura, os conteúdos com engajamento forem sobre política, os *posts* recebidos na *timeline* serão quase em sua totalidade, voltado para isso. É por meio desse movimento de “entregar” o que lhe é de interesse que cria a percepção de totalidade, de comunidade ao usuário, especialmente pensando nos conteúdos políticos e ideológicos reacionários, pois propicia uma sensação de segurança ao indivíduo. Ele não mais se sente sozinho nessa “luta”.

Dentro do *regime de informação* temos, concomitantemente a esta sensação de segurança, uma sensação de liberdade igualmente, na prática, ardilosa. O *algoritmarismo* enquanto um fenômeno que funciona através da captação, tratamento e cruzamento de grandes volumes de dados produzidos pelos usuários, passa a exercer, a partir da análise e manipulação desses dados, um controle significativo dos indivíduos especialmente através do condicionamento da sua autonomia dentro das plataformas virtuais (Castro; Adeodato, 2023). Pensando na ação de controle e no condicionamento de comportamentos e formação/produção de subjetividades, Castro e Adeodato (2023) mencionam a formação de “milícias digitais”, ou seja, associações de pessoas interligadas que atuam de forma coordenada na *internet*, especialmente nas redes sociais. Essas milícias formam bolhas informacionais, ou então bolhas de interesse, como denunciado por Gur-Ze’Ev ainda em 2002. Nessa dinâmica do *algoritmarismo*, os usuários são expostos a conteúdos que reforçam suas crenças e opiniões, limitando a diversidade de informações e perspectivas de análise, compreensão da realidade e, para além, encontram com demasiada facilidade pessoas e grupos que compartilham os mesmos ideais, os mesmos medos. No encontro com seus pares por meio das redes sociais e por meio da retroalimentação de ideais, o indivíduo reacionário crê, veementemente, que não está sozinho (e ele, realmente, não mais está).

Ao mesmo tempo, não posso deixar de mencionar que algumas (poucas e irresolutas) ações foram tomadas por parte de algumas plataformas na (falha) tentativa de reduzir os impactos e disseminação de notícias falsas e discurso de ódio. O *Twitter* hoje indica que uma notícia é falsa. O *YouTube*, em vídeos sobre teorias conspiratórias, por exemplo, coloca uma faixa em destaque logo abaixo da tela com informações sobre o assunto. Mas, de todo modo, o texto, foto, áudio ou vídeo continua circulando e sendo entregue aos usuários da plataforma e, ao mesmo tempo, quando sujeitos fanáticos e paranoicos veem esses alertas, não é, para eles, um alerta de notícia falsa, é a comprovação que existe *algo* que quer controlar as nossas vidas e cercear a “nossa liberdade”.

A *crença* do indivíduo reacionário que acredita em uma notícia falsa é, então, muito maior que qualquer racionalidade que o impeça de acreditar que isso seja uma mentira. Em

alguns casos, ela pode até mesmo negar a inveracidade do acontecimento pelo simples fato de querer, verdadeiramente, que aquilo seja verdade. Isso tem total relação com o processo educativo, com a constituição da subjetividade deste indivíduo pois, nesse cenário, a crença é o que ele é (e no fundo nós somos, verdadeiramente, o que cremos). Para reforçar este aspecto de crença e materializá-lo a partir de um exemplo real, gostaria de contar brevemente a história de Leandro Batista, um ex-terraplanista que hoje, depois de quase quatro anos produzindo vídeos para o *YouTube* defendendo a teoria conspiratória da terra plana, empenha-se na produção de conteúdos para refutar cada um de seus vídeos. Em uma participação no *podcast* *Ciência sem Fim*, do canal *Space Today* de Sérgio Sacani, Leandro Pereira explica como conheceu a teoria da terra plana:

Então, aí na época (final de 2015) eu morava em Minas Gerais, numa cidade chamada Itabira [...] Aí no dia de folga eu tava: o que tem pra fazer? Aí estou olhando o YouTube, quem aparece? Doutor Pirula. [...] Ele fez um vídeo que eu nunca mais esqueci o título, o vídeo é: Terra Plana e o Filtro para Teorias Conspiratórias. Aí eu, como qualquer outra pessoa, eu falei: pô, terra plana? Como assim terra plana, cara? Aí eu cliquei no vídeo e comecei a ver, né? O Pirula, falando, descendo a lenha na teoria da terra plana e, pá, falando, até meio enérgico ele tá nesse vídeo, eu fiquei, pô, como assim terra plana, cara? Missões da Apollo, NASA, e disse aquela coisa toda. Então, te causa um impacto. Primeiro, você fica assim, cara, que loucura. Beleza, depois eu fiz outra coisa, enfim. Só que nessa época, Sacani, o YouTube recomenda um vídeo de Terra Plana falando bem ou mal logo após um outro [...] Aí eu terminei de ver esse do Pirula, aí recomendou um outro canal falando de terra plana. Aí eu falei, cara, não é possível, cara, não, não pode ser, como que é plana, meu Deus do céu, não pode ser plana (Ciência Sem Fim, 2024, 1:43).

Na sequência, Leandro Pereira explica por que, então, algo que despertou estranheza em um primeiro momento, depois de ver vários e vários outros vídeos no próprio *YouTube* começou a fazer sentido para ele usando dois pontos centrais nesse processo. O primeiro ponto que Leandro destaca é a parte supostamente científica da teoria:

O que seria a parte científica, então? Por exemplo, um argumento terraplanista, ó, já foi na praia? Olha o mar lá, tudo plano e envelopado, sabe por quê? Porque a terra é plana. Aí eu pensei, Cara, realmente, eu nunca vi a curvatura da Terra. Ó, uma coisa que já fica na sua cabeça. Aí, um outro argumento. Você já voou? Você viu a janela do avião? Curva nenhuma. E eu lembrei dos voos que eu fiz [...] Aí eu fiquei pensando, caramba, realmente, cara, eu nunca vi a curvatura da Terra, pô. Eu vejo tudo plano na janela do avião, ou outra coisa que ficou na minha cabeça. Aí eu comecei a me interessar pelo assunto. (Ciência sem fim, 2024a, 04:14)

Na sequência, Pereira explica que vêm de uma família evangélica. Participante da Assembleia de Deus, integrava a banda da sua igreja, atuava como diácono e também fazia pregações (Ciência sem fim, 2024a). A partir disso, afirma que o segundo aspecto crucial para ele passar a crer na teoria da terra plana foi a religião:

Eu vou explicar porque. Então, aí assim, tem o livro de Gênesis lá. Aí o primeiro capítulo, os primeiros versículos. No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra era sem forma e vazia, quer dizer, não tinha forma nenhuma, nem globo, nem plana, nem nada. O Espírito de Deus pairava sobre as águas. Aí você vai lendo, vem o versículo 4, 5 e 6. Aí no 6, há um firmamento no meio das águas, que faz a divisão das águas de cima, superiores, e as águas inferiores. Aí, qual é o modelo da Terra Plana? Quer dizer, um dos modelos, porque tem vários, né? Uma Terra Plana com um domo em cima, e acredita-se que tem a água em cima desse domo, dessa estrutura [...] Então, o argumento terraplanista, ele me atraiu muito nisso porque eu pensei, eu nunca tinha aplicado literalidade a essa narrativa de Gênesis como dentro da teoria da terra plana. Então eu falei, caramba, eu nunca pensei por esse lado. Ora, se a Bíblia é a Palavra de Deus e ela é inspirada, inerrante, infalível, como a gente aprende, então isso pode ser verdade. Aí eu mergulhei. Aí eu entrei no terraplanismo definitivamente e quis saber tudo (Ciência sem fim, 2024a, 07:50).

Leandro Pereira, no episódio com mais de três horas, levanta diversos aspectos sobre seu entendimento de mundo e o entendimento de si mesmo desde 2015. Outro ponto de suma importância, é o momento que ele fala:

Muita gente que tá de fora, às vezes pensa assim, cara, como é que você pode ter sido burro, você entrou pra isso, etc e tal. Sacani, **você se apaixona pela causa**. Eu me apaixonei, eu queria que a terra fosse plana, cara [...] Eu me apaixonei pela parte assim, caraca, se for plana vai ser uma revolução. Caramba, como que não me contaram? (Ciência sem fim, 2024b).

Dentre tantos exemplos possíveis para tratar sobre o aspecto de crença e anti-intelectualidade do indivíduo reacionário, optei por apresentar o caso de Leandro Pereira, agora ex-terraplanista, pois os relatos feitos por ele materializam os argumentos usados ao longo do texto. Isso acentua-se quando pensamos a partir de suas falas que, pelo fato de teorias conspiracionistas e reacionárias serem uma *crença*, necessita apenas de fé e não de questionamentos. Leandro Pereira, ainda na entrevista para o *Ciência sem fim*, afirmou que um dos motivos que o fez começar a questionar a teoria da terra plana aconteceu quando um líder influente no meio conspiracionista disse: “você tem que falar nos seus videos aquilo que a gente fala” (Ciência sem fim, 2024b, 1:32). Esta prática de intimidação e isolamento de Pereira acentuou-se quando ele começou a observar a lua e questionar se ela, porventura, não tivesse luz própria, contrariando o que diz a crença terraplanista. Esse processo de crença, de anti-intelectualidade, também se relaciona com as dinâmicas de educação informal, que, ao contrário da educação formal, atua de maneira espontânea e muitas vezes imperceptível na formação da subjetividade dos indivíduos envolvidos no processo, tal como aconteceu com Pereira, que de um simples vídeo visto em seu dia de folga, o fez entrar em uma espiral de paranoia moldando quem ele passou a ser e em que ele escolher crer desde então.

Sendo assim, diferente da educação formal que têm um plano, diretrizes, currículo e objetivos estabelecidos e expostos, a educação informal é aquela que acontece sem o preparo e

intenção pré-estabelecida de ser um ato educativo por parte do sujeito educado, mas que, geralmente de forma inconsciente, intervém na subjetividade deste indivíduo, ou seja, educa-o. A intencionalidade aqui parte não dos agentes da razão ardilosa, mas da razão vulgar que não percebe esse movimento, que não pensa por si mesma e prospecta a realidade através de suas emoções e medos. Leandro Pereira estava apenas vendo um vídeo no *YouTube* em seu dia de descanso, nesse momento ele não tinha a intenção de ser um terraplanista, nem mesmo poderia ter a intenção de aprender algo novo, mas isso aconteceu. Por esse motivo, memes, fotos, áudios, comentários e vídeos nas redes sociais têm um grande potencial de formação de subjetividade. Potencial especialmente pensando a partir da percepção que os indivíduos se quer dão conta que estão sendo educados, pois tudo acontece de forma “natural”, “espontânea” para eles.

Deste modo, *Os Pingos nos Ís* não segue uma diretriz específica sobre o que precisa falar, de que forma precisa falar para que seus ouvintes sejam *educados* - o que não significa que não seja uma ação pensada e direcionada para um público alvo delimitado. Ao contrário da Brasil Paralelo que faz um esforço gigantesco para se vender como a divulgadora da “Verdade”, envolvendo assim o desenvolvimento de materiais que tem como objetivo primeiro a intervenção na subjetividade, *Os Pingos nos Ís* educa seus ouvintes e espectadores dentro de uma lógica reacionária sem que estes tomem nota que há um processo educativo estabelecido. Para a maioria dos seus seguidores, eles podem apenas estar acompanhando um programa de opinião que, porventura, percebem suas próprias opiniões sendo representadas.

Esse processo educativo se estabelece, sobretudo, pois acontece um processo de *identificação* entre a audiência e o discurso político ideológico do programa. Guareschi (1997) relaciona os conceitos de ideologia e discurso ao analisar de que modo ambos conceitos se correlacionam e implicam na formação de identidades e práticas sociais sob um prisma interseccional. A partir de Althusser, Guareschi (1997) discute a interpelação como ponto central nessa identificação do indivíduo com a ideologia através do discurso, ou seja, a partir do “chamado” feito para esse indivíduo através de uma figura de autoridade, de uma instituição ou mesmo do discurso hegemônico estabelecido. A *interpelação* não é apenas um ato de ser chamado, mas também envolve um *reconhecimento* por parte do sujeito que se identifica, que se vê representado nessa ideologia e discurso, tornando esse movimento determinante, visto que é através dele, do *reconhecimento*, que o indivíduo se torna consciente de sua posição social e de sua identidade dentro das relações sociais e de poder (Guareschi, 1997). Portanto, a interpelação é um mecanismo que liga a subjetividade do indivíduo às estruturas sociais e ideológicas, permitindo que ele se constitua como sujeito em um contexto social específico.

Nesse sentido, “a noção de interpelação constrói ‘sujeitos’ que reconhecem - que estão, de fato, predispostos a reconhecer - o chamado dos discursos ideológicos” (Guareschi, 1997, p. 172).⁴¹

Do mesmo modo que a audiência dos *Pingos nos Ís* se reconhece e se alinha a ideologia do programa através de seu discurso, *Os Pingos nos Ís* realiza esse mesmo movimento de reconhecimento com o campo ideológico bolsonarista. Ao se alinhar, como demonstrado no capítulo anterior, ao campo de discursividade hegemônico liderado por Jair Bolsonaro, *Os Pingos nos Ís* passa não só a reproduzir as falas, mas também elaborar sua própria forma discursiva para, dentro dos moldes propostos de “jornalismo de opinião” da Jovem Pan, vestir-se com um manto de autoridade, de legitimidade, para questionar a eficácia do distanciamento social e das vacinas, defender a liberdade de expressão irrestrita e colocar em suspeição todo o sistema eleitoral brasileiro. Tendo como ponto de partida esse discurso, e novamente pensando *Os Pingos nos Ís* como apenas uma das incontáveis vozes da extrema-direita no cenário político brasileiro, temos a formação de subjetividades que igualmente, até hoje, minimizam as consequências da pandemia, acreditam veementemente que o sistema eleitoral é fraudado, e que a volta da Ditadura Militar na forma de “intervenção militar” é a única saída para que a “nossa liberdade” seja salva e a “nossa democracia” seja plena.

Analisar tal conjuntura histórica, política e social reacionária brasileira, não é tarefa fácil ou perene. Esta tarefa demanda validar o antagônico e sua existência. Demanda ter o foco mantido mesmo quando a indignação toma conta. Esse é o risco que Biesta (2015) nos diz que é preciso correr para que a educação não seja somente uma educação *para* a democracia, mas *por meio* da democracia. Ao mesmo tempo, enquanto de um lado é preciso validar a existência do meu antagônico, também é vital estabelecer limites internos e externos, um *sou* e um *não sou* para evitar que as fronteiras da conciliação nos desviem do caminho para nosso *vir a ser*, para o *novo*.

Tolerar o intolerável nos trouxe até aqui, até a realidade reacionária experienciada. Nosso erro (nosso enquanto Estado democrático, enquanto sociedade) foi aceitar que um Deputado Federal declarasse seu voto dentro de uma das casas legislativas que representam o espírito democrático em nome do torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra sem sofrer qualquer advertência ou punição. Nosso erro foi não tomar providências mais drásticas desde o primeiro momento em que a credibilidade e segurança das urnas eletrônicas foi posta em voga pelos

⁴¹ Laclau e Mouffe (2015) fazem o uso dessa identificação (inclusive da palavra) em *Hegemonia e estratégia socialista*, visto que os autores vêm do marxismo de Althusser e principalmente de Gramsci. É importante pontuar que mesmo indo além das perspectivas teóricas desses autores, Laclau e Mouffe nunca os abandonaram por completo.

mesmos sujeitos eleitos por meio desse sistema eleitoral ao longo das últimas décadas. O fracasso contra a barbárie se concretizou quando mais de 700 mil brasileiros morreram ao longo do maior desastre de saúde pública da história e o chefe do poder executivo imitava pessoas engasgando por falta de ar e, mesmo assim, continua com uma horda gigante de apoiadores e sem sofrer as consequências por seus atos genocidas na gestão da saúde pública. Chegamos no momento em que a anistia, a conciliação, não é opção caso nossa crença como país, como humanidade, seja feita de democracia, pluralidade e ética.

Um dos desafios primeiros para enfrentar essa realidade, pensando a partir do *educativo*, é o restabelecimento da Verdade não como a *minha* verdade, mas como a Verdade factual, aquela ou aquelas Verdades que não podem ser negadas, aquelas possibilidades e pluralidades de *ser* que igualmente não podem ser negadas na vivência democrática. Isso se faz indispensável no processo de construção de um discurso democrático radical hegemônico pois “o perigo de que tudo aconteça de novo está em que não se admite o contato com a questão, rejeitando até mesmo quem apenas a menciona, como se, ao fazê-lo sem rodeios, este se tornasse o responsável, e não os verdadeiros culpados” (Adorno, 2020b, p. 136). Se o tratamento com o passado e o presente não se der em terrenos contra hegemônicos, ele continuará sendo falacioso e insuficiente. O sentido *radical* da teoria de Laclau e Mouffe (2015) pressupõe justamente isso, ir ao fundo das questões, das dores, dos problemas, sem meias palavras, sem voltas articulatórias que objetivam amenizar ou esconder os fatos. Golpe, é golpe. Ditadura, é ditadura. O radicalismo da teoria vem no sentido de não mascarar as verdades e não fazer um “meio-campo” para essas questões.

João César de Castro Rocha, em seu livro “Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político” (2021), faz uma contribuição importante para o debate acerca do papel que o restabelecimento da verdade factual desenvolve em meio do que o autor chama de *guerra cultural*, ou seja, no caso brasileiro, do fenômeno que se manifesta através de uma série de táticas e estratégias utilizadas pelo bolsonarismo para desestabilizar a ordem democrática e promover uma interpretação da história e dos fatos específica e falaciosa. Mais do que chegar ao poder, o bolsonarismo impulsionou uma profunda transformação da cultura e da sociedade, utilizando a retórica do ódio e a manipulação da verdade como ferramentas centrais nesse processo de radicalização à extrema-direita (Rocha, 2021). Diante da manipulação da verdade ou ainda do estabelecimento da pós-verdade, a busca pela *Verdade* através da análise factual fica comprometida em meio ao caos cognitivo semeado pela extrema-direita e, como consequência, “[...] o espaço público se desmancha no ar e a convivência coletiva se torna uma

estéril batalha de versões. O analfabetismo ideológico bolsonarista produz um ameaçador caos cognitivo precisamente ao confundir rumor e fato” (Rocha, 2021, p. 419).

O caos cognitivo mencionado pelo autor se estrutura a partir da impossibilidade dos indivíduos analisarem os acontecimentos a sua volta de forma crítica e racional, deixando em suspenso a viabilidade de uma ação política responsável. No momento em que os indivíduos não conseguem mais distinguir a verdade da mentira, o próprio espaço público sofre com a ausência de discussões que poderiam ser resolutivas de alguma forma. Ao invés de estarmos discutindo qual seria a melhor forma de auxiliar a população em situação de vulnerabilidade social durante a pandemia, estruturar um plano emergencial de saúde pública ou então um centro de controle de dados sobre a Covid-19, a maior parte dos esforços do campo democrático voltou-se para dizer à população que o uso de máscara não provoca pneumonia bacteriana (Domingos, 2021) ou então que as vacinas não continham um *microchip* para controlar a humanidade. Longe de logramos sucesso na disputa discursiva sobre a segurança e validade das eleições de 2022, os esforços estavam voltados para desmentir as falsas notícias que alegavam que Lula, o presidente eleito, havia falecido e sido substituído por um clone (Money Report, 2022). Da atrofia do pensamento, da inabilidade ou mesmo indisposição ao pensamento, surge a comemoração de um estado de sítio que nunca aconteceu (DCM, 2021) ou então da igualmente falsa prisão do ministro Alexandre de Moraes (Terra Brasil, 2022). Da atrofia do pensamento vemos o suposto pedido de ajuda para os extraterrestres (Uol, 2024) e o cantar do hino em saudação a um pneu (Eduardo Moreira, 2022).

É por esse motivo que “o súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento)” (Arendt, 1989, p. 526). E novamente, reforço: o indivíduo reacionário crê nas teorias conspiratórias de todos os vieses, da ideologia de gênero ao chip na vacina, do terraplanismo ao plano maquiavélico de revolução comunista pois vê seus medos, angústias e crenças refletidos nesses discursos. Mais que se reconhecer, ele é, enquanto *ser*, esse discurso. Por isso é preciso compreender quão complexo e difícil é para esses indivíduos se desfazerem dessas crenças e buscar um novo sentido para sua vida, para sua existência. Se o ídolo é reflexo do que *eu* sou, reconhecer que esse ídolo é um mentiroso e um covarde implica reconhecer que *eu* sou um mentiroso e um covarde. Mais que isso, implica em afirmar que *eu* fui enganado e já que “ninguém gosta de ser um pateta”, os indivíduos enganados rejeitam essa sensação de inferioridade ou mesmo de impotência perante a realidade (Adorno, 2020a). Leandro Pereira novamente nos ajuda a entender esse processo:

Todo terraplanista, ele é apaixonado. Ele cria um fanatismo, ele quer que a terra seja plana. Eu costumo chamar isso de síndrome de Kiko. Lembra do Kiko lá do Chaves? Tem um episódio que o Kiko fica doido querendo a bola quadrada. Ele fica doido, o professor vai trazer a bola quadrada, bola quadrada, bola quadrada. Essa é a graça do episódio, porque não existe bola quadrada. O terraplanista, não que ele queira que uma bola seja quadrada, ele quer que a terra seja plana. Tô falando porque eu queria que a terra fosse plana. Entendido. Eu (pensei) vou abandonar a crença e vou valorizar o fato. Aí, quando eu valorizei o fato, eu percebi. Isso se encaixa na Terra esférica. A Terra só pode ser esférica. (Ciência sem fim, 2024b, 11:30)

Nessa perspectiva, a partir do relato de Leandro Pereira, que passou da crença para a análise da verdade factual, propor como uma das possibilidades de vislumbrar uma saída para a realidade reacionária experienciada implica não apenas em defender as análises científica e eticamente comprometidas, mas também pressupõe a defesa não da impossibilidade de mudarmos os caminhos, mas da viabilidade de repensar nossos posicionamentos e a possibilidade de novos caminhos serem trilhados.

Assim sendo, a democracia só pode ser construída por sujeitos conscientes e racionais ou, conforme Adorno (2020b), só pode ser estabelecida pela ação de sujeitos emancipados. A subjetividade, por sua vez, só existe a partir da ação, da interação no espaço público. “Só podemos ser sujeitos em ação, isto é, em nosso *ser* com os *outros*” (Biesta, 2021, p. 181). Subjetividade é, então, nessa perspectiva, comportamento, é como as pessoas agem no espaço público movidas pelo conjunto de crenças, de hábitos, que fazem com que o indivíduo construa, a partir da interação, o seu *eu* e a sua percepção de mundo. Se o objetivo é a construção coletiva de uma democracia radical e se o processo de educação e formação de subjetividade não acontece apenas nos espaços formais de ensino, “[...] a questão da ação e da subjetividade democrática deixa de ser uma questão que só é relevante para as escolas: estende-se para a sociedade em geral e torna-se um processo de uma vida inteira” (Biesta, 2021, p. 185).

Para além de ser um processo contínuo e infindável, a construção de um discurso político democrático, que enfrente o discurso reacionário hegemônico, exige o resgate da razão e da verdade como fundamentos essenciais para a liberdade e a ação política (Fromm, 1969). Nesse sentido, a frase “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, título deste capítulo e um dos *slogans* do bolsonarismo, surge como um alerta poderoso sobre o papel central da verdade na formação de uma sociedade democrática e na promoção de decisões preventivas, racionais e não violentas. Rocha (2021) utiliza a frase “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” para enfatizar a centralidade da verdade na construção de uma sociedade democrática, sendo a Verdade um elemento essencial para a ação política e a convivência social. Sem ela, a Verdade, os indivíduos ficam sujeitos à manipulação, fato que compromete a capacidade de diálogo e a formação de um espaço público saudável, onde diferentes perspectivas possam ser

discutidas de maneira respeitosa, ética e pautadas no compromisso com a democracia (Rocha, 2021).

Diante do avanço do reacionarismo, da anti-intelectualidade e da manipulação ideológica que fragilizam as bases democráticas, torna-se urgente o fortalecimento de uma educação que promova a emancipação crítica a partir da análise racional e sensata dos fatos, da Verdade, e não unicamente da *minha* opinião, da *minha* verdade. O discurso reacionário, ao recusar a complexidade do mundo e das relações, e as incertezas inerentes à convivência democrática, reforça práticas autoritárias que inibem o estabelecimento do novo à partir da pluralidade, da diversidade. É nesse contexto que a educação deve assumir um papel transformador, esforçando-se para cultivar a capacidade dos indivíduos de questionar, refletir e agir ética e responsável em sociedade.

Mais do que resistir aos retrocessos, é essencial que a educação democrática se coloque como um espaço de construção coletiva de novos horizontes, onde a verdade e a democracia não sejam apenas um conceito abstrato, mas uma prática diária de responsabilidade, diálogo e comprometimento com o bem comum, com a humanidade. Embora a radicalização de viés reacionário e a desinformação pareçam obstáculos intransponíveis, é justamente por apresentar-se como um cenário difícil, de risco, que reside a importância de persistirmos na construção de discursos emancipatórios, que promovam a Verdade, o diálogo e a abertura para o novo.

Cabe reafirmar, aqui, que a luta por uma educação democrática deve ir além da contestação ao discurso reacionário. A crise democrática brasileira, exacerbada pela disseminação de narrativas falsas e revisionistas em redes sociais, exige estratégias educacionais que articulem teoria e prática, que confrontem as lógicas hegemônicas que naturalizam as desigualdades, a exclusão, bem como minam a possibilidade de um debate. É necessário propor alternativas discursivas que incorporem a diversidade e o compromisso ético como pilares centrais. A formação de sujeitos críticos, capazes de agir de forma responsável e participativa, requer esforços integrados entre políticas públicas, iniciativas educacionais e engajamento da sociedade de forma geral.

O fato de ainda hoje, em dezembro de 2024, vivermos em um Estado Democrático de Direito no Brasil é motivo, sim, de comemoração. Contudo, nossos antagonistas seguem articulando-se para novamente, seguir o curso da história sem fazer seu acerto de contas. Por esse motivo e pela indignação que toma conta por reconhecer que a anistia pode, novamente, ser o caminho a ser tomado, faço uso das palavras de Julio César Strassera, promotor de justiça argentino, em sua alegação final no julgamento dos militares da Ditadura argentina, em 1984:

Señores jueces, este proceso ha significado, para quienes hemos tenido el doloroso privilegio de conocerlo íntimamente, una suerte de descenso a zonas tenebrosas del alma humana, donde la miseria, la abyección y el horror registran profundidades difíciles de imaginar antes y de comprender después [...] Por todo ello, señor presidente, este juicio y esta condena son importantes y necesarios para la Nación Argentina, que ha sido ofendida por crímenes atroces. Su propia atrocidad torna monstruosa la mera hipótesis de la impunidad [...] Los argentinos hemos tratado de obtener la paz, fundándose en el olvido y fracasamos; ya hemos hablado de pasadas y frustradas amnistías. Hemos tratado de buscar la paz por vía de la violencia y del exterminio del adversario y fracasamos; me remito al período que acabamos de describir. **A partir de este juicio y de la condena que propugno nos cabe la responsabilidad de fundar una paz basada no en el olvido, sino en la memoria, no en la violencia, sino en la justicia. Esta es nuestra oportunidad y quizá sea la última** (SDH Argentina, 2018).

Sem fazer o exercício de, efetivamente, olhar para nossa história enquanto país sem meias verdades, sem medo, enfrentando o fascismo que segue impregnado em nosso âmago, a promessa do *novo*, da democracia, jamais se cumprirá. A anistia não é a melhor saída para fugir do reacionarismo que nos sufoca se quisermos, ainda, vislumbrar uma continuidade da vida humana. Reforço, novamente, que esta não é e nem será uma tarefa fácil ou tranquila. Muito pelo contrário. Entretanto, não é por isso que a não ação é aceitável. Se a sociedade enquanto estrutura fechada e irremediável é uma impossibilidade, se tudo é variável e contingente, sempre estaremos em vista de superar a realidade imposta.

Enfrentar os desafios impostos pelo reacionarismo e a educação informal para a barbárie que opera em espaços digitais é um compromisso com a dimensão ética e transformadora do *educativo*. O *educativo*, enquanto ação que coloca sujeitos e saberes em uma intenção de transformação, de educação, nos convoca a agir em um mundo onde a pluralidade e a democracia vivem sob constante ameaça. Reconhecer as dificuldades desse enfrentamento não deve nos paralisar, mas sim inspirar ações que, ainda que pareçam pequenas ou incertas, carregam em si o potencial de mudança. No meio do campo de disputas discursivas, como indica Adorno (2020b), agir pelo viés de uma educação democrática é pensar uma educação capaz de formar sujeitos incapazes de tolerar brutalidades, de tolerar a barbárie em todas as suas formas. Qualquer movimento em direção a isso, é uma vitória.

Como afirma Benjamin, “cada linha que conseguimos publicar hoje - não importa quão incerto seja o futuro a que nós a entregarmos - é uma vitória arrancada das mãos dos poderes da escuridão” (Alter, 1992, p. 31). Assim, cada ato educativo que promove a crítica e aproxima o indivíduo da emancipação e da convivência democrática, é um gesto de resistência contra as sombras que ameaçam apagar o vir a ser e, em última instância, a sobrevivência da humanidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Você pode até dizer
 Que eu tô por fora
 Ou então que eu tô inventando
 Mas é você que ama o passado
 E que não vê
 É você que ama o passado
 E que não vê
 Que o novo sempre vem
 (Belchior)

A presente pesquisa teve como objetivo principal compreender como a educação informal reacionária promovida no *YouTube*, em especial pelo canal *Os Pingos nos Ís* da Jovem Pan, interfere na formação de subjetividades reacionárias e quais são as implicações dessa dinâmica para a vida democrática. Através da teoria de análise política do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015) que compreende o discurso como um campo de disputas simbólicas, bem como da metodologia de Sebastián Plá (2022) para investigações em educação, com ênfase no educativo como ação de formação de subjetividades, o objetivo foi problematizar o impacto dessas narrativas no enfraquecimento dos valores democráticos. Para tanto, busquei não apenas mapear e analisar as disputas discursivas exemplificando-as a partir de acontecimentos, mas também refletir sobre os caminhos possíveis para a construção de alternativas democráticas frente à hegemonia reacionária.

Em um primeiro momento, analisei o reacionarismo como um fenômeno que transcende as fronteiras brasileiras, sendo um aspecto que pertence às demais crises democráticas em escala global. A partir de autores como Fromm (1969) e Souza (2022), argumentou-se que o reacionarismo se alimenta do medo das mudanças e da nostalgia de um passado idealizado aliado ao ato de idolatria como fatores vitais não só da estruturação dos discursos e práticas sociais, mas na formação de subjetividades reacionárias. Esse contexto histórico e político configura a base política e ideológica para os movimentos de extrema-direita, evidenciando a relação entre o reacionarismo e a manutenção de estruturas políticas e de discursos antidemocráticos emergentes das redes sociais.

Do impulso reacionário das redes sociais, com destaque para o *YouTube*, seguimos analisando esses espaços virtuais como espaços que potencializam a disseminação, primordialmente, de discursos reacionários. Conforme explanado, os algoritmos dessas plataformas criam bolhas ideológicas que retroalimentam-se entre si e ampliam o alcance de narrativas simplistas e essencialmente fantasmagóricas que apelam ao emocional do usuário de forma a contribuir para a formação de subjetividades alinhadas a ideais antidemocráticas, visto

seu poder de influenciar o debate público e mesmo eleições inteiras, como exemplificado a partir do *Blog* do de Beppe Grillo e do M5S na Itália, do escândalo da *Cambridge Analytica* nos Estados Unidos e do MBL no Brasil.

Seguindo, um breve histórico do grupo Jovem Pan foi realizado e a partir dele foi possível analisar seu processo de transformação até ser um dos principais veículos de comunicação alinhados à extrema-direita no Brasil. Esse alinhamento começa a intensificar-se desde 2013, momento que o conglomerado passou a explorar uma linha editorial que reforçava diretrizes conservadoras, reacionárias e antipetistas, culminando, em 2020, conforme Costa (2022), nas declarações do programa *Os Pingos nos Ís* como um canal estratégico para disseminar e alimentar as narrativas alinhadas aos bolsonarismo.

Dentro da complexa teia de relações virtuais que sustentam o discurso reacionário nas redes sociais, o programa *Os Pingos nos Ís* desempenha um papel central na formação de subjetividades reacionárias. A partir da análise dos vídeos selecionados, pode-se constatar que o conceito de *liberdade* é mobilizado de forma estratégica, desconectando-se de sua dimensão coletiva e democrática para ser reinterpretado como uma defesa absoluta do individualismo. Sob a perspectiva teórica de Laclau e Mouffe (2015), tal discurso opera pela construção de antagonismos, nas quais figuras como Daniel Silveira são apresentadas como heróis de uma luta contra um suposto autoritarismo judicial, contra a “ditadura da toga”. Com o suporte metodológico de Plá (2022), foi possível identificar como esses conteúdos intervêm nas subjetividades dos espectadores, promovendo uma educação informal que reforça valores autoritários e antidemocráticos, que reafirma crenças e visões de mundo já estabelecidas no cognitivo do indivíduo reacionário. Esse processo educativo ocorre tanto por meio das narrativas explícitas quanto pelo viés emocional, que apela ao medo e a desconfiança das instituições democráticas, da ciência e até mesmo o medo de pensar, de questionar-se enquanto *sujeito*, configurando o programa como um instrumento poderoso na manutenção da hegemonia reacionária.

Seguindo a construção do texto, o último momento da presente pesquisa se propôs a refletir sobre os desafios de construir discursos democráticos em oposição à hegemonia reacionária, especialmente em uma conjuntura histórica em que as relações e debates públicos são mediados pelas redes sociais. Enfatizou-se, então, que a democracia radical exige o reconhecimento do antagonismo como elemento constitutivo das relações sociais e, assim sendo, a superação do discurso reacionário não depende apenas do combate, da denúncia, mas também da proposição de alternativas discursivas outras que articulem demandas sociais de forma inclusiva e plural. Com a ênfase voltada para o *educativo* enquanto ação de formação e

transformação da subjetividade, destaca-se a importância de criar espaços que promovam valores democráticos e ampliem o debate público para além da polarização construída e alimentada pelas plataformas digitais, pensando sempre na educação com o objetivo primeiro de formar sujeitos abertos ao Outro, à convivência democrática e a responsabilidade que o encontro com o Outro implica.

Ao longo do presente texto, me preocupei em apontar diferentes agentes da extrema-direita que ocupam um demasiado espaço nas redes sociais, com ênfase no *YouTube* e no canal *Os Pingos nos Ís*, bem como procurei explicitar os diferentes argumentos utilizados para fazer desses meios digitais uma ferramenta para radicalizar seus usuários. Contudo, não posso negar a existência e trabalho árduo de canais que se empenham veementemente na construção de uma rede de enfrentamento ao discurso hegemônico neoliberal e reacionário também nas plataformas virtuais. Com uma atuação mordaz no *YouTube*, posso citar o já mencionado canal *Meteoro Brasil*, o canal *Desce a Letra* e o *Calma Urgente*. Com presença no *YouTube* e demais redes sociais como *Twitter*, *Instagram* e *TikTok*, destaco o perfil *História Cabeluda* de Gustavo Gaiofato, os perfis de Ian Neves, João Carvalho, Rita Von Hunty, ICL Notícias, Elias Khalil Jabbour, , Caroline Sardá, Naiara Lira, Sâmia Bomfim, Talíria Petrone, Erika Hilton (dentre muitos outros exemplos que aqui poderia citar), e iniciativas coletivas de jornalismo independente como o *Intercept Brasil*. Com grande destaque na parte de produção de podcasts com engajamento especialmente no *Spotify*, menciono (e recomendo fortemente) *Medo e Delírio em Brasília*, *Mano a Mano*, *Petit Journal*, *Foro de Teresina*, *Fora da política não há salvação* e o *Pauta Pública*.

Todos os canais no *YouTube*, perfis em outras redes sociais e a divulgação de conteúdos no formato *podcast* dos produtores de conteúdo acima mencionados nos dão indícios que existem incontáveis pessoas empenhadas em ocupar seu espaço nas redes sociais, mas agora de forma crítica e com viés democrático. Cada sujeito e iniciativa acima citado, possui suas individualidades e percepções próprias *de* e *do* mundo ao analisar os acontecimentos dos últimos anos. Entretanto, algo que é sonoro entre todos é o total rechaçamento de uma nova anistia aos criminosos que, principalmente desde de 2018, roubam de nós não só dinheiro público e a impossibilidade de debatermos democrática e verdadeiramente os problemas que assolam nosso país, mas roubam também, em diferentes momentos e proporções, a esperança e a força de lutar em prol do nosso *vir a ser*, do *ainda-não*, do *novo* enquanto promessa de transformação.

Findo a presente pesquisa, por hora, compartilhando um trecho do discurso feito pelo Professor Bruno Antonio Picoli enquanto paraninfo da turma de formandos 2023.2 do curso de

História da Universidade Federal da Fronteira Sul. Não estava presente na ocasião, mas por meio das redes sociais tive a felicidade de, num momento de extrema sensibilidade, inquietação e indignação durante o desenvolvimento desta pesquisa que agora tenho a alegria de compartilhar publicamente, ler as palavras que seguem e que, de uma forma ou outra, acompanham-me desde então pois, afinal de contas, eu acredito que *o novo sempre vem*:

Quando dizemos 'nunca mais' com firmeza, instauramos no tempo uma fenda preciosa: a possibilidade do ainda-não, da superação da violência sem sentido, do encontro alvissareiro com outro, do cuidado, da justiça, do futuro. Como nos ensinou Belchior, "presentemente, meus caros, podemos nos considerar sujeitos de sorte" porque temos uma chance de instaurar essa fenda, e a temos hoje. A temos hoje porque ainda estamos vivos, ainda podemos inaugurar outro tempo, criar outro mundo, mais acolhedor, mais justo, mais diversos, mais humano. Estamos vivos, apesar de tudo, e estamos vivos hoje, no presente, e isso não é pouca coisa. Mas é preciso coragem. E é isso que desejo a vocês (Picoli, 2024).

8. REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora Unesp, 2020a.
- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020b.
- ADORNO, Theodor. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Editora Unesp, 2015, pp. 153 - 190.
- AFFONSO, Julia; WETERMAN, Daniel; VALFRÉ, Vinicius. **Golpistas que invadiram Poderes reproduziram frases literais de Bolsonaro; veja vídeo**. Estadão, Política. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/golpistas-que-invadiram-poderes-fizeram-reproducoes-literais-de-frase-de-bolsonaro-veja-video/>. Acesso em: 05 mar. 2024.
- ALMEIDA, J. P. M. de. “Deus, pátria e família”: os sentidos do fascismo brasileiro, do integralismo ao populismo do século XXI. **Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas**, v. 7, n. 2, p. 163-178, 2020. Disponível em: <https://journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3855>. Acesso em: 04 abr. 2023.
- ALTER, Robert. **Anjos necessários: tradição e modernidade em Kafka, Benjamin e Sholem**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- ALVES, Rubem. **Religião e repressão**. Juiz de Fora: Editora Siano, 2020
- ARAÚJO, Mayck Pereira de. **O rádio como instrumento de propaganda política no governo Vargas (1942-1945)**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. A VOZ DO BRASIL. Programa do dia 24 de agosto de 2020. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/items/382796cd-f8fc-4825-aa42-ef0d9aa504fe>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo : Perspectiva, 2016.
- BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Autêntica Editora, 2022.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- BIBO NUNES. **Presidente Jair Bolsonaro em entrevista: Rede Fonte de comunicação Goiás- GO**. Facebook, 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=353735139724951. Acesso: 21 out. 2024.
- BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Autêntica Editora, 2021.
- BOLSONARO, Eduardo. [Sem título]. Manhattan, 03 ago. 2018. Instagram: @bolsonarosp. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BmB4LUTHY0t/?utm_source=ig_embed. Acesso em: 04 fev. 2024.

BOMFIM, Camila; CAMARGO, Isabela. **Daniel Silveira é preso em Petrópolis, no Rio, um dia após ficar sem mandato de deputado.** G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/02/02/daniel-silveira-e-preso.ghtml>. Acesso em: 27 mai. 2023.

BOMFIM, Camila; GOMES, Pedro Henrique. **Ministro Alexandre de Moraes concede prisão domiciliar para o deputado Daniel Silveira.** G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/14/ministro-alexandre-de-moraes-concede-prisao-domiciliar-para-o-deputado-daniel-silveira.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2023.

BORY, Stefano. A rede decide? O caso do Movimento 5 Estrelas. In: FELICE, Massimo Di; PEREIRA, Eliete; ROSA, Erick (Orgs.). **Net-Ativismo: Redes digitais e novas práticas de participação.** Campinas, SP : Papyrus, 2017, pp. 207-220.

BRASIL DE FATO. **Relembre vezes em que Bolsonaro (PL) imitou pacientes de covid-19 com falta de ar.** *YouTube*, 22 de agosto de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/L6MWxlUKl_Q. Acesso em: 02 mar. 2024

BRASIL DE FATO. **Seis vezes em que Bolsonaro falou mal do Bolsa Família.** *YouTube*, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nSwabpTncdk>. Acesso em: 20 fev. 2024.

BRAUN, Michel. O Movimento 5 Estrelas: um partido de tipo especial, contra o tradicional sistema político italiano. **Friedrich Ebert Stiftung**, n. 15, 2016. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12705.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2024

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Decreto Nº 21.111, de 1º de março de 1932. Publicação original.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21111-1-marco-1932-498282-publicacaooriginal-81840-pe.html#:~:text=Aprova%20o%20regulamento%20para%20a,que%20lhe%20conferem%20os%20arts.> Acesso em: 25 mar. 2024.

CASALEGGIO ASSOCIATI - CA. **Sobre nós.** 2024. Disponível em: <https://www.casaleggio.it/en/about-us/gianroberto-casaleggio/>. Acesso em: 07 fev. 2024.

CASTRO, João Vitor Cruz de; ADEODATO, João Maurício. Da expectativa de uma ágora virtual a um panóptico digital: disrupções políticas e democráticas da era da quantificação. **Revista Direito em Debate**, v. 32, n. 59, p. 1-13, jan./jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.21527/2176-6622.2023.59.13850>. Acesso em: 17 dez. 2024.

CNN BRASIL. **Bolsonaro decreta perdão da pena a Daniel Silveira; veja íntegra | CNN 360º.** *YouTube*, 2022. 4m03s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F4RwB94qAC0&ab_channel=CNNBrasil. Acesso em: 02 abr. 2023.

CNN BRASIL. **Se aparecer corrupção, colaboraremos para que fatos sejam elucidados, diz Bolsonaro.** CNN Brasil, 2022b. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/se-aparecer-corrupcao-colaboraremos-para-que-fatos-sejam-elucidados-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 09 dez. 2024.

CNN BRASIL. **Sérgio Reis presta depoimento à Polícia Federal nesta quarta (25) | NOVO DIA**. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kmt71wAWIwE>. Acesso em: 14 nov. 2024.

CONGRESSO NACIONAL. **Relatório final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito**. 1994. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4246338&ts=1594000165420&disposition=inline>. Acesso em: 13 jun. 2023

Cortes do CIÊNCIA SEM FIM. **Como surgem os terraplanistas**. YouTube, 2024a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kjho1yW5RcQ>. Acesso em: 12 nov. 2024.

Cortes do CIÊNCIA SEM FIM. **Ex-terraplanista desabafa ao vivo**. YouTube, 2024b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Isx55ICrm-o&t=7s>. Acesso em: 12 nov. 2024.

COSTA, Ana Clara. **A Jovem Pan e o golpe: como a emissora tornou-se o braço mais estridente do bolsonarismo**. Revista Piauí, 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/jovem-pan-e-o-golpe/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. Vestígio Editora, 2019.

DCM TV. **Enganados por Bolsonaro, caminhoneiros acham que ele decretou "estado de sítio" e se emocionam**. YouTube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9xfm4PbMnzg&ab_channel=DCMTV. Acesso em: 10 dez. 2024.

DE FARIA, Álvaro Alves. **Jovem Pan 80 anos: Conheça a trajetória da Rádio Panamericana até o canal de notícias 24 horas na TV**. Jovem Pan, 2022. Disponível em: <https://jovempan.com.br/jp-80-anos/jovem-pan-80-anos-conheca-a-trajetoria-da-radio-panamericana-ate-o-canal-de-noticias-24-horas-na-tv.html#:~:text=Fundada%20em%201942%2C%20emissora%20revolucionou,estreia%20da%20Jovem%20Pan%20News&text=A%20Jovem%20Pan%2C%20um%20dos,do%20Brasil%2C%20completa%2080%20anos>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

DE TONI, Carol. [Sem título]. *Facebook*, 11 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/carolinerdetoni/posts/322592133353372/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Dias 935, 936 e 937 | O que não aconteceu em 2018 e o 2022 que está por vir | 24, 25 e 26/07/2021. [Locução de]: Cristiano Botafogo. Medo e Delírio em Brasília, 28 de julho de 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7EmHVwfdLKxQswG8JXeLqe>. Acesso em: 10 out. 2022.

DOMINGOS, Roney. **É #FAKE que uso de máscaras contra Covid tem provocado aumento de pneumonias bacterianas**. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/11/03/e-fake-que-uso-de-mascaras-contr-covid-tem->

provocado-aumento-de-pneumonias-bacterianas.ghml. Acesso em: 10 dez. 2024.

DUFFY, Clare. **Meta faz acordo de US\$ 725 milhões para encerrar caso sobre Cambridge Analytica**. CNN Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/meta-faz-acordo-de-us-725-milhoes-para-encerrar-caso-sobre-cambridge-analytica/#:~:text=O%20acordo%20proposto%20encerraria%20a,com%20a%20campanha%20de%20Trump>. Acesso em: 25 mar. 2024.

DUNKER, C.; TEZZA, C.; FUKS, J.; TIBURI, M.; SAFATLE, V. **Ética e pós-verdade**. Editora Dublinense, 2017.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Editora Record, 2022, 12ª ed.

EDUARDO MOREIRA. **A seita bolsonarista agora canta o hino para um pneu de caminhão! Surreal!**. YouTube, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vnyYI0RlSNw&ab_channel=EduardoMoreira. Acesso em: 10 dez. 2024.

ESTADÃO. **Bolsonaro exalta Ustra na votação do impeachment em 2016**. YouTube, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xiAZn7bUC8A&ab_channel=Estad%C3%A3o. Acesso em: 12 dez. 2024.

FALCÃO, Márcio; VIVAS, Fernanda; RODRIGUES, Mateus. **Moraes manda, e PF prende em flagrante deputado que defendeu AI-5 e fechamento do STF**. G1 - Política. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/02/16/moraes-determina-prisao-imediata-de-deputado-que-fez-video-atacando-ministros-do-stf.ghml>. Acesso em: 31 mar. 2023.

FANTÁSTICO. **Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos**. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghml>. Acesso em: 10 dez. 2024.

FERES JÚNIOR, João; CAMPOS, Luiz Augusto; DAFLON, Veronica Toste; VENTURINI, Anna. **Ação Afirmativa: História, Conceito e Debates**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. L&PM, 2022.

FROMM, Erich. **A sobrevivência da humanidade**. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1969.

G1. **YouTube desmonetiza canais da Jovem Pan**. G1, Tecnologia, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/11/23/youtube-desmonetiza-canais-da-jovem-pan.ghml>. Acesso em: 25 mar. 2024.

GALÃS FEIOS. **Nikolas Ferreira é humilhado após negar golpe e se fazer de vítima | Galãs Feios**. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5fZrxSYTerU>. Acesso em: 30 nov. 2024.

GALVANI, Gionvanna. **Datafolha: Lula tem 58% de votos contra 31% de Bolsonaro no 2º turno.** CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/datafolha-lula-tem-58-de-votos-contra-31-de-bolsonaro-no-2-turno/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo.** FGV Editora, 2020.

GUARESCHI, Neuza. Ideologia e discurso. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71370>. Acesso em: 27 out. 2024.

GUIMARÃES, Juca. **Conheça a história sombria do coronel Ustra, torturador e ídolo de Bolsonaro.** Brasil de Fato, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/17/conheca-a-historia-sombria-do-coronel-ustra-torturador-e-idolo-de-bolsonaro>. Acesso em: 12 dez. 2024.

GUR-ZE'EV, Ilan. É possível uma educação crítica no ciberespaço?. **Comunicações**, v. 9, n. 1, p. 72-98, 2002.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas.** Editora Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia.** Editora Vozes, 2022.

HBO BRASIL. **Greg News | Jovem Pan.** YouTube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z1YrEdZ7BBw&ab_channel=HBOBrasil. Acesso em: 12 jan. 2022.

INSTITUTO CONHECIMENTO LIBERTA - ICL. **Explosão na praça dos três poderes.** YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2RIsM9A4vbg>. Acesso em: 19 nov. 2024.

JORNAL DA RECORD. **PF prende mais duas pessoas por ameaças ao ministro Alexandre de Moraes.** YouTube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t_JdjupncAU. Acesso em: 14 nov. 2024.

JORNAL DO BRASIL. **O polêmico vídeo do deputado Daniel Silveira, que levou à decretação de sua prisão pelo STF.** YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WlyxQb5beFc>. Acesso em: 04 nov. 2024.

JORNAL NACIONAL. **Deputado divulga vídeo com discurso de ódio e ataques a ministros do Supremo.** G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/02/16/deputado-divulga-video-com-discurso-de-odio-e-ofensas-a-ministros-do-supremo.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2023.

JORNALISMO TV CULTURA. **Roberto Jefferson é preso pela Polícia Federal.** YouTube, 2021. 3m20s. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=5qokblovsZg&ab_channel=JornalismoTVCultura. Acesso em: 02 abr. 2023.

JORNAL NACIONAL. **Denúncias de crimes envolvendo discurso de ódio nas redes sociais triplicaram nos últimos 6 anos, aponta levantamento.** G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/01/denuncias-de-crimes-envolvendo-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-triplicaram-nos-ultimos-6-anos-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2024.

JORNAL O GLOBO. **Caminhoneiro bolsonarista Zé Trovão se entrega à Polícia Federal.** YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=srZ1d581ND0>. Acesso em: 14 nov. 2024.

JORNALISMO TV CULTURA. **Bolsonaro pede anistia para envolvidos em 8 de janeiro e admite discutir golpe com militares.** YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=98qlgFXUZ8E&t=88s>. Acesso em: 10 dez. 2024.

JOVEM PAN NEWS. **JP Urgente: Deputado Daniel Silveira é preso em Petrópolis, no RJ; Schelp e Kobayashi analisam.** YouTube, 2023. 23m18s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1mko3IfRWR4&ab_channel=JovemPanNews. Acesso em: 02 abr. 2023.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical.** Intermeios, 2015.

LARA, Rafaela. **Bolsonaro diz que apresentará ‘provas de fraude’ na eleição na ‘semana que vem’.** CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-vai-apresentar-provas-de-fraude-na-eleicao-na-semana-que-vem/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LEWIS, Rebeca. **Alternative Influence: Broadcasting the Reactionary Right on YouTube.** Analysis & Policy Observatory, 2018. Disponível em: <https://apo.org.au/node/193281>. Acesso em: 23 mai. 2023.

LOUREIRO, Cláudia; MARTINS, Marco Antônio. **Daniel Silveira teve ao menos 30 violações ao uso de tornozeleira; 22 vezes por falta de bateria.** G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/24/daniel-silveira-teve-ao-menos-30-violacoes-ao-uso-de-tornozeleira-22-vezes-por-falta-de-bateria.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2023.

MARTÍN, Maria. Não é uma banda de indie-rock, é a vanguarda anti-Dilma. **El País**, Brasil, 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html. Acesso em: 10 mar. 2024.

MARTINS, Marcelo Guerra; TATEOKI, Victor Augusto. Proteção de dados pessoais e democracia: fake news, manipulação do eleitor e o caso da Cambridge Analytica. **Revista Eletrônica Direito e Sociedade-REDES**, v. 7, n. 3, p. 135-148, 2019. DOI: <<https://doi.org/10.18316/redes.v7i3.5610>>

MOREIRA, M. **Democracias no século XXI:** causas, sintomas e estratégias para superar sua

crise. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, p. 15-49, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-0035/111>

MEDEIROS, Davi. **Por que Roberto Jefferson foi preso? Entenda o passo a passo até o ataque com granada à PF.** Estadão, 2022. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/politica/por-que-roberto-jefferson-foi-preso-entenda-o-passo-a-passo-ate-o-ataque-com-granada-a-pf/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

MEDO E DELÍRIO EM BRASÍLIA. II - Dias 701 a 707 | Proibido elogiar general, sujeito a paulada, Parte I | 27/11 a 03/12/2024. Central 3, 2024. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/1a4fMUxL31WagP4xWLvCbE>. Acesso em: 07 dez. 2024.

MEGALE, Bela. **As 8 provas do relatório final da PF sobre a atuação de Bolsonaro na trama golpista.** O Globo, 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/bela-megale/post/2024/11/as-8-provas-do-relatorio-final-da-pf-sobre-a-atuacao-de-bolsonaro-na-trama-golpista.ghml>. Acesso em: 29 nov. 2024.

MENDES, Sandy; ALCÂNTARA, Manoela. PL de Bolsonaro insiste em questionar resultado das urnas só no 2º turno. Metrôpoles, 2022. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2022/pl-de-bolsonaro-insiste-em-questionar-resultado-das-urnas-so-no-2-turno>. Acesso em: 18 nov. 2024.

METEORO BRASIL. **Bolsonaristas presos choram por socorro.** YouTube, 18 de dezembro de 2023a. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=zsoBeSkGODk&ab_channel=MeteoroBrasil. Acesso em: 30 mar. 2023.

METEORO BRASIL. **Dez frases de Bolsonaro que testaram sua paciência em 2020.**

YouTube, 19 de dezembro de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=kL1YMIXVEJw>. Acesso em: 02 mar. 2024

METEORO BRASIL. **Jovem Pan pode perder concessões.** YouTube, 24 de agosto de 2023b. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=HVfU4Jfjy3Y&t=299s&ab_channel=MeteoroBrasil. Acesso em: 25 mar. 2024.

METEORO BRASIL. O que é o MBL? #meteoro.doc. YouTube, 15 de janeiro de 2019a.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yHgVcDZumjw>. Acesso em: 10 mar. 2024.

METEORO BRASIL. **Tudo que você precisou desaprender para virar um idiota.** São Paulo : Planeta, 2019.

METRÓPOLES. [Sem título]. @metropoles. Instagram, 24 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DD9XdH3REM-/?igsh=MWszdTA5YTZtZ21vZg%3D%3D>.

Acesso em: 24 de dezembro de 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Transmissão. **Governo Federal**, 2021. Disponível em:

https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19/transmissao?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 05 nov. 2024.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL - MPF. **MPF pede cancelamento de outorgas de radiodifusão da Jovem Pan por desinformação e incentivo a ações antidemocráticas.**

Ministério Público Federal, 2022. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/noticias-sp/mpf-pede-cancelamento-de-outorgas-de-radiodifusao-da-jovem-pan-por-desinformacao-e-incentivo-a-acoes-antidemocraticas>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 32, n. 3, p. 725–747, 2018. DOI: 10.1590/s0102-69922017.3203008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/7719>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MIZIARA, Helen. [Sem título]. Twitter: @ellenmiziara. Uberaba, 24 jul. 2022. Disponível em: <https://twitter.com/EllenMiziara/status/1551370053286825985>. Acesso em: 05 mar. 2024.

MONEY REPORT. **Conheça Clula, o clone.** Money Report, Política, 2022. Disponível em: <https://www.moneyreport.com.br/politica/conheca-clula-o-clone/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MOTTA, Tarcísio. Eles ainda estão aqui. ICL Notícias, 2024. Disponível em: <https://iclnoticias.com.br/eles-ainda-estao-aqui/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MOTORYN, Paulo. **Gabinete de Bolsonaro admite não ter provas sobre suposta fraude eleitoral em 2018.** Brasil de Fato, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/28/gabinete-de-bolsonaro-admite-nao-ter-provas-sobre-suposta-fraude-eleitoral-em-2018>. Acesso em: 20 nov. 2024.

NEIVA, Lucas. **Fraude em atestado, prisões, mortes e ameaças: o conturbado passado de Daniel Silveira.** Congresso em Foco, 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/congresso-nacional/de-policia-truculento-a-reu-no-stf-entenda-quem-e-daniel-silveira/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

ORWELL, George. **1984.** Brasil : Pé da Letra, 2020.

OSMAN, Maddy. **Estatísticas e Fatos Surpreendentes do YouTube (2º Site Mais Visitado).** Kinsta, Marketing em vídeo, 2023. Disponível em: <https://kinsta.com/pt/blog/estatisticas-do-youtube/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

OS PINGOS NOS ÍS. **Alexandre de Moraes revoga prisão de Daniel Silveira.** YouTube, 2021a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ffrdMTS5BaI&list=PLGteIpUZCh5T2TnHF4oeV9MiIZ4wuY_U-&index=41. Acesso em: 03 nov. 2024.

OS PINGOS NOS ÍS. **Aras quer suspender MP de Bolsonaro pela liberdade digital.** YouTube, 2021b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uKAYnI0XaSg&list=PLGteIpUZCh5T2TnHF4oeV9MiIZ4wuY_U-&index=30. Acesso em 18 mai. 2023.

OS PINGOS NOS ÍS. **Ataque a canais ganha status de defesa da democracia.** YouTube, 2021k. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=mNh8pzyAQaA&list=PLGteIpUZCh5T2TnHF4oeV9MiIZ4wuY_U-&index=19. Acesso em: 18 mai. 2023.

OS PINGOS NOS ÍS. **Bolsonaro prepara projeto para garantir liberdade digital.** YouTube, 2021c. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=slfR8Gc0v_M&list=PLGteIpUZCh5T2TnHF4oeV9MiIZ4wuY_U-&index=15. Acesso em: 10 dez. 2023.

OS PINGOS NOS ÍS. **Daniel Silveira, o deputado que criticou o STF, é preso novamente.** YouTube, 2021d. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=J4LQjWV0Ngg&ab_channel=OsPingosnosIs. Acesso em: 18 mai. 2023.

OS PINGOS NOS ÍS. **Entrevista: Bernardo Küster, o homem mais censurado do Brasil.** YouTube, 2021e. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=ocZ4xBpRERw&list=PLGteIpUZCh5T2TnHF4oeV9MiIZ4wuY_U-&index=21. Acesso em: 20 out. 2024.

OS PINGOS NOS ÍS. **Governistas pedem prisão imediata de Bolsonaro após plano de militares para matar Lula.** YouTube, 2024a. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=B9gYaF_BliE&t=328s&ab_channel=OsPingosnosIs. Acesso em: 10 dez. 2024.

OS PINGOS NOS ÍS. **Macron limita liberdade de não vacinados.** YouTube, 2021f. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=po7kEoQz0VU&list=PLGteIpUZCh5T2TnHF4oeV9MiIZ4wuY_U-&index=8. Acesso em: 04 nov. 2024.

OS PINGOS NOS ÍS. **Ofensiva de Renan contra a Jovem Pan enfurece redes sociais.** YouTube, 2021g. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=IM0FdhdmdV9o&list=PLGteIpUZCh5T2TnHF4oeV9MiIZ4wuY_U-&index=13&ab_channel=OsPingosnosIs. Acesso em: 04 nov. 2024.

OS PINGOS NOS ÍS. **Os Pingos Nos Is - 24/04/2020 - Saída de Moro e crise no governo Bolsonaro.** YouTube, 2020. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=1ubH65NvsZc>. Acesso em: 18 mar. 2024.

OS PINGOS NOS ÍS. **São Paulo decide limitar a liberdade de não vacinados.** YouTube, 2021h. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=HjQQl29dL70&list=PLGteIpUZCh5T2TnHF4oeV9MiIZ4wuY_U-&index=21&ab_channel=OsPingosnosIs. Acesso em: 20 out. 2024.

OS PINGOS NOS ÍS. **Política se misturou com Justiça? Roberto Motta analisa indiciamento de Bolsonaro e 8 de Janeiro.** YouTube, 2024b. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=j9zAj2eoagU>. Acesso em: 10 dez. 2024.

OS PINGOS NOS ÍS. **Povo lota a Paulista para defender a liberdade e ouvir Bolsonaro.**

YouTube, 2021i. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=Fw2ccXNr8_o&list=PLGteIpUZCh5T2TnHF4oeV9MiIZ4wuY_U-&index=27. Acesso em 19 nov. 2024.

OS PINGOS NOS ÍS. **Twitter censura postagem de Guilherme Fiuza.** YouTube, 2021j.

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=vuGh0fotKUs&list=PLGteIpUZCh5T2TnHF4oeV9MiIZ4wuY_U-&index=23. Acesso em: 18 nov. 2024

PASSO A PASSO Empreendedor. A história da Jovem Pan. YouTube, 22 de dezembro de 2022. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=0bAs0j13A_0&ab_channel=PassoaPassoEmpreendedor. Acesso em: 30 mar. 2024.

PICOLI, Bruno Antonio. [Sem título]. Instagram, 24 de fevereiro de 2024. Acesso em: 24 fev. 2024.

PICOLI, Bruno Antonio. **Contraeducação histórica: a diagonal do agora e a utopia negativa.** Editora da PUCRS, 2021.

PICOLI, Bruno Antonio; CHITOLINA, Vanessa; GUIMARÃES, Roberta. Revisionismo histórico e educação para a barbárie: a verdade da “Brasil Paralelo”. **Revista UFG**, v. 20, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/64896>. Acesso em: 20 out. 2024.

PICOLI, B. A.; RADAELLI, S. M. Novidade sem o Novo: educação e inovação no neoliberalismo. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 31, p. e16169, 2024. DOI: 10.5335/rep.v31.16169. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/16169>. Acesso em: 17 dez. 2024.

PLÁ, Sebastián. **Investigar la educación desde la educación.** Ediciones Morata, 2022.

PODER 360. **“JP News” lidera entre canais pagos de notícia com ato de Bolsonaro.** Poder 360, 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/jp-news-lidera-entre-canais-pagos-de-noticia-com-ato-de-bolsonaro/#:~:text=Jovem%20Pan%20News%20%E2%80%93%200%2C7,BandNews%20%E2%80%93%200%2C3..> Acesso em: 25 mar. 2024.

PODER 360. **Roberto Jefferson ameaça embaixador chinês e o chama de “macaco”.** YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d-mtYxMceN8>. Acesso em: 15 out. 2024.

PROCURADORIA GERAL DA UNIÃO (PGR). **STF julga procedente ação do MPF e condena Daniel Silveira a mais de 8 anos de reclusão e à perda de mandato.** Ministério Público Federal, 2022. Disponível em: mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/stf-julga-procedente-acao-do-mpf-e-condena-daniel-silveira-a-mais-de-8-anos-de-reclusao-e-a-perda-de-mandato. Acesso em: 01 abr. 2023.

PROJETO COMPROVA. **Israel nega que seus dados permitam concluir sobre imunidade de infectados.** Estado de Minas, Internacional, 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/08/05/interna_internacional,1293180/israel-nega-que-seus-dados-permitam-concluir-sobre-imunidade-de-infectados.shtml. Acesso em: 07 dez. 2024.

POPPER, Karl Raimund. **A sociedade aberta e seus inimigos.** São Paulo : Ed. Universidade de São Paulo, 1972.

PORTAL FAN. **Bolsonaro defende tortura.** YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1KaA02clh8k>. Acesso em: 10 dez. 2024.

PUPPO, Amanda. **Bolsonaro: família é homem e mulher porque está na Constituição e na Bíblia.** Uol, 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/08/10/bolsonaro-familia-e-homem-e-mulher-porque-esta-na-constituicao-e-na-biblia.htm>. Acesso em: 20 fev. 2024.

RADAELLI, Samuel Mânica. **Direcionário - O dicionário reacionário.** Porto Alegre : Artes e Ofícios, 2022.

REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela; FRIZZERA, Luciano. Algoritmos e desinformação: O papel do YouTube no cenário político brasileiro. **VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política.** 2019. Disponível em: http://compolitica.org/novo/anais/2019_gt4_Reis.pdf. Acesso em: 27 mai. 2023.

RIEDER, Bernhard; MATAMOROS-FERNÁNDEZ, Ariadna; COROMINA, Óscar. Dos algoritmos de classificação às 'culturas de classificação' Investigando a modulação da visibilidade nos resultados de pesquisa do YouTube. **Convergência**, v. 24, n. 1, pág. 50-68, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1354856517736982>. Acesso em: 23 mai. 2023.

ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um mundo pós-político. Caminhos, 2021.

RODA VIVA. **Roda Viva | Jair Bolsonaro | 30/07/2018.** YouTube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDL59dkeTi0>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SALGADO, Daniel; GRILLO, Marco. Facebook derruba rede de fake news usada pelo MBL. **O Globo**, Política, 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/facebook-derruba-rede-de-fake-news-usada-pelo-mbl-22917346>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SANTOS, Francisco Rogério. Fantasmagoria: a chave para compreensão da modernidade em Walter Benjamin. **Cadernos Walter Benjamin**, v. 17, p. 77-93, 2016. Disponível em: https://www.gewebe.com.br/pdf/cad17/texto_05.pdf. Acesso em: 27 fev. 2024.

SBT News. Bolsonaro chama de "balela" documentos oficiais sobre ditadura | SBT Brasil (30/07/19). YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xAmbb0afWQ4>. Acesso em: 07 dez. 2024.

SDH ARGENTINA. **Juicio a las Juntas - Alegato del Fiscal Julio César Strassera.** YouTube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i18FQPnsyPc>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SENADO FEDERAL. **Código Penal: Decreto-lei nº 2.848/1940.** Disponível em: <https://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/608973>. Acesso em : 30 nov. 2024.

SILVA, Antoniel Guimarães Tavares; MENDES, Laurianne Guimarães. Estratégias discursivo-políticas no programa Morning Show da rádio Jovem Pan. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 22, n. 234, p. 257-268, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/61299>. Acesso em 12 jan. 2023.

SILVA, Mozart Linhares; SOUSA JÚNIOR, Manuel Alves. Necrobiopolítica, imunidade de rebanho e processos de educabilidade na gestão da pandemia da Covid-19 no Brasil. In: CANNAVÔ, Vinícius Barbosa; PINTO, Tainá Suppi; ROCHA, Cristianne Maria Famer (Orgs.). **Nos rastros de Foucault: diálogos contemporâneos.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, pp. 166 - 197. DOI 10.31560/pimentacultural/2022.94395

SOUZA, Ricardo Timm de. **Crítica da Razão Idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência.** Editora Zouk, 2020.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”.** Porto Alegre: L&PM, 2020.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL - STF. Relatório Nº 4546344/2024. STF, 2024. Disponível em: <https://noticias-stf-wp-prd.s3.sa-east-1.amazonaws.com/wp-content/uploads/wpallimport/uploads/2024/11/26160436/Relatorio-Final-PF-Site-2024-1.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2024.

TERRA BRASIL. **Em bloqueio, bolsonaristas comemoram notícia falsa da prisão de Alexandre de Moraes.** YouTube, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zrsaU4H5pvQ&ab_channel=TerraBrasil. Acesso em: 10 dez. 2024.

Think with GOOGLE. **Entenda o poder do YouTube.** 2017. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/entenda-o-poder-do-youtube/#:~:text=S%C3%B3%20no%20Brasil%2C%20s%C3%A3o%20cerca,representa%20um%20crescimento%20de%2054%25>. Acesso em: 10 mar. 2024.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL - TSE. **Comissão de Transparência das Eleições (CTE) fortaleceu canal de diálogo do TSE com a sociedade.** TSE, 2021. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/comissao-de-transparencia-das-eleicoes-cte-fortaleceu-canal-de-dialogo-do-tse-com-a-sociedade/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL - TSE. **Plano de Ação elaborado pela Comissão de Transparência deixará as eleições ainda mais seguras.** TSE, 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Abril/plano-de-acao-elaborado-pela>

comissao-de-transparencia-deixara-as-eleicoes-ainda-mais-seguras. Acesso em: 18. nov. 2024.

UOL. **Bolsonaro volta a dizer que é "imbrochável, imorrível e incomível"**. YouTube, 17 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-GTIirymemw>. Acesso em: 01 mar. 2024.

UOL. **Fotógrafo diz que bolsonaristas 'pedem socorro a extraterrestres' em vídeo; assista**. YouTube, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WWUB3neBIYc&ab_channel=UOL. Acesso em: 10 dez. 2024.

VALFRÉ, Vinicius; DE MORAES, Marcelo; SHALDERS, André. **Bolsonaro usa vídeos antigos da internet e fake news como 'prova' de fraude na urna**. Estadão, 2021. Disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-usa-videos-antigos-da-internet-e-fake-news-como-prova-de-fraude-na-urna/?srsltid=AfmBOorZIpz2_uKgPNyKP0JuVc3TtGzwt68uqRyUVbzuMKHT2RXkxmaq. Acesso em: 20 nov. 2024.

VAQUER, Gabriel. **YouTube atrasa resposta, e Jovem Pan perde até R\$ 20 milhões por mês sem monetização**. Folha de São Paulo, F5, 2023. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2024/02/youtube-atrasa-resposta-e-jovem-pan-perde-ate-r-20-milhoes-por-mes-sem-monetizacao.shtml>. Acesso em: 25 mar. 2024.

VERDÚ, Daniel. **Os dias tristes de Beppe Grillo, o palhaço que triunfou com o experimento político mais estranho da Europa**. El País, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-07-06/os-dias-tristes-do-palhaco-grillo-o-palhaco-que-triunfou-com-o-experimento-politico-mais-estranho-da-europa.html>. Acesso em: 07 fev. 2024.

VICE. **Charlottesville: Race and Terror – VICE News Tonight on HBO**. YouTube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RIrcB1sAN8I>. Acesso em: 20 fev. 2024.

VIVAS, Fernanda; FALCÃO, Márcio. **Moraes determina execução imediata da pena de Daniel Silveira**. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/23/moraes-determina-execucao-imediata-de-pena-de-daniel-silveira.ghtml>. Acesso em: 27 mai. 2023.

YANKEES, Sr. *Tik Tok*, 06 de abril de 2023. Disponível em: https://www.tiktok.com/@sr.yankees/video/7218970590919658757?is_from_webapp=1&sender_device=pc&web_id=7337553669560665606. Acesso em: 02 mar. 2024.